

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS

LUANA MENDES DALTRO

**YES, WE CAN: A TRANSIÇÃO CAPILAR DA MULHER NEGRA NA MÍDIA
TRADICIONAL E NAS REDES SOCIAIS**

Porto Alegre

2016

LUANA MENDES DALTRO

**YES, WE CAN: A TRANSIÇÃO CAPILAR DA MULHER NEGRA NA MÍDIA
TRADICIONAL E NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas, a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.

Orientadora: Prof. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado *Yes, we can: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais*, de autoria de Luana Mendes Daltro, estudante do curso de Comunicação Social – Relações Públicas, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 25 de Novembro de 2016.

Assinatura:

Prof. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow

Luana Mendes Daltro

**YES, WE CAN: A TRANSIÇÃO CAPILAR DA MULHER NEGRA NA MÍDIA
TRADICIONAL E NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Aline do Amaral Garcia Strelow (Orientadora)

Prof. Dra. Luciana Pellin Mielniczuk

Prof. Dra. Nísia Martins do Rosário

Porto Alegre, 07 de Dezembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio, carinho e dedicação nestes anos de graduação. Em especial, agradeço à minha mãe por ser uma mulher exemplar, que lutou para me educar e possibilitar uma educação de qualidade. À Milene pela irmã e companheira de vida, que sempre esteve comigo e me ensinou a lutar pelos meus objetivos.

À Aline Strelow por ser uma excelente orientadora. Por aceitar entrar nesse desafio comigo, pelo auxílio, conversas e contribuições que transformaram este trabalho num orgulho pessoal e acadêmico.

Ao quarteto por tudo. Durante quatro anos e meio, construímos uma amizade que transcendeu os muros da universidade e transformou os anos de graduação num momento inesquecível e insubstituível no meu coração. À Marina pelo seu jeito transparente e por sua amizade de todas as horas. Ao Felipe pela sintonia criada entre nós e ao William por ser tão presente e verdadeiro.

À Jéssica Borges e Jéssica Regina por me auxiliarem e darem força neste período de trabalho de conclusão de curso. Mas, sobretudo, por serem amigas da vida, que carrego sempre no meu coração.

Às gurias do FMRP pela parceria e amizade, que entenderam meu momento de finalização da faculdade e me apoiaram nesse processo.

Ao Henrique, por ser um namorado que me deu força, apoio, ajuda e, principalmente, amparo nos momentos de dúvidas.

À Hayane pela inspiração como mulher negra e auxílio para construção deste trabalho. À Tatiane e Juliana pela ajuda e indicações de referências bibliográficas para compor a conjuntura histórica da mulher negra nesse estudo. Elas são mulheres de resistência e representatividade para mim.

À Cleunice e Milena por estarem comigo desde o início da graduação e pela amizade, parceria e união consolidadas nestes anos. À Amanda pela sua leveza de amizade e espelho de mulher para vida. À Bruna, por ser uma mulher admirável, companheira e que é um exemplo de dedicação.

À Katiúscia por abrir os meus olhos para o que é ser negra. Pelas conversas e debates nestes quatros anos, pois me fortaleceram como pessoa. Ela é uma das responsáveis pela abordagem da temática negra neste trabalho.

Ao movimento negro, pela luta e resistência para democratizar as universidades públicas com a política de ações afirmativas. Assim, agradeço também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo ensino de excelência e por seus educadores, que me transformaram em uma futura profissional, que compreende o contexto social da comunicação e sua função estratégica neste cenário.

Por fim, agradeço a todas às mulheres negras que me inspiraram e que fizeram parte, diretamente ou indiretamente, deste estudo. Dedico este trabalho a vocês, principalmente, as que sonham em cursar uma universidade. Acreditem: sim, vocês podem!

Tinha sete anos apenas, apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua me gritaram: Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Por acaso sou negra?- me disse
SIM!
Que coisa é ser negra?
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos e mirei apenas minha carne
tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas minha pesada carga
E como pesava!
Alisei o cabelo,
Passei pó na cara e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma
palavra:
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
E daí? Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra
Negra sou
De hoje em diante não quero alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles que por evitar – segundo eles – Chamam aos negros de
gente de cor
E de que cor!
Negra
E como soa lindo!
Negro
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro

Afinal
Afinal compreendi
Afinal
Já não retrocedo
Afinal
E avanço segura
Afinal
Avanço e espero
Afinal
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
Afinal
Já tenho a chave!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negra sou! (CRUZ, Victoria Santa. *Me gritaram negra*)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a temática da transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e no site de rede social Facebook. O objetivo geral é analisar como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016. Os objetivos específicos são: identificar os principais temas acerca do processo de transição capilar da mulher negra contemplados nos grupos escolhidos e verificar como são abordadas as temáticas acerca desse processo pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período delimitado. A metodologia utilizada nesta pesquisa está amparada na análise de conteúdo (AC) à luz de Bardin (2011), assim compreendem-se as comunicações e objetivos como método empírico relacionado a diferentes formas e aplicações no que tange às comunicações. Percebeu-se com a análise que há uma crescente publicação e circulação de textos sobre o cabelo crespo da mulher negra, que ocorre de maneira mais intensa e especializada nos grupos que reúnem essas mulheres nos sites de redes sociais, mas que alcança, de forma gradativa, os meios de comunicação tradicionais, em um movimento de reprogramação e como resultado de um exercício de contrapoder, protagonizado pelas mulheres negras através da Internet.

Palavras-chave: Mídia e mulheres negras. Cabelo crespo. Transição capilar na mídia. Poder e contrapoder na Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Retrato de mulheres negras no período	21
Figura 2 – Capa Jornal <i>O Exemplo</i>	23
Figura 3 – Mulher Negra Século XIX	62
Figura 4 – Mulher Negra Século XXI	62
Figura 5 – Matéria Revista <i>Donna</i>	81
Figura 6 – Matérias com Ana, Carol e Jaque	83
Figura 7 – Capa Revista <i>sãopaulo</i>	84
Figura 8 – A convergência das Mídias	85
Figura 9 – Identidade e Moda.....	86
Figura 10 – <i>Prints</i> Depoimentos	89
Figura 11 – <i>Prints</i> Cabelo sem Química.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temas Jornais: <i>Zero Hora</i> e <i>Folha de São Paulo</i>	58
Gráfico 2 – Temas <i>Zero Hora</i>	59
Gráfico 3 – Temas <i>Folha de São Paulo</i>	59
Gráfico 4 – Grupos de transição no Facebook.....	70
Gráfico 5 – Grupo Transição Depoimentos	71
Gráfico 6 – Grupo Transição Sem Química	71
Gráfico 7 – Transição Capilar: Reprogramação em Rede.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A MULHER NEGRA NO BRASIL	20
2.1 A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA: DA SOCIEDADE ESCRAVISTA À PÓS-MODERNIDADE	20
2.1.1 A resistência negra	24
2.2 INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, CLASSE E RAÇA	26
2.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA	28
2.4 O CORPO E O CABELO CRESPO COMO EXPRESSÃO.....	32
2.4.1 Cabelo Crespo como Poder	33
3 O DISCURSO DA MÍDIA	38
3.1 DISCURSO E PODER NA MÍDIA	38
3.2 O PODER E O CONTRAPODER DA COMUNICAÇÃO.....	43
3.3 JORNAIS DE REFERÊNCIA.....	46
3.4 REDES SOCIAIS – AS COMUNIDADES VIRTUAIS EM REDE	48
3.5 AS RELAÇÕES DA REPROGRAMAÇÃO EM REDE	51
4 CABELOS EM TRANSIÇÃO	54
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
4.2 A TRANSIÇÃO CAPILAR NOS JORNAIS E NOS GRUPOS DO FACEBOOK	58
4.3 JORNAIS: NOVOS TEMAS EM CONSTRUÇÃO.....	58
4.3.1 Empoderamento: das mulheres reais ao cabelo como identidade	59
4.3.2 Moda – Ruptura de padrões, sim!	64

4.3.3 Cuidados – Enaltecimento da mulher negra	65
4.3.4 Liberdade – A busca contínua	66
4.3.5 Racismo: Ainda precisamos falar sobre isso!	67
4.4 REDES SOCIAIS – GRUPOS DE TRANSIÇÃO NO FACEBOOK	70
4.4.1 Incentivo: Seguimos	72
4.4.2 Incentivo: Cuidados	73
4.4.3 Incentivo: Referência	74
4.4.4 Incentivo: Relato	75
4.4.5 Pós-BC: A Mudança!	76
<i>4.4.5.1 Pós-BC: Antes e Depois</i>	76
<i>4.4.5.2 Pós-BC: Aceitação</i>	77
4.4.6 Liberdade: Ato político!	78
4.5 EMPODERAMENTO E INCENTIVO	79
4.5.1 Empoderamento: Resistência!	79
4.5.2 Incentivo – Motivação!	86
4.6 A REPROGRAMAÇÃO EM REDE COM A TRANSIÇÃO	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A – Matéria <i>Street hair</i> POA	104
ANEXO B – Manifesto de mulheres reais	105
ANEXO C – <i>Queen B</i>	106
ANEXO D – Sem Tempo Ruim	107
ANEXO E – <i>Power Girl</i>	108

ANEXO F – Kbela	109
ANEXO G – Mc Soffia	110
ANEXO H – <i>Black Divas</i>	111
ANEXO I – Couro da cabeça aos pés	112
ANEXO J – Beleza Negra	113
ANEXO K – Entrevista Cacau Protásio	114
ANEXO L – Pantera Negra	115
ANEXO M – Yasmin Thayná e o racismo	116
ANEXO N – Estrela Obama	117
ANEXO O – Incentivo: Segunda Chance	118
ANEXO P – Incentivo: Cabelo Curto	119
ANEXO Q – Incentivo: Rapunzel	120
ANEXO R – Cuidados: Tranças	121
ANEXO S – Cuidados – Drads	122
ANEXO T – Cuidados: Peruca	123
ANEXO U – Referência Gil Vianna	124
ANEXO V – Referência: Me segue	125
ANEXO W – Referência: Ajuda	126
ANEXO X – Referência	127
ANEXO Y – Relato: Não é moda	128
ANEXO Z – Relato: Imposições	129
ANEXO AA – Relato: Mudanças	130
ANEXO BB – Pós-BC: Satisfação	131

ANEXO CC – Pós-BC: Evolução	132
ANEXO DD – Pós-BC: Liberdade	133
ANEXO EE – Pós-BC: Assumida.....	134
ANEXO FF – Raízes	135
ANEXO GG – Amor pelo cabelo	136
ANEXO HH – Reassumir	137
ANEXO II – Persistência.....	138
ANEXO JJ – Não é estética.....	139
ANEXO KK – Não é moda	140
ANEXO LL – Liberdade Capilar	141
ANEXO MM – Não desistam	142
ANEXO NN – Inspirações.....	143
ANEXO OO – Pelos cabelos naturais	144
ANEXO PP – Realizada	145
ANEXO QQ – Venci a transição.....	146
ANEXO RR – Cabelo é poder.....	147
ANEXO SS – Incentivo é tudo	148

1 INTRODUÇÃO

O princípio de liberdade fundamenta os ideais da humanidade desde o surgimento da civilização. Historicamente, os indivíduos lutaram e defenderam sua conquista por acreditar que a liberdade é uma ação que não interfere no direito do outro. Entretanto, a constituição da sociedade junto a sua cultura e regras estabelece limitações e padrões aos sujeitos no âmbito social.

O corpo tornou-se uma das principais referências de expressão e comunicação para demonstrar a liberdade. Nesse aspecto, pode-se destacar a cabeça e o cabelo como objetos corporais, que identificam o indivíduo e exercem o poder de representar a cultura dos povos. Neste trabalho, abordam-se os cabelos crespos para as mulheres negras brasileiras, que expõem a luta pela liberdade e direitos de igualdade e cidadania (LODY, 2004). A naturalização do cabelo crespo e seu processo de valorização podem ser vistos como expressão de liberdade corporal, enaltecimento da beleza negra e orgulho identitário.

No Brasil, a valorização do cabelo crespo é um fenômeno crescente. Essa ação emerge, concomitantemente, ao crescente debate acerca das imposições ainda enfrentadas pela mulher negra no século XXI. Essas advêm do processo socio-histórico do Brasil, que definia o negro como inferior e submisso ao branco, tanto no sentido social e político quanto em âmbito econômico (SOUZA, 1983). Além disso, o discurso imposto pela cultura eurocêntrica consolida um padrão de beleza como hegemônico - o do cabelo liso, por sua vez, desqualifica o uso do cabelo armado e com volume, considerado como ruim (SILVA; BRAGA, 2015).

O regresso do cabelo natural da mulher negra pôde ser visto com o surgimento da transição capilar¹, que consiste no ato de interromper o uso de produtos químicos, como relaxamento e alisamento, que modificam a estrutura capilar. Analisar a transição capilar para as mulheres negras é um processo que simboliza um ato político frente à sociedade, pois demonstra a importância da valorização do cabelo crespo e a libertação das imposições dos padrões sociais. Esse processo vai além do individual, torna-se coletivo, já que o cabelo crespo é um objeto corporal expressivo das construções sociais, que o colocam como inferior.

¹ Processo de naturalização dos fios capilares, ou seja, desistir da aplicação de produtos químicos e técnicas para alisamento (ou relaxamento) e permitir o crescimento natural dos cabelos (ENCRESPANDO, 2013).

Além disso, aparece como elemento corporal visível para identificar esse processo, pois reflete a inclusão e segregação na sociedade.

Ao longo da última década, houve um crescimento de trabalhos acadêmicos relacionados à temática negra junto aos estudos de comunicação. Estes buscam, em sua maioria, demonstrar a representação do negro na mídia e na publicidade, a imagem de personagens negros, e principalmente, pesquisas que envolvem a identidade negra como objetos de análise da comunicação. Aliado ao tema desta pesquisa, ainda são escassos os trabalhos envolvendo a abordagem do cabelo crespo na comunicação, contudo há referências como a monografia de Balhego (2016) sobre o uso do cabelo crespo em anúncios publicitários. Frente a essa perspectiva, a importância dessa pesquisa surge amparada ao estudo desta nova ordem de aceitação dos cabelos crespos das mulheres negras, assim como aborda uma temática social que está vigente para um grupo da sociedade brasileira.

Em 2015, o movimento ganhou visibilidade em produções midiáticas e cinematográficas em diferentes formatos²: reportagens, novelas, personagens, pauta de programas de entretenimento, filmes, marchas, além de campanhas de marcas para a venda de produtos incentivando o uso do cabelo cacheado e crespo. Torna-se importante compreender as temáticas produzidas pela mídia acerca da transição capilar por abarcar a importância acadêmica e social de negros e negras nos estudos da comunicação.

Percebe-se que os sites de redes sociais impulsionaram a exposição da transição capilar, pois essas funcionam como facilitadoras das interações, relações e laços sociais (RECUERO, 2009). Essas servem de ambiente para comunidades virtuais atuarem como espaço de troca de vivências entre as mulheres negras que passam pela transição capilar. Nesse sentido, ressalta-se a importância da análise temática dos grupos produzidos no site de rede social Facebook sobre a transição capilar.

A partir do exposto, aponta-se a pergunta problema deste estudo: Como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período

² Matérias sobre os formatos da temática na mídia: “‘Kbela’, o curta que trata da afirmação e relação da mulher negra com seu cabelo” (GLOBO NEWS, 2015); “Mulheres entram na onda de fugir da química no cabelo e do alisamento” (GLOBO PLAY, 2015); Freitas (2016).

de julho de 2015 a julho de 2016? Para ancorar essa pergunta, foi elencado um objetivo geral que visa: analisar como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016. E como objetivos específicos: entender os principais temas produzidos no processo de transição capilar da mulher negra nos grupos escolhidos e verificar como são produzidas as temáticas acerca da transição capilar pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período delimitado. O período escolhido deve-se a visibilidade do tema em 2015 e sua continuidade neste ano.

Para compor o *corpus* deste trabalho foram utilizadas postagens dos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site de rede social Facebook. A partir da busca pelo termo “transição capilar” neste ambiente foram encontrados 39 grupos que abordam a temática e escolhidos os dois grupos com o maior número de integrantes e que continham postagens no período de julho de 2015 a julho de 2016. O grupo *Transição Capilar – Cabelos sem química* foi escolhido por apresentar o maior número de participantes no site de rede social Facebook, com 40.718 membros. O segundo grupo com maior número de participantes foi desconsiderado pela sua criação ter ocorrido em novembro de 2015, assim não contempla os meses anteriores delimitados neste estudo. Por isso, o grupo *Transição Capilar – depoimentos* compôs o *corpus* deste estudo por conter o terceiro maior número de participantes com 15.452 membros.

Na perspectiva dos jornais, escolheu-se a *Folha de São Paulo* por ser um dos jornais de maior circulação e referência no país, e *Zero Hora* também por ser considerado um jornal de referência, mas em âmbito regional – neste estudo, no estado do Rio Grande do Sul, onde se origina e se produz a pesquisa. As matérias selecionadas nestes veículos são relacionadas aos termos “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro” nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016, correspondentes à transição capilar.

Para tal fim, utiliza-se como metodologia a Análise de Conteúdo (AC) à luz de Bardin (2011). A partir deste método, busca-se compreender nas três fases propostas pela autora as temáticas que serão elucidadas na análise. Este trabalho está dividido em dois capítulos teóricos e um de análise para assim chegar às considerações finais. O primeiro capítulo demonstra o contexto sócio-histórico da

mulher negra no Brasil, a partir de Schumacher e Vital Brazil (2007), Freyre (1963), Silva (2010), González (1982), Lody (2004), Crenshaw (2002), Hirata (2014), Biroli e Miguel (2015), Souza (1983), Hall (2000), André (2008) e Gomes (2002). O segundo capítulo apresenta os discursos das mídias e dos sites de redes sociais, a partir de Kellner (2001), Santaella (2003) Charaudeau (2007), Castells (2015), Thompson (2013) e Recuero (2009). Após a fundamentação teórica, parte-se para análise do objeto do estudo e, posteriormente, desenvolvem-se as considerações finais acerca do tema escolhido.

O título deste trabalho é alusivo ao slogan da campanha eleitoral para presidência dos Estados Unidos, realizada pelo então candidato Barack Obama, em 2008. Esse foi eleito como primeiro presidente negro do país, que detém a maior força política do mundo. Além de reforçar a importância desta conquista, *yes, we can*, como título deste estudo, torna-se emblemático por dizer às mulheres negras que elas podem e têm direito de se empoderar, se incentivar e lutar contra as opressões da sociedade.

Portanto, busca-se neste estudo poder elencar subsídios para construir uma valorização de pesquisas sobre os negros e as negras no Brasil, principalmente, no que tange ao campo da comunicação. Acredita-se que a comunicação reproduz, reforça e mantém discursos desumanizados sobre esses, enraizados nas construções sociais do país. Assim, há a necessidade da constituição de discursos positivos sobre os negros a partir do desenvolvimento de trabalhos neste âmbito. Afinal, o campo das ciências sociais aplicadas, pode tornar-se um dos espaços para combater os estereótipos e estigmas acerca do negro, principalmente, da mulher negra como objeto desse estudo.

2 A MULHER NEGRA NO BRASIL

O corpo negro é cercado de produção de sentidos associado às marcas de identidade, a resistência e ao orgulho negro. Esse se destaca como elemento corporal para analisar as imposições e estigmas nos seus corpos, principalmente, da mulher negra ao longo da história do Brasil.

Para analisar o cabelo crespo nos jornais e nos grupos do site de rede social Facebook, busca-se neste capítulo traçar os principais pontos de sua trajetória e resistência desde a sociedade escravista à pós-modernidade. Além disso, apresenta-se um breve aparato conceitual sobre a interseccionalidade entre classe, raça e gênero a partir da mulher negra, que analisa as construções sociais e relações de poder predominantes, que resultam em disparidades sociais frente à mulher branca na sociedade brasileira atual. Verifica-se também a construção da identidade negra, uma vez que suas características são consideradas como inferiores no imaginário social, oriundas da imposição do homem branco colonizador sobre o corpo negro (SOUZA, 1983). Por fim, analisa-se o corpo negro e o cabelo crespo que são símbolos das opressões que cercam a mulher negra.

2.1 A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA: DA SOCIEDADE ESCRAVISTA À PÓS-MODERNIDADE

A história da mulher negra no Brasil inicia-se com a chegada das mulheres africanas no país. Esse processo ocorre em meados do século XVI, quando “[...] foram traficados para o Brasil em torno de quatro milhões de pessoas escravizadas” (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 15), sendo que o número de mulheres era 20% inferior ao número de homens. Conforme apontam os autores, na viagem as mulheres negras eram submetidas a más condições de sobrevivência, além de serem abusadas sexualmente pelos tripulantes do navio. As sobreviventes chegavam ao país em péssimas condições de saúde e após o desembarque eram expostas nos mercados de escravos.

A dominação e a apropriação de territórios demarcavam as relações de poder no período. Essas, por sua vez, também impactavam na dominação do corpo negro, principalmente, da mulher negra. De acordo com Schumacher e Vital Brazil (2007), os donos de escravos buscavam nessas mulheres características para utilizá-las tanto

no trabalho forçado, quanto em relações sexuais. Nesse sentido, a descrição dos traços corporais das escravas para venda era comum, conforme apontam os relatórios e os diários dos traficantes de escravos: “[...] uma mulher de cinco pés de altura, cara redonda, olhos grandes, nariz chato, beijos revirados, principalmente, os de baixo e pés pequenos” (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 20). Percebe-se neste relato que seu corpo era visto como objeto exótico a ser analisado e caracterizado pelos olhos eurocêntricos dos homens brancos.

Essa representação do corpo da mulher negra também se refletiu em pinturas e telas no século XIX. Segundo Schumacher e Vital Brazil (2007), esses registros foram feitos, em suma, no âmbito do trabalho. Entretanto, ressalta-se que as pinturas e retratos também reforçavam a visão do corpo da mulher negra como um objeto sexualizado e submetido a padrões pelo homem branco. Para ilustrar, selecionaram-se duas imagens da publicação dos autores, que demonstram essa construção de sentidos dos corpos negros. Na figura 1, retrata-se uma pintura feita no século XIX de uma mulher negra, na qual foram incorporados ritos e costumes do homem branco (esquerda), tais como vestimentas e acessórios utilizados pela mulher branca. Compreende-se que essa imagem expõe a normatização que o homem branco colonizador buscava com seus criados, isto é, convertê-los aos padrões eurocêntricos. Também há uma pintura feita no século XIX com uma mulher negra de seios, pernas e braços descobertos, mostrando-a como um corpo sexualizado e forçado ao trabalho (direita). Observa-se a mulher com uma bacia com frutas junto a uma criança negra, que reforça sua força e o seu cuidado com os filhos. Conforme é evidenciado abaixo:

Figura 1 – Retrato de mulheres negras no período



Fonte: Schumhaer e Vital Brazil (2007)

A representação do negro na mídia pode ser vista nas revistas e nos anúncios dos jornais do período. Nas revistas, Schumacher e Vital Brazil (2007) apontam a criação da *Revista Ilustrada*, publicada no Rio de Janeiro pelo italiano Angelo Agostini, que demonstrava os acontecimentos da época por meio de retratos e charges. Contudo, o negro era exposto de modo caricato no veículo, exceto as mulheres negras vistas como bonitas, o que reforça novamente a concepção eurocêntrica sob o corpo negro. Já Freyre (1963) desenvolve uma análise sobre como o negro era retratado em anúncios de jornais da época. Segundo o autor, estes desempenhavam diferentes funções, como compra, venda e aluguel de escravos e no relato de seu desaparecimento. Os anúncios descreviam seus traços corporais como dentadura, faces, deformações intencionais ou provocadas por agressões, marcas que poderiam identificar sua região da África e facilitar sua recuperação ou venda. Essa medida também era habitual, pois assim os donos de escravos poderiam manter separados os escravos vindos de tribos iguais, e assim dificultar o planejamento de revoltas ou fugas. Segundo o autor, os anúncios ilustravam o comportamento da população escrava e à sua força de trabalho, assim são identificados com importante mecanismo para compreender a construção do Brasil a partir da escravidão.

De modo a difundir uma mídia para os negros e as negras nasce a Imprensa Negra, que se constitui como um movimento “de caráter transatlântico e transversal”, que exerce um papel social e cultural para afirmação identitária do negro. Segundo Alakija (2012), o *Homem de cor* é considerado o pioneiro da imprensa negra no Brasil, desenvolvido por Francisco de Paula Brito, em 1833, no Rio de Janeiro. Ao longo da história, a imprensa negra utiliza seu papel para difundir mensagens de luta e de resistência aos negros, dentre eles, pode-se apontar sua função política contra o mito da democracia racial.

Para contrapor as concepções negativas acerca do negro de modo local, aponta-se a fundação do jornal *O Exemplo*, em 1882. Este surge para possibilitar a justiça, a inclusão social e combate ao racismo por meio da mídia. Considerado o primeiro registro impresso da história do negro porto-alegrense (VIEIRA; ZUBARAN, 2006), culminando na criação de outros periódicos, tais como *A Alvorada* (1907), *A Pátria* (1889), *Tribuna Negra* (1928) entre outros. De acordo com os autores, foi no início do século XX, que o jornal publicou as primeiras denúncias sobre a discriminação racial em Porto Alegre, tais como os abusos contra as mulheres

negras, a violência policial nas ruas sem justificativa, entre outros. Conforme se percebe abaixo:

Emergimos do meio do povo para rebatermos os golpes de desprezo que os preconceitos estúpidos pensam desferir contra a incerteza de nosso caráter para clamar por justiça, quando qualquer violência venha ferir nossos direitos perante as leis (O *EXEMPLO*, 26/out/1902 *apud* VIEIRA; ZUBARAN, 2006, p. 04).

Segundo Vieira e Zubaran (2006), além de funcionar como forma de resistência e dar voz ao povo negro, o jornal também abordava o racismo institucional dos periódicos da cidade de Porto Alegre, em especial, do *Correio do Povo* – principal jornal da época. Cabe ressaltar que, de acordo com os autores, essas denúncias ocorriam em um período no qual a sociedade não admitia que houvesse racismo no Brasil, originado pelo mito da democracia racial – o qual será abordado no subcapítulo 2.3. Abaixo a capa do Jornal:

Figura 2 – Capa Jornal O Exemplo



Fonte: Cultura Digital (2016)

Percebe-se que os autores desenvolvem suas análises acerca da temática abarcando os mecanismos de opressão social sofridos pela população negra no período escravocrata. Constrói-se, assim, uma percepção de como o corpo negro era retratado tanto em pinturas, quanto a partir de anúncios da mídia. Desse modo, compreende-se que os jornais desempenharam um papel fundamental como forma de registro da sociedade escravocrata e da ordem social imposta. Mas, cabe ressaltar a resistência negra no período, que possibilitou redes de sociabilidade, a criação de quilombos e principalmente, a participação da mulher negra nessa luta

2.1.1 A resistência negra

Segundo Silva (2010), a participação da mulher negra na sociedade escravista é extremamente importante pelos diferentes papéis sociais, aos quais foi submetida. Dentre esses, pode-se citar suas diferentes formas de atuação como – mucama, cozinheira, acompanhante das senhoras, seu trabalho na agricultura, o cuidado com os filhos, amas de leite, e, principalmente, a luta pela liberdade. Conforme aponta a autora, as ações da mulher negra durante o período escravocrata foram invisibilizadas na história, obtendo maior destaque somente em 1980 com uma releitura sobre o período. As mulheres negras escravizadas articulavam movimentos para exigir seus direitos no período de escravidão, assim como construía redes de solidariedade como pleito de sua liberdade. Em diferentes circunstâncias, a mulher negra foi silenciada, seja pela opressão racial, sexual ou de classe, relações que são expostas em convergência no subcapítulo 2.2 sobre interseccionalidade. Contudo, sua resistência pode ser vista como ponto forte, ciente de que:

Ser mulher [negra], e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis a exploração, tanto econômica quanto sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos (GIACOMINI, 1988, p. 26 *apud* SILVA, 2010, p. 03).

A resistência do povo negro contra as imposições do homem branco apresenta diferentes faces ao longo da história. No período escravocrata, conforme aponta González (1982), os quilombos foram os primeiros modos de resistência organizados para combater a exploração do negro. Construídos na extensão do território brasileiro, esses serviam como grupos alternativos, que buscavam constituir uma sociedade igualitária e democrática. Já no período Republicano, o negro livre enfrenta a condição social de ser um cidadão que não está inserido na sociedade da época. Conforme aponta Lody (2004), a partir da importação de mão de obra europeia para atender o ciclo do café, o negro é substituído pela chegada dos imigrantes. Essa posição advém do projeto de embranquecimento da população que fez prevalecer o racismo e a discriminação racial atuais no país, que será abordado no subcapítulo 2.3.

De acordo com Lody (2004), os modos de resistência e conquista de direitos após a abolição aconteceriam a partir da própria luta dos negros. Ainda no século XX, surge em 1931, o primeiro movimento negro organizado no Brasil, a Frente Negra Brasileira, criada para combater a discriminação racial e o mito da democracia racial imposto pelo homem branco dominante. Já na década de 1960, torna-se emblema o “corpo assumido” (LODY, 2004), o qual buscava enaltecer a beleza negra como sinal diacrítico de orgulho identitário e assumir o cabelo *black power*. Assim, segundo o autor, percebe-se a estética auxiliando os movimentos negros para fortalecer a naturalização do cabelo como ato político. Segundo González (1982), a imagem atribuída à mulher negra na década de 80 é altamente negativa na sociedade brasileira. Conforme já exposto neste estudo, essa concepção é fruto da exploração do seu trabalho e ao apelo sexual depositado em seu corpo, que continua vigente.

Na contemporaneidade, surgem esforços e estratégias para combater as formas de opressão sofridas pelo negro. Percebe-se a formação de veículos para abordar a temática negra na busca de uma imagem positiva e da inserção destes na mídia hegemônica, assim como despontam formatos independentes de produção. Aponta-se como exemplo a revista *Raça Brasil*, fundada em 1996, que pode ser considerada a mais expressiva publicação comercial do país acerca da temática negra na época, segundo Santos (2004). Em entrevista concedida para sua dissertação *O Negro representado na revista Raça Brasil: A estratégia de mídia étnica*, o editor chefe da revista no período, Aroldo Macedo, explica que a importância social dada ao periódico não era o objetivo da revista. Contudo, na análise do estudo, percebeu-se que os leitores incorporam os conteúdos publicados pelo periódico e geram, assim, uma produção de sentidos positiva acerca de si. A revista *Raça Brasil* não está mais em circulação, mas foi substituída pela criação da revista *Afro Brasil* lançada em abril de 2016, e assim continua sua produção da temática negra.

Compreendeu-se o modo de inserção da mulher negra proposto pelos autores, possibilitando um breve compacto dos modos de resistência ao longo dos séculos. Salientam-se seus esforços na busca pela liberdade, na articulação de movimentos negros e na construção de redes de solidariedade após o período de abolição. Além disso, apontou-se o cenário da mídia negra no país, a qual é produtora de sentidos e de representações para os negros. Porém, cabe ressaltar

que o poder de julgamento do branco acerca do negro ainda se faz presente no século XXI. Como reflexos oriundos da sociedade escravocrata, a mulher negra segue sendo objeto de imposição e julgamentos em uma sociedade pós-moderna, na qual ainda aparece como inferior à mulher branca, pois há mecanismos de subordinação como raça, gênero e classe, que explicam essa situação.

2.2 INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, CLASSE E RAÇA³

Frente à condição social da mulher negra no Brasil, compreende-se a necessidade de abordar o conceito de interseccionalidade, pois explica as consequências que mecanismos de subordinação como classe, gênero e raça têm:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Hirata (2014) acredita que a origem do termo interseccionalidade advém do movimento *Black Feminism* no final dos anos 70, o qual fazia crítica “[...] contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo” (HIRATA, 2014, p. 62). O conceito de interseccionalidade propõe uma compreensão sistêmica e aprofundada de como os mecanismos de opressão agem discriminatoriamente na sociedade, não as hierarquizando. Em contrapartida para Danièle Kergoat (2012 *apud* Hirata 2014), o conceito de interseccionalidade pode proporcionar uma fragmentação das práticas sociais por conter múltiplas categorias. Segundo a autora, os pesquisadores do termo não compreendem as relações sociais, dando ênfase a eixos sem analisar seu contexto histórico e sua forma de dominação. A crítica de Kergoat torna-se importante por analisar a atuação multifacetada que o conceito pode adquirir ao associar diferentes formas de opressão e, por sua vez, resultar em sua superficialidade. Entretanto, acredita-se que a análise em intersecção aponta as

³ Neste estudo utiliza-se o termo raça para designar especificidades que sua conotação ganha na sociedade. Em especial, quando se aborda a categoria de interseccionalidade faz-se necessário compreender as convergências entre gênero, raça e classe, pois nesse sentido apontam-se as discriminações raciais sofridas pelo negro.

diferentes dinâmicas e resultados estruturais que causam as opressões sociais como no caso da mulher negra, exemplificado pelo conceito de Crenshaw (2002).

Para Biroli e Miguel (2015), as análises estruturais de gênero, raça e classe devem ser pensadas em convergência, e não mais de modo isolado como algumas teorias afirmavam. Para eles, seu alinhamento estabelece uma interpretação aprofundada e eficaz de sua atuação. Essa análise pode ser compreendida a partir dos dados da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2014, apontados pelos autores. A pesquisa demonstra que há uma disparidade entre mulheres brancas e negras associadas à pobreza no Brasil. Percebe-se uma aproximação entre mulheres negras e homens negros, mas ainda identificam-se essas em posição inferior, enquanto se encontram os homens brancos em uma melhor posição frente às mulheres e ao homem negro. Para Biroli e Miguel (2015, p. 41), os dados da pesquisa reforçam que não se pode analisar a diferença de classe apenas pelo viés de gênero, pois apontam que “[...] gênero, raça e classe produzem conjuntamente as hierarquias que colocam mulheres negras em posição de maior desvantagem”. Nesse processo, eles compreendem a categoria de interseccionalidade como modo de compilar as diferentes formas de opressão. Para tanto, acreditam que as pesquisas do termo englobam questões teóricas e metodológicas, que dialogam com relações e vivências dos indivíduos. Cabe ressaltar que as “[...] opressões são estruturais” (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 50, grifo do autor) e assim, o objetivo é identificar como atuam essas estruturas de desigualdade em conjunto. Nesse sentido, os autores propõem que a interrupção das diferentes formas de opressão deve ser pensada sob o viés das dimensões da produção do conhecimento e da luta política.

O conceito de interseccionalidade explica a situação da mulher negra no Brasil, pois demonstra a partir dos pilares – gênero, raça e classe – os modos de opressão sofridos por essa na sociedade brasileira. A invisibilidade e a opressão racial da mulher negra são pontos importantes para compreender essa convergência, uma vez que “[...] ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZÁLEZ, 1982, p. 97).

A interseccionalidade como categoria que integra os mecanismos de opressão da mulher negra pode corroborar com a análise de elementos identitários, corpóreos e na luta contra os padrões. Expõem-se as imposições dos padrões

eurocêntricos em seu corpo, principalmente, no cabelo oriundo das construções sociais da sociedade. Essas são reforçadas pelos meios de comunicação, pois adquirem o poder de construir e reconstruir os sistemas de representação. Assim, parte-se do pressuposto que os meios de comunicação são um dos responsáveis por reforçar as representações sociais na sociedade e os estereótipos, em sua maioria, negativos acerca do negro por meio de discursos:

Toda formação discursiva é um lugar de poder, e não há nenhum lugar de poder onde a dominação, subordinação, solidariedade e filiação baseadas em princípios igualitários, ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas de uma vez por todas (BRAH, 2006, p. 373).

A atuação do discurso na reprodução dos modos de opressão vigentes na sociedade se fortalece nas relações de poder como mecanismos de dominação e subordinação estruturais. Por isso, ressalta-se a importância em analisar a interseccionalidade nas relações de poder das sociedades. A partir disso, faz-se necessário compreender como esse contexto influencia a identidade negra, visto que suas características tornam-se inferiorizadas e habilita uma construção de identidade fragmentada, que busca sua referência no branco e assim, necessita da construção de uma identidade positiva sobre si.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A identidade negra pode ser vista como forma de resistência na sociedade brasileira. Ganhando essa conotação desde a chegada dos africanos no país, os quais buscavam preservar sua identidade étnica e religiosa (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007), embora sofressem as imposições das mudanças do homem branco. Conforme aponta André (2008), o homem branco utilizou-se de diferentes mecanismos para controlar e combater os negros. Para desenraizar suas práticas sociais e a comunicação dos grupos de tribos semelhantes da África, os donos de escravos os separavam, medida que evitava sua organização.

Outro modo de atuação foi à formação da ideologia de branqueamento elaborada pela elite brasileira, a partir do século XIX e meados do século XX, baseada na premissa de que era necessário embranquecer o país, uma vez que ser negro era considerado ruim. A partir disso, aponta André (2008), surge à

miscigenação entre brancos e negros. Essa foi difundida como forma de alienação de sua identidade para negros e índios, os quais acreditavam que com essa medida, seus filhos seriam incluídos na sociedade. Para a autora, a miscigenação tornou-se eficaz, pois desenvolveu três formas de ação: a primeira foi à violência sexual praticada pelos senhores de escravos em mulheres negras, a segunda ocorreu por meio de casamentos fora do religioso e a terceira aconteceu com a chegada dos imigrantes no país. A partir da concepção da miscigenação, reforça-se a crença vigente de que o racismo não existe no país.

Para González (1982), a difusão da concepção de que o Brasil é uma democracia racial, na década de trinta, é um mito. Seu principal difusor foi o sociólogo Gilberto Freyre⁴ por meio do lusotropicalismo, o qual, segundo a autora, Freyre parte do pressuposto de que os portugueses exerceram uma relação superior com os povos colonizados, pois não eram racistas. Contudo, González faz crítica a essa percepção, ao alegar que a instauração do processo de miscigenação no Brasil ocorreu no abuso sexual da mulher negra.

Entende-se que a constituição de negação identitária do negro no Brasil é oriunda deste período, no qual suas características não eram aceitas. O negro era visto como inferior e submisso ao branco, tanto no sentido social e político quanto no econômico. Após a desagregação do regime de escravidão e sua substituição pelo capitalismo, tornou tal representação vista como antiga (SOUZA, 1983). Porém ainda está latente, pois ser negro no Brasil é caracterizado como algo negativo, o que torna sua aceitação um processo difícil e sutil. Isto é:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico, que através de um discurso mítico, acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (SOUZA, 1983, p. 77).

Segundo a autora, ao não ter uma concepção positiva de si, o negro encontra no outro o seu ponto de referência, aderindo assim à identidade e aos padrões sociais do homem branco como sendo seus. Nogueira (1999) problematiza a relação

⁴ O escritor Gilberto Freyre é uma das principais referências no campo da sociologia do século XX, visto que seus trabalhos são referências para compreender a constituição do povo e da cultura do Brasil. Neste estudo, não se contesta a importância social de suas análises e pesquisas, contudo, demonstram-se outros direcionamentos, à luz de autores utilizados no estudo, que apontam para consequências sociais de suas obras na sociedade brasileira.

do indivíduo com o outro antes de compreender a si próprio, atribuindo a este fato, a desumanização do negro como forma de objeto. O autor questiona as condições do negro para se autoreferenciar no outro, quando esse é visto como produto. Desse modo, para o autor, a única possibilidade do negro seria a identificação com os outros negros. Contudo, conforme aponta Souza (1983) compreende-se a autoreferência do negro no branco, uma vez que ao possuir uma identidade descentrada e negativa de si, suas características são consideradas como ruins em sua própria concepção. Nesse sentido, compreende-se a relação de identificação que os negros estabelecem entre si para se fortalecer e resistir, mas não se pode menosprezar a referência do branco em sua identidade.

Em outra perspectiva, o sentido da palavra “negro” adquire a conotação de mito. Esse é considerado o instrumento formal da ideologia, produzido em forma de discurso, tendo assim um efeito social. Segundo Souza (1983), o mito aparece como desafio ao negro que recusa o destino de submissão, produzindo o sentido da real libertação. Nesse viés, o mito negro se constitui ao romper com a identificação e impor a diferença. O elo da representação do negro com o macaco, por exemplo, é uma das falas míticas que o reduz à instância biológica.

Uma concepção importante é a do processo de exclusão, em que o campo da pesquisa social europeia e americana aborda as palavras maioria e minoria, com o intuito de compreender esse processo. A maioria é visto como o grupo dominante no contexto econômico e de poder, já minoria são os grupos das sociedades que apresentam características físicas que são desvalorizadas (ROSO *et al.*, 2002). Assim, pôde-se perceber a interferência do grupo dominante na constituição de identidade e cultura do negro.

A partir do exposto sobre as negativas impostas ao negro, reflete-se sobre o conceito de identidade com a relação do indivíduo e a sociedade. Essa envolve múltiplos eixos e níveis de operação. Assim, pode se dizer que:

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula conjunto de referenciais que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo (NASCIMENTO, 2003, p.30-31).

A identidade torna-se o elemento individual e coletivo que enaltece as raízes culturais e sociais da população, assim como transmitem um discurso acerca de si.

Nessa relação, apontam-se as mulheres negras definindo seu espaço por meio de sua identidade (SILVA, 2010). Conforme demonstra o autor, além de preservar a sua identidade, a mulher negra deixa um legado para o país, destacando-se a religião, os espaços utilizados como refúgios, movimentos que defendiam a dominação, entre outros.

Na pós-modernidade, percebe-se que a concepção negativa do negro sobre si é resultado desse processo histórico, o qual tornou sua identidade fragmentada (HALL, 2000). Nessa negação o cabelo crespo aparece como um objeto do descentramento, sofrido com as imposições ditadas por grupos dominantes, mas que se constitui como um signo de resistência. Para isso, Canto e Silva (2009) propõem a construção de uma identidade negra positiva, como resposta ao caráter negativo que a população negra adquire na sociedade. Como agente de resistência, a mulher negra adquiriu força a partir da criação dos movimentos de mulheres negras (MMN), nos quais pôde debater sobre suas questões, que até o momento eram invisibilizadas pelo feminismo. Nesse sentido,

Sua luta para construção de identidades negras positivas evidencia a importância da vinculação entre raça, gênero e identidade como fenômenos historicamente determinados e que permeiam fortemente o imaginário social e dificultam uma ação política integrada (e não unitária), radicalmente democrática (CANTO; SILVA, 2009, p. 08).

Essa construção de identidades positivas, proposta pelos autores, ancora-se nos debates sobre racismo e desigualdade de gênero estar em voga em grupos da sociedade atual. Esse modo de atuação busca a ruptura das concepções normativas da sociedade, assim como problematiza temas sociais para constarem na agenda política e na agenda da mídia do país. Para tanto, deve-se aproveitar os ainda pequenos espaços para debater sobre a interseccionalidade entre gênero, classe e raça, conforme exposto anteriormente, como forma teórica de compreender a situação da mulher negra no país. Dessa maneira, no próximo subcapítulo serão demonstrados os significados do cabelo como elemento de identidade negra, assim como sua função política e territorial estabelecendo a comunicação como sua agente integradora.

2.4 O CORPO E O CABELO CRESPO COMO EXPRESSÃO

O corpo humano é repleto de produção de sentidos e de elementos que constroem diálogos sobre sua identidade individual e coletiva. A análise corpórea pode ser investigada por teorias e metodologias diversificadas, uma vez que buscam compreender o corpo não apenas como objeto físico, mas identificar os sentidos sociais e culturais produzidos na sociedade.

As opressões sofridas pela mulher negra são invisibilizadas na sociedade, transformando-se em silêncio naturalizado. Neste estudo busca-se abordar um elemento corpóreo de linguagem não verbal, que sofre opressões históricas na sociedade – o cabelo crespo da mulher negra. O uso do cabelo natural pode ser identificado como expressão libertária, assim como adquire uma conotação política e resistente frente à sua doutrinação na sociedade. A construção da identidade, apresentada no subcapítulo 2.3 está interligada com o corpo e o cabelo do negro na sociedade, principalmente, da mulher negra, como sujeito central de análise neste estudo.

O corpo da mulher negra sob a perspectiva de signo (NOGUEIRA, 1999) pode ser visto como reprodutor da estrutura social, que está condicionado aos diferentes sistemas sociais. Assim, entende-se que a sociedade é responsável por privilegiar características e atributos do corpo:

O corpo humano, para além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais. Assim, cumpre uma função ideológica, isto é, a aparência funciona como garantia ou não da integridade de uma pessoa, em termos de grau de proximidade ou de afastamento em relação ao conjunto de atributos que caracterizam a imagem dos indivíduos em termos do espectro das tipificações (NOGUEIRA, 1999, p. 41).

O corpo está sujeito a receber atributos e características oriundas das construções sociais, sentidos e valores impostos pela sociedade. O contexto social atribuído ao corpo apresenta-se como elemento introdutório para analisar as interferências e imposições do corpo negro na sociedade. Percebeu-se pelo subcapítulos anteriores que o corpo negro era visto como objeto de exploração do homem branco na sociedade escravista, assim como a mulher negra adquiria também status de objeto sexual. À luz da história, o corpo negro foi e é visto como

corpo exótico, a ser explorado e modificado para se enquadrar nos padrões da sociedade eurocêntrica.

Parte-se da concepção que é a partir da identidade que as culturas apropriam-se do espaço territorial (GOMES, 2002), assim cabe perceber o corpo na perspectiva escalar (SOUZA, 2013), bem como conceber o significado de território a partir de Haesbaert (2004). Para Haesbaert (2004), o território é compreendido por meio de relações de poder, as quais podem ser constituídas no sentido concreto ou de dominação do espaço. O sentido concreto é visto pela forma de dominação, normalmente usando a força para se apoderar do espaço, já no âmbito simbólico verifica-se sua apropriação, onde os elementos são naturalizados a partir da territorialidade. Nesse sentido, entende-se, analogicamente, que o corpo da mulher negra é visto como um território, que foi marcado historicamente por dominações e apropriações do homem branco dominante – o qual detinha e detém o poder. O corpo da mulher é cercado por imposições, as quais constituem sua identidade e memória social, que constroem sua imagem ao longo dos séculos, o qual se reflete no cabelo crespo.

2.4.1 Cabelo Crespo como Poder

Nas marcas históricas sobre o significado do cabelo nas sociedades, Quintão (2013) desenvolve uma análise sobre a produção de sentidos desempenhada pelo cabelo. O cabelo já foi enaltecido como elemento de beleza no Egito, como forma de sensualidade da mulher nos povos judaicos e muçumanos, e posteriormente, para os cristãos. No século XVIII, na Europa, houve a ascensão do capitalismo e a moda ganha maior importância na aparência dos sujeitos. Nesse cenário, a valorização da aparência, em especial, da mulher torna-se um reflexo da condição social do seu marido. O exponencial investimento do cabelo e na aparência intensifica a força da moda, resultando em aberturas de salões de beleza e no surgimento da profissão de cabeleireiro. Para a autora, o cabelo reproduz sentidos individuais e coletivos por ser um elemento corpóreo que identifica e narra à história dos povos.

Os sentidos produzidos podem ser vistos como reflexos das construções sociais vigentes nas sociedades. Conforme aponta Quintão (2013), o cabelo liso do branco europeu é considerado melhor ao cabelo crespo do negro, desde meados do século XIX. Nesse sentido, a autora afirma que há uma categorização de fenótipos

entre brancos e negros, os quais caracterizam os cabelos crespos como inferiores aos lisos.

No período da escravidão nos Estados Unidos, era reforçada a escolha do cabelo liso em relação ao cabelo crespo. Os cabelos lisos representavam vantagens econômicas e sociais ao negro (QUINTÃO, 2013). Contudo, essa ação era associada a peles negras mais claras⁵, que poderiam caracterizá-los como livres. Como resultado houve uma hierarquização entre os escravos, no qual os de cabelo liso e tons de pele mais clara eram mais valorizados dentro do regime escravista.

Na sociedade brasileira, o cabelo pode ser visto como elemento corpóreo que expressa o embate racial entre negros e brancos (GOMES, 2002). Essa visão também é fruto do regime escravocrata no país, o qual resultou em distorções sociais que ainda vigoram na sociedade, conforme já exposto neste estudo. Nesse cenário, elementos corporais dos negros são vistos como inferiores na sociedade, entre eles, o cabelo. Conforme aponta Gomes (2002), o cabelo crespo atribuído como “ruim” torna-se expressão do racismo e das desigualdades raciais. Para a autora, o cabelo torna-se objeto expressivo de significados culturais por demonstrar diferentes fases ao longo das décadas, isto é, “[...] cabelos alisados nos anos 60, afros nos anos 70, permanente-afro nos anos 80, relaxamentos e alongamentos nos anos 90 [...]” (GOMES, 2002, p.07). Para a autora, o cabelo crespo também assume a forma de signo, visto que sua linguagem exerce a função de comunicar as relações raciais presentes neste elemento.

Para Gomes (2002), abordar o cabelo como problemática social não dialoga somente com a estética estabelecida, mas abarca instâncias sociais e simbólicas dos sujeitos. Ademais, o cabelo é cercado pelas relações de poder intrínsecas na memória social brasileira, principalmente, para o povo negro:

Ele é um dos principais ícones identitários para os negros. Porém, o cabelo sozinho não diz tudo. A sua representação se constrói no âmago das relações sociais e raciais. Pegar no cabelo é tocar no corpo. Cabelo crespo e corpo negro, colocados nessa ordem, são expressões de negritude. Por isso não podem ser pensados separadamente (GOMES, 2002, p. 09).

A importância do cabelo como elemento que fortalece as origens negras é evidenciada a partir da luta dos movimentos negros. Essa ação surge como ato

⁵ Essa prática fortalece a concepção do colorismo, o qual explica que os tons mais escuros de pele sofrem uma maior exclusão e discriminação na sociedade (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2015).

político no mundo pós-moderno, o qual estabelece a valorização, a resistência e o orgulho de ser negro. Na década de 60, essa valorização é representada pelo movimento dos Direitos Civis e, principalmente, pelo movimento dos Panteras Negras, o qual identificava o ato de alisar o cabelo como princípios coloniais (SANTOS, 2012). Seguindo este ideal, os movimentos negros da década de 70, combatem a rejeição imposta pelo processo de escravidão, bem como enaltecem o orgulho negro. Essa valorização perpassa pela beleza do negro e assume seus cabelos naturais com o *black power*.

No Brasil, os cabelos crespos tornaram-se objeto de expressão para os movimentos sociais de luta e reconhecimento da identidade negra no mesmo período (BOTEZINI, 2014). A partir disso, surge uma nova ordem de valorização e aceitação do cabelo, sendo caracterizado como um ato político. Contudo, persistia o discurso contrário imposto pela cultura dominante, consolidando um padrão de beleza como hegemônico: o de cabelo liso, loiro e olhos azuis (SILVA; BRAGA, 2015) e, por sua vez, desqualificava o uso do cabelo armado e com volume.

A partir de Lody (2004), pode-se compreender os cabelos como forma de comunicação, que manifesta a beleza e os padrões estéticos. Esse poderia ser considerado um território totalmente livre, se não existissem as imposições dos padrões à mulher. Os padrões são reforçados pelos conceitos de beleza, os quais são analisados por Umberto Eco (2004). O conceito de belo e feio é mutável ao longo dos séculos. Eles são modificados pelo tempo e cultura das sociedades, mas sempre houve a tentativa de colocá-los em padrões e modelos. Esse entendimento pode ser visto pela compreensão da beleza da mídia, criticada pelo autor pela padronização estabelecida, influenciada pelos padrões culturais das épocas. Entende-se que as mudanças provocadas nas sociedades corroboraram com as percepções de beleza e feiura atuais, assim como permitem que haja rupturas e estabelecimentos de novos sentidos, por exemplo, sobre o cabelo crespo. Afinal, a beleza é mutável e ressignificada pelos sujeitos.

As modificações estruturais do cabelo crespo, principalmente, com o alisamento relacionam-se com a não identificação positiva das características fenotípicas negras. Ressalta-se que o uso do cabelo natural não pode ser visto como estilo ou moda, mas como ato de libertação da imposição de padrões de beleza ao longo de um processo sócio-histórico, o qual não é simples. A aceitação

de suas características naturais, aliado ao entendimento da valorização de sua etnia, constitui-se como a união da ancestralidade com o mundo atual:

Cuidar dos cabelos é antes de tudo cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É, por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar tudo o que a cabeça representa para a pessoa e para o seu grupo. E, no sentido coletivo, é vivenciar o que cada penteado comunica em relação ao reconhecimento social, à identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual (LODY, 2004, p. 100).

A valorização do cabelo natural surge como um movimento político e coletivo para as mulheres negras. Esse processo pode ser analisado pelo retorno do cabelo natural que interrompe o uso de produtos químicos, como alisamento, para mudar a estrutura capilar, o qual é denominado como “transição capilar”. Esse processo foi acompanhado no documentário *Transition* produzido pelo *The New York Times* em 2012. Percebeu-se que o movimento de transformação já se consolidava nos Estados Unidos nesse período, relatado pela documentarista Zina Saro-Wiwa, que passava pelo processo e classificava o retorno ao cabelo natural como o movimento mais poderoso. No Brasil, a transição capilar tornou-se evidente em 2015, quando se percebeu a ampliação de mulheres negras usando seu cabelo natural. Esse processo sugere-se neste trabalho, ultrapassa o uso de produtos químicos nos cabelos, pois compreende a (re) descoberta das características físicas e identitárias da mulher negra:

A construção da identidade das mulheres negras, em relação com o cabelo crespo, passou por processos de negação das características negras, de negação do corpo/cabelo. Processos que ocorreram por mecanismos de introjeção de inferiorização no ambiente escolar e familiar. Neles as mulheres negras aprenderam, como todo indivíduo social, a pensar os cabelos crespos enquanto ruins e de difíceis cuidados (SANTOS, 2012, p. 17).

No corpo é que se percebe a influência da cultura (BOTEZINI, 2014), que pode ser considerada a mudança de sentidos ao seu corpo. O ato de recusar esse estigma demonstra a busca de autoestima e do bem estar. Para tal fim, fez-se necessário demonstrar um aporte teórico e histórico acerca dos termos corpo e cabelo, os quais são carregados de produção de sentidos, principalmente, ao tratar-se do negro.

A concepção do negro como inferior ao branco, conforme exposto ao longo do capítulo, resulta em consequências ainda vigentes na sociedade. A partir da contextualização do subcapítulo 2.1, compreendeu-se os principais pontos da trajetória da mulher negra desde a sociedade escravista à pós-modernidade. Nesse sentido, pôde-se identificar o cenário que corrobora com a visão negativa e estereotipada do seu corpo. Após isso, apresentou-se a resistência negra no subcapítulo 2.1.1 e um breve aparato conceitual sobre a interseccionalidade entre classe, raça e gênero a partir da mulher negra no subcapítulo 2.2. No subcapítulo 2.3, analisou-se a construção da identidade negra, uma vez que suas características são consideradas como inferiores, oriundas da imposição do homem branco colonizador sobre o corpo negro. Além disso, demonstrou-se como forma de resistência a construção da identidade positiva que fortalece o orgulho negro. Por fim, mostrou-se que o cabelo está associado à ordem cultural, histórica e social das sociedades ao longo dos séculos, assim entende-se que as representações sociais do negro advêm deste processo.

Esses mecanismos interligados desenvolvem uma análise sobre o que é ser mulher negra no Brasil, pois compreendem e justificam as imposições que o corpo da mulher negra ainda sofre na sociedade brasileira. Buscou-se nas construções históricas da mulher negra um elemento identitário e corpóreo para ser objeto de análise, tanto na mídia quanto nos grupos no site de rede social Facebook. Desse modo, entende-se a importância de abordar a comunicação na reprodução de estereótipos e discursos que se articulam como base para a formação da opinião pública.

3 O DISCURSO DA MÍDIA

As relações de poder estabelecidas pelas instituições e atores sociais estão constituídas no discurso da mídia e são determinadas, de modo geral, pela classe dominante. Entretanto, na cultura da mídia, circulam também novas produções e sentidos acerca das diferentes problemáticas sociais, como no caso da mulher negra, com sua inserção neste ambiente. Esta abertura possibilita novas perspectivas para os estudos relacionados ao tema no âmbito da comunicação, pois se utiliza dos mecanismos de poder e do discurso midiático para produzir novas configurações em rede.

3.1 DISCURSO E PODER NA MÍDIA

Para Castells (2015), o poder é concebido a partir do controle da informação, que assim se estabelece e é mantido pelo exercício da dominação, apropriação e imposição dos indivíduos. O discurso é utilizado como ferramenta de difusão das relações de poder, isto é:

O poder é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões do outro (s) ator (es) social (is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder. O poder é exercido por meio de coerção (ou a possibilidade de coerção) e/ou pela construção de significados com base em discursos por meio dos quais os atores sociais orientam suas ações (CASTELLS, 2015, p. 57).

Já o contrapoder se constitui como movimento de resistência e mudança fomentado por atores sociais, que não se sentem contemplados nas pautas dos que detém o poder, e assim buscam uma nova configuração política para contrapor a ordem estabelecida. Os novos mecanismos de conteúdo e comunicação possibilitam aos movimentos sociais métodos de organização e engajamento utilizando a comunicação para partilhar mudança na mente dos sujeitos (CASTELLS, 2015).

A mídia como instituição de poder simbólico torna-se importante difusora da opinião pública e pode ser considerada articuladora das transformações nas diferentes visões de mundo por meio do discurso. Para Charaudeau (2007), as mídias são instituições que utilizam os mecanismos da comunicação e da informação como forma de inseri-los na ordem econômica, tecnológica e simbólica.

Na perspectiva deste estudo, acentua-se o mecanismo simbólico, o qual exerce papel fundamental nesta análise, pois é o instrumento que evidencia as construções sociais e valorativas nas relações sociais dos sujeitos. Ressalta-se que os discursos produzidos pela mídia são importantes elementos informativos na sociedade, os quais estão acima das regras linguísticas, isto é:

Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala. É, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido. Descrever sentido de discurso consiste, portanto, em proceder a uma correlação entre dois pólos (CHARAUDEAU, 2007, p. 40).

O discurso no âmbito da informação pode despertar novos sentidos e conhecimentos no interlocutor. Principalmente, quando emerge a estruturação das novas tecnologias da informação e da comunicação, que possibilita maior circulação dos discursos informativos estabelecidos pela mídia.

Na concepção da mídia como poder simbólico, Thompson (2013) aponta que a comunicação e os conteúdos simbólicos estão presentes no âmbito social, especialmente, após o desenvolvimento do mundo moderno, no qual a mídia fomentou a constituição destes conteúdos. Para o autor, os sujeitos estão inseridos em campos de relações, que podem se estabelecer a partir de distintas posições, assim como podem se institucionalizar, ao seguir regras e padrões estabelecidos nesse relacionamento.

A partir da posição dos sujeitos dentro das instituições é que se desenha o campo de poder, assim “[...] o poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (THOMPSON, 2013, p. 38). O poder pode ser articulado e reproduzido na esfera social que contempla os indivíduos e suas ações, pois possibilita a manutenção das redes e relações dos sujeitos por meio de suas posições.

O poder é expresso em distintas formas e ações. No que tange à comunicação, percebe-se a concepção do poder simbólico presente na mídia. Dessa maneira, esse pode ser visto “[...] na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (THOMPSON, 2013, p. 42). Essa atividade

está presente nas interações e troca entre os sujeitos no cotidiano, assim como interfere nos acontecimentos e ações desenvolvidas no âmbito cultural.

Para Thompson (2013), os meios de comunicação na reprodução das formas simbólicas permitem que se estabeleça uma relação de codificação e decodificação entre o produtor e o receptor perante a informação e os conteúdos simbólicos impostos a esta. A partir disso, ressalta-se que a habilidade do processamento da informação, oriunda dos meios de comunicação, não torna o indivíduo totalmente passivo, como se imaginava nas primeiras teorias da comunicação, visto que essa produção de sentidos está condicionada também ao contexto cultural e simbólico que os sujeitos estão inseridos.

Na concepção de Kellner (2001), a cultura da mídia faz parte da vida cotidiana das pessoas, sendo formadora da opinião pública, das construções sociais e identitárias. Atestando que:

A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital. A cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando os dados hieroglíficos da vida social contemporânea (KELLNER, 2001, p. 09).

A cultura da mídia demonstra os sujeitos de poder, pois legitima e estabelece os discursos que compreendem tal concepção. Para tanto, o autor adverte que compreender a cultura da mídia perpassa leitura política, visto que seus diversos elementos e mecanismos podem gerar efeitos políticos nos atores. Além disso, aponta que essa deve ser desenvolvida a partir da conjuntura social e histórica da sociedade.

Segundo Kellner (2001), na mídia acontecem os tensionamentos da luta social, do controle do poder e de discursos ideológicos, visto que é uma instituição de poder simbólico. Essa lógica reforça a série de oposições binárias, que são enraizadas para instaurar privilégios, fortalecer o poder dos dominantes e estabelecer a desigualdade das forças dos dominados. Dessa maneira, constituem-se subsídios acerca da dominação simbólica e coercitiva elucidadas no capítulo da história da mulher negra no Brasil, que podem ser compreendidos como mecanismos discursivos e de poder sobre si.

Para Carneiro (2003), os meios de comunicação são responsáveis pela construção e reprodução dos valores que constroem as representações sociais da mulher negra no imaginário social dos sujeitos, e por sua vez, de estereótipos. Além disso, a autora reforça a categorização imposta à mulher negra na mídia brasileira como a mulata e a empregada doméstica. Pode-se acrescentar a sambista, a funkeira, a faxineira, que a criam imagens e estereótipos sobre essa. E Santos (2005) aponta que se torna evidente a distinção feita pela mídia no modo como a mulher negra é retratada, isto é:

[...] personagens secundárias, subempregadas, músicas de cunho racista, propaganda cuja intenção maior (camuflada, é claro!) é a de vender seus produtos através do convencimento de que a mulher afrodescendente tem por obrigação se igualar à branca, como se esta fosse um modelo a ser seguido; as músicas (se é que assim podem ser chamadas!) tendem a reafirmar, a todo momento, a impossibilidade de se conceber a negra como uma mulher bonita, interessante e inteligente, restando a ela como único atributo, as 'qualidades' sexuais resultantes, também, de uma visão absolutamente preconceituosa (SANTOS, 2005, p. 02).

A mídia pode ser compreendida como uma das instituições responsáveis pela manutenção e reprodução de estereótipos acerca do negro no Brasil. Assim, torna-se uma importante instituição na busca de discursos positivos acerca destes. À luz da teoria das representações sociais, “[...] o estereótipo social é uma forma de categorização da realidade que possui uma forte coloração avaliativa e afetiva, frequentemente negativa, mas que também pode surgir com conteúdo positivo” afirma Baptista (2004, p. 09). Segundo a autora, o estereótipo, como elemento de comunicação, processa velozmente a informação, o que pode torná-lo rígido e inflexível ao longo da história social dos povos. Para ela, o estereótipo pode ser constituído por meio de textos, assim a linguagem aponta e o conduz, atuando na comunicação dos sujeitos e nas instituições sociais.

Para Borges (2012), busca-se na articulação de novos discursos sobre o negro uma escala positiva a ser reproduzida. Partindo da análise da imagem da mulher negra na sociedade, a autora elenca construtos sociais e nomenclaturas da escravidão à contemporaneidade, que reforçam o imaginário social sobre essa, conforme já apontado nos capítulos deste trabalho. Segundo a autora, é a partir da constituição dos papéis que a mulher negra desempenha para a sociedade, que a mídia pauta sua comunicação. Compreende-se assim que a categorização instituída

pelos estereótipos no meio social enquadra as mulheres negras em papéis inferiorizados.

Para Trindade (2005) a mídia exerce um papel racista, elitista e machista. Em sua concepção, a exclusão e a invisibilidade do negro causam visões de estranhamento e não pertencimento social, bem como tornam a representatividade uma luta a ser travada. Destaca-se que a visão da mídia, para a autora, é constituída a partir dos grupos dominantes da sociedade brasileira, os quais detêm poder político e econômico para definir as pautas e formas de discussão das temáticas midiáticas. Essa situação não estabelece uma mudança no discurso da mídia frente ao negro e, por sua vez, mantém seus estereótipos negativos. Por isso, as relações de poder mantêm o poder das mídias, porém abrem espaço para o exercício do contrapoder dos sujeitos, principalmente, com a ascensão das novas tecnologias da informação e comunicação, que possibilitam maior fluidez entre as mídias e a participação dos usuários.

Para Santaella (2003), a cultura das mídias se articula entre a cultura das massas e a cultura digital estabelecendo uma fluidez na circulação da informação e sendo responsável pela ampliação dos mercados culturais e pela expansão do consumo. Pode ser compreendida como mecanismo analítico dos fenômenos das novas ordens globais, que descrevem as culturas contemporâneas. A fluidez articulada pela cultura das mídias faz com que as informações transitem entre as mídias, apresentando um deslocamento que não é específico dos meios massivos, assim a autora acredita que as mídias podem ser vistas como redes que estão em constante conexão. Essa nova cultura, introduzida pela cultura das mídias, possibilita uma maior diversidade, circulação e transforma os receptores em produtores, apresentadores e difusores de conteúdos. Pode-se acreditar que a articulação fomentada pela cultura da mídia aponta novos sentidos para o fazer comunicacional.

Essa interligação e movimento entre as mídias resgata a participação popular. Para Jenkins (2008), esse fenômeno estabelece uma relação entre as novas e tradicionais mídias, assim como torna imprevisível a interação entre o produtor e o consumidor de mídia. Esse funcionamento assegura que todas as histórias sejam contadas e assim dá voz aos invisibilizados, como no objeto deste estudo. A partir dessa concepção, parte-se para a compreensão de cultura da convergência:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdo através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 29).

Segundo o autor, a convergência não ocorre por meio dos aparelhos, mas por parte dos indivíduos e consumidores das mídias, que se relacionam e as transformam em participativas. Nessa visão, não há fronteiras que limitem o relacionamento, a interatividade e o espaço de colaboração dos indivíduos. Isto é, a circulação de informações depende da participação dos consumidores.

Nessa perspectiva, Alakija (2012) reflete sobre os modelos globais de comunicação social, os quais são fatores para a construção de identidade étnica dos negros na América Latina. Para a autora, nesse processo, a comunicação articula-se como reprodutora de valores sociais, étnicos e estéticos e exerce a função de agente de reflexos de imagem, assim como contribui para a construção da identidade étnica.

A mídia pode ser vista como agente de mudanças comportamentais sociais e culturais na sociedade. Na convergência da cultura midiática, identificam-se novas configurações de poder e atores sociais que buscam, a partir da comunicação, o compartilhamento de mensagens em âmbito social. Esse movimento é articulado, principalmente, por atores sociais que, alimentados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, encontram espaço para inserir suas pautas, assim articula-se as relações entre o poder e contrapoder da comunicação.

3.2 O PODER E O CONTRAPODER DA COMUNICAÇÃO

Há um processo de transformação em curso no que tange à relação de poder e contrapoder da comunicação, resultada da necessidade de um novo formato comunicacional que retrate os indivíduos de forma horizontal (CASTELLS, 2007). Neste trabalho, compreende-se a constituição dessa dinâmica a partir dos jornais de referências e dos grupos do site da rede social Facebook sobre a temática da transição capilar da mulher negra.

De acordo com Castells (2015), o poder e o contrapoder se intercomunicam e estabelecem uma dinâmica dialética pela lógica do poder das instituições e pela resposta de indivíduos que percebem ou não os interesses representados pelos

detentores do poder. As relações de poder são desenvolvidas na mente dos sujeitos por meio dos processos de comunicação, baseadas nas instituições organizadas na sociedade. Para o autor, essa interação é fundamental para sua compreensão, visto que o impacto na mente humana reflete-se na dominação dos indivíduos em comparação à subordinação pela coerção. Porém, o autor argumenta que o poder não é onipotente, pois há sempre uma contraposição a sua manutenção. Assim, há o surgimento de uma nova ordem de poder, que tem a capacidade de provocar possíveis mudanças nas relações de poder institucionalizadas na sociedade, vista por Castells (2015) como contrapoder. Essa oposição pode ocasionar a fraqueza dos poderosos e resultar numa mudança nas relações de poder.

Esse surgimento pode ser materializado para analisar as temáticas das mídias sobre a transição capilar da mulher negra neste estudo. O retorno do cabelo crespo provocado pela transição capilar pode ser compreendido como mecanismo de resistência aos padrões de beleza na sociedade, que colocam o cabelo liso como modelo a ser seguido. Conforme já apresentado anteriormente neste estudo, o cabelo crespo pode ser visto como o elemento do corpo negro que demonstra a resistência e a luta manifestada no contrapoder diante das instituições.

O cabelo crespo é cercado de construções sociais que refletem o racismo e a imposição de padrões sobre o corpo negro, principalmente, nas sociedades oriundas do regime de escravidão. Conforme já exposto no capítulo acerca da história da mulher negra no Brasil, desde a constituição da sociedade escravista há um confronto discursivo por parte dos negros frente às imposições dos grupos dominantes ao seu corpo. Os atos de resistência organizados podem ser vistos como mecanismos de contrapoder às instituições constituídas na sociedade brasileira. As lutas para defender sua história social e cultural são travadas até hoje, pois não há mudanças significativas entre os grupos dominantes e os grupos dominados. Entretanto, a lógica do contrapoder permite que ocorram rupturas e tensionamentos acerca das temáticas negras inseridas na mídia como forma de contrapor a ordem das instituições de poder, as quais legitimam sua presença e manutenção social.

Pode-se apontar que as estruturas do poder são formadoras dos grupos dominantes e dominados na sociedade brasileira submetida às relações de poder. Há uma concepção europeia, que legitima a organização hierarquizada e classificatória entre os povos distinguindo-os em superiores e inferiores, reforçadas

pelas diferenças sociais, culturais e étnicas dos povos presentes no Brasil. No que tange o objeto deste estudo, as consequências e manifestações dessa relação são abordadas por meio da interseccionalidade entre classe, raça e gênero discutida no capítulo 2.2 deste estudo.

A constituição de grupos é um importante elemento para as sociedades, conforme aponta Castells (2015), pois é nessa articulação que se elencam embates e diálogos entre os sujeitos. Entende-se o conceito de rede como “[...] um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 2015, p. 66), que funcionam por meio de fluxos e processos de comunicação, sendo estruturados por sujeitos envolvidos com os programas nos sites de redes sociais, por exemplo, como a organização dos grupos virtuais acerca da transição capilar no site de rede social Facebook. O autor destaca que a constituição das redes está há séculos nas sociedades, exercendo maior força de modo vertical. Contudo, a relevância estabelecida nos centros sofre influência com o avanço das tecnologias da comunicação e informação, o que pode resultar numa força mais horizontal.

A partir disso, aponta-se a importância em estabelecer uma análise conjunta acerca dos jornais de referência escolhidos, *Folha de São Paulo* e *Zero Hora*, e nos grupos *Transição Capilar – depoimentos* e *Transição Capilar – cabelos sem química* no site de rede social Facebook por possibilitarem uma análise da fluidez e a troca de informações entre as mídias, o que resulta numa simultânea retroalimentação entre os discursos dos jornais e dos grupos no site da rede social Facebook. Esse movimento estabelece novos sentidos para a produção de discursos midiáticos, pois agora os assuntos abordados nos sites de redes sociais tornam-se pauta da mídia, assim como sua produção é discutida neste ambiente.

No que tange às mídias tradicionais, busca-se como objeto de estudo os jornais de referência, pois são consideradas mídias hegemônicas e formadoras da opinião pública. Nesse sentido, compor um objeto com veículos que atingem grupos dominantes na sociedade e que contam com a credibilidade de seus leitores, torna-se de suma importância para perceber como se dá a construção temática acerca da mulher negra no país e, principalmente, do cabelo crespo, tema da análise deste estudo.

3.3 JORNAIS DE REFERÊNCIA

Desde os primórdios, a informação é a principal fonte de conquista e manutenção de poder na sociedade. Segundo Charaudeau (2007), as mídias da informação, como a imprensa, trabalham a partir de duas lógicas: a primeira é vista na base econômica, que estabelece a informação como mercadoria e assim as organizações atuam como empresas, e a segunda acionada pela ordem simbólica que as torna formadoras da opinião pública. Neste estudo, ressalta-se o exercício do poder simbólico que os jornais desempenham nas construções dos acontecimentos da sociedade, corroborando com a visão de valores sociais na população:

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categoria de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público (CHARAUDEAU, 2007, p. 151).

A informação possui função política e social na mídia, organizada mediante relações de poder. Na estrutura das representações da linguagem, aponta-se a função de instituição poder/contrapoder, estabelecida pelo autor. As instituições de poder são percebidas por meio de sua autoridade, constituída por sua posição de domínio na sociedade e configura-se como um discurso político. No entanto, a partir do controle e da força dos discursos de poder, surgem às instituições de contrapoder, as quais buscam contestar os discursos impostos pelos grupos dominantes.

A mídia é considerada uma instituição simbólica que exerce função social na sociedade. Seu poder pode ser visto no objeto deste estudo, pelos jornais que são formadores da opinião pública, que possuem credibilidade e respaldo no âmbito social. De modo a analisar as temáticas produzidas sobre a transição capilar, os jornais de referência foram escolhidos por apresentarem as qualidades mencionadas. Zamin (2014) apresenta as características consideradas de um jornal de referência no Brasil, isto é:

[...] ter tradição, prestígio e credibilidade; servir de referência a outros jornais no próprio país; voltar-se para a política, a economia e os assuntos internacionais; ter como público um leitor competente do mundo público (as elites econômica e cultural), e possuir índices elevados de tiragem e circulação (ZAMIN, 2014, p. 931).

Para a autora, a utilização do termo está presente na distinção ou oposição dos termos: popular e referência. De acordo com Amaral (2004), os jornais de referência e popular podem ser compreendidos a partir de suas matrizes, na qual a primeira segue a visão da matriz racional-iluminista, que se articula para corresponder aos interesses econômicos e políticos do jornal, sendo seu interesse servir ao cidadão. Já a segunda estabelece-se na matriz da dramatização dos fatos, buscando atender as camadas populares e sua rotina. Além disso, atesta que os públicos e os produtos dos jornais de referência e popular são distintos, pois os formatos atribuídos às notícias são estruturados por meio desta concepção.

Zamin (2014) evidencia que os jornais de referência são proponentes das agendas públicas e políticas presentes na esfera pública e privada, assim como estabelecem diálogo com o âmbito social, cultural e econômico, aproximando-os e produzindo sentidos por meio dos discursos da informação. Dessa maneira, as empresas que os desenvolvem são responsáveis pela sua configuração jornalística, assim constroem a orientação informativa do veículo.

Os jornais de referência assumem o papel de mediadores simbólicos, institucionais e empresariais na sociedade. Para Zamin (2014), os jornais de referência exercem função simbólica por meio do discurso produzido, que enaltece o conhecimento e torna-se referência por meio da representação apresentada. Para Thompson (2013), o poder simbólico é envolvido pelos indivíduos na troca comunicativa. Conforme explica o autor, os meios de comunicação incidem nos acontecimentos, na inferência em decisões dos interlocutores e no desenvolvimento das ações na sociedade.

No âmbito em que se articula a informação, pode se evidenciar que a função política e social dos produtos midiáticos está organizada mediante relações de poder. Com o poder simbólico exercido pelas instituições de comunicação e informação (THOMPSON, 2013), os jornais tornam-se produtores de discursos e se estabelecem como formadores de opinião na esfera social (ZAMIN, 2014), assim tornam-se objeto expressivo de análise neste trabalho. Além disso, os sites de redes

sociais passam a exercer influência no cotidiano da população, e dessa maneira, também compõem esse objeto de estudo.

3.4 REDES SOCIAIS – AS COMUNIDADES VIRTUAIS EM REDE

A Internet possibilitou uma nova ordem social, econômica e política nas relações de poder e contrapoder. Com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação pode-se acompanhar a constituição de redes, principalmente, as estabelecidas nos sites de redes sociais. Essa formação possibilitou a criação de comunidades virtuais – vistas como grupos – como os estudados neste estudo, que podem ser compreendidos como agentes de transformação social e cultural frente às relações de poder e contrapoder.

Para Santaella (2003), as modificações travadas com a cultura midiática culminaram com a inserção dos computadores pessoais, onde os espectadores tornam-se usuários. Percebe-se uma transformação ao modo de recepção das informações, pois a rede contempla a interação entre os sujeitos por meio dos computadores. Desse modo, a internet cumpre um papel integrador com o advento da globalização, possibilitando a conexão de pessoas, a interação e a troca sem fronteiras. Para autora, o ciberespaço constitui-se como mediador das relações sociais, do modo de vida e da identidade dos sujeitos.

Castells (1999) concebe a construção da sociedade em rede, vista pelo crescimento das redes interativas de computadores, que desenvolvem canais de comunicação e adquirem interferência na vida dos indivíduos. Para o autor, parte-se da concepção de que a cultura estabelece influência na comunicação e as transformações causadas pelas novas tecnologias da informação orientam o conjunto de valores da sociedade.

Evidencia-se o surgimento dos modos de interação, troca e compartilhamento. Castells (1999) aponta que as novas tecnologias da informação integraram o mundo em redes, o que possibilitou a ampla criação de comunidades virtuais, as quais são estruturadas por objetivos comuns e a comunicação entre os indivíduos torna-se o enredo. Assim, o autor define que as comunidades virtuais “[...] são redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 1999, p.

445). Para o autor, a categorização do novo sistema de comunicação – que interliga diferentes modos de comunicação na rede – é a inserção e amplitude para todas as expressões culturais. Essa maneira de atuação auxilia no enfraquecimento do poder simbólico de enunciadores tradicionais, bem como rearticula o espaço e o tempo da humanidade.

Nessa perspectiva, Santaella (2003) concebe as comunidades virtuais como grupos que se constituem a partir do interesse em comum conectados pelo ciberespaço. Essas podem ser vistas como conjuntos que fluem com flexibilidade por meio de redes, interligadas e espalhadas pelo mundo. Na organização dos sujeitos, estabelece uma nova configuração, na qual emerge uma ordem simbólica que interfere na identidade dos sujeitos culturais.

Quando seres humanos se engajam em uma estrutura simbólica complexa, até um certo ponto, eles sincronizam ou harmonizam sua própria simbolização interna com essa estrutura. O resultado de estarmos imersos em um tal meio leva a uma gradual sincronização simbólica. Com isso, nós constituímos nossos próprios programas como seres sociais (SANTAELLA, 2003, p. 125).

Essas transformações constituídas com a comunicação mediada pelos computadores possibilitaram aos usuários a conexão, a comunicação e, sobretudo, a criação de redes no ciberespaço, oferecidas por meio dos sites de redes sociais nesse ambiente (RECUERO, 2009). Para autora é nessa constituição que se estabelecem redes:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24).

Pode-se ressaltar que o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação possibilitou a comunicação mediada pelos computadores e a integração dos indivíduos em redes. Essas são organizadas por objetivos e interesses em comum, que se encontram na criação de comunidades virtuais (CASTELLS, 1999), as quais são constituídas pela interação, relação e laços sociais (RECUERO, 2009) no ambiente digital. Nesse espaço foi possível acompanhar o advento dos sites de redes sociais, que provocaram uma mudança no uso da Internet pelos indivíduos. Na mesma proporção, destacam-se por proporcionarem

uma troca de informações instantâneas entre os indivíduos. A partir disso, ampara-se a escolha dos grupos de transição no site da rede social Facebook, uma vez que se constitui como espaço de troca e vivências entre as mulheres que estão ou já passaram pela transição capilar.

Esse desenvolvimento promoveu uma mudança nas relações sociais, que possibilitou um ambiente que é construído a partir de valores sociais e culturais. Castells (2015) mostra que o ponto central para pensar o processo de individuação é compreender a autonomia dos grupos e afirma que os estudos acerca do uso da internet pelos indivíduos apontam o crescimento do empoderamento, da felicidade, da liberdade social, entre outras sensações de bem estar. Nesse sentido, o autor evidencia que o uso das redes sociais – estabelecidas nos sites de redes sociais, tornaram-se fonte para atividades com fins e mecanismos distintos.

Para Alakija (2012), os sites de redes sociais são um canal que podem dar visibilidade e reconhecimento para os grupos não dominantes da sociedade, e por sua vez, não representados ou tangenciados na mídia tradicional. Assim, aponta as mídias afros, por exemplo, como mecanismos contemporâneos de enaltecimento da identidade, as quais percebem a Internet como difusora de mensagens de resistência e contrapoder. As novas tecnologias podem ser empregadas para auxiliar na mudança de padrões:

Esse novo *ethos*, formado por atitudes positivas e valores construtivos como caminho de crescimento individual – emocional e social –, constitui uma das bases para se pensar o que parece já estarmos vivendo uma revolução estética, com o surgimento de uma nova mídia horizontal e solidária às diversidades versus a mídia intolerante e despótica (ALAKIJA, 2012, p. 142, grifo do autor).

Os sites de redes sociais são importantes mecanismos de resistência aos padrões estabelecidos pelas instituições. Nesse ambiente, constituem-se os grupos, como os abordados neste estudo, sobre a transição capilar que estabelecem redes unidas por objetivos em comum (CASTELLS, 2015; RECUERO, 2009). Essas transmitem uma nova programação das relações de poder entre a mídia e os sites de redes sociais, pois não são estanques, elas interagem e interferem nos mecanismos de atuação de poder e contrapoder nas instituições.

3.5 AS RELAÇÕES DA REPROGRAMAÇÃO EM REDE

As relações estabelecidas pelo poder e contrapoder nas instituições das esferas públicas e privadas não são estáticas e inerentes às mudanças dos processos de constituição social, conforme aponta Castells (2015). No que tange ao objeto deste estudo, pode-se destacar que a transição capilar, como processo que proporciona o retorno dos cabelos naturais à mulher, foi objeto de transformações nas relações de poder e contrapoder oriundas de grupos sociais. A visão remanescente da sociedade escravista, que impõe à mulher negra enquadrar-se aos padrões eurocêntricos, começa a sofrer rupturas, ainda gradativas, mas que enaltecem suas características corpóreas.

Para o autor, a partir da inclusão de pautas ou projetos é que se estabelecem os enfrentamentos pelos atores sociais e concebe-se a produção de discursos, que orientam a mente dos sujeitos e suas ações na formação das redes de comunicação. Nesse sentido, aponta que a utilização da mente é central para partilhar mudanças e instaurar reprogramações nas redes, assim pode-se dizer que:

Projetos e valores alternativos propostos pelos atores sociais que têm como objetivo reprogramar a sociedade precisam também passar pelas redes de comunicação para transformar a consciência e as visões na mente das pessoas a fim de desafiar os poderes constituídos. E é apenas atuando sobre os discursos globais por meio das redes globais de comunicação que esses atores podem influenciar as relações de poder nas redes globais que estruturam todas as sociedades (CASTELLS, 2015, p. 99).

As mulheres negras em transição podem ser consideradas agentes do contrapoder às instituições sociais e políticas na esfera pública e privada. Seu protagonismo na busca de mudança social e cultural frente ao cabelo crespo pode ser compreendido no que Castells (2015) aponta como movimentos sociais e a mudança institucional deste ato como política insurgente.

A compreensão das modificações pautadas pelo povo negro é dependente da mudança global e local estabelecida pelos discursos de poder e suas relações nas redes da sociedade. Entretanto, as transformações causadas nas instituições somente são possíveis quando ocorre a mudança de mentalidade entre os indivíduos, conforme aponta Castells (2015). Nesse aspecto, o autor destaca que as mudanças nas relações de poder podem ser estabelecidas nos territórios constituídos no âmbito local e global, articulados por meio de redes. Isto é:

A mudança, seja ela evolucionária ou revolucionária, é a essência da vida. Para um ser vivo, o estado de inércia é equivalente à morte. O mesmo se aplica à sociedade. A mudança social é multidimensional, mas em última instância depende de uma mudança de mentalidade, tanto individual quanto coletiva. A maneira como sentimos/pensamos determina a maneira como agimos. E mudanças no comportamento individual e na ação coletiva irão, gradativa, mas seguramente, provocar e modificar normas e instituições que estruturam as práticas sociais. No entanto, as instituições são cristalizações das práticas sociais de momentos anteriores na história, e essas práticas sociais são enraizadas nas relações de poder (CASTELLS, 2015, p. 353).

Nesse apontamento, pode-se compreender que as instituições reproduzem e reforçam as práticas sociais estabelecidas da sociedade. Desse modo, o discurso midiático reproduz os valores enraizados na sociedade historicamente. É esse processo que coloca o povo negro como inferior ao branco e subestima suas ações orientadas por valores oriundos da sociedade escravocrata. Entretanto, quando os atores sociais buscam a resistência nesse processo de inferiorização à lógica pode ser invertida, e assim, os discursos da mídia tendem a reproduzir novas visões acerca do negro. Em outra perspectiva, os sites de redes sociais ao serem construídos e programados pelos mesmos sujeitos, também começam a reprogramar os discursos e relações de poder. Conforme aponta Castells (2015), as mudanças sociais e culturais são estabelecidas pela constituição de movimentos sociais, assim:

Movimentos sociais são formados pela comunicação de mensagens de raiva e esperança. A estrutura específica da comunicação de uma determinada sociedade molda, em grande medida, seus movimentos sociais. Em outras palavras, os movimentos sociais e a política, insurgente ou não, surgem e vivem no *espaço público*. O espaço público é o *espaço de interação significativa da sociedade, onde ideias e valores são formados, transmitidos apoiados e resistidos; espaço que, em última instância, se torna um campo de treinamento para ação e reação* (CASTELLS, 2015, p. 355, grifo do autor).

Neste capítulo, apresentou-se o discurso e poder da mídia presente nas instituições, que são organizados pelos grupos dominantes na sociedade que detém o poder. Percebeu-se a relação do poder simbólico no discurso midiático, o qual pauta as informações dos meios de comunicação vistas neste estudo nos jornais de referência – os quais possuem credibilidade, tradição e são formadores da opinião pública. Entretanto, verificou-se que os discursos da mídia ainda carregam estereótipos negativos acerca do negro. De modo a contrapor esta lógica, emerge o contrapoder dos atores sociais, como no caso da mulher negra, contra as

instituições de poder para inserir suas pautas e projetos. Essa ação ganhou fluidez com o advento da cultura midiática, na qual os indivíduos tornam-se produtores e consumidores ativos. Nesse cenário, os sites de redes sociais tornaram-se ambientes de socialização e interação entre os indivíduos, que proporcionam a criação de comunidades virtuais para unir os assuntos em comum dos sujeitos. É neste contexto que surge a análise deste trabalho, numa nova configuração da comunicação provocada em rede, em que se pretende analisar suas dinâmicas à luz da transição capilar da mulher negra nos jornais de referência e grupos no site da rede social Facebook.

4 CABELOS EM TRANSIÇÃO

A partir do referencial teórico abordado, pôde-se compreender o contexto social e histórico que cerca o corpo da mulher negra ao longo da história do Brasil, justificando-se assim sua escolha como objeto desse estudo. Essas atitudes configuraram-se no imaginário social dos indivíduos de diferentes maneiras, reforçados pela dinâmica entre classe, raça e gênero, que constitui as relações de poder e os mecanismos de opressão e diferenciação social. Em convergência demonstram como ainda a mulher negra é inferiorizada e vista como objeto a ser explorado frente aos grupos dominantes. Como resistência, o cabelo é um dos principais elementos corpóreos que expressa sua liberdade e enaltecimento da sua identidade, e assim, possibilita a abertura para estudos no âmbito da comunicação.

Neste estudo, analisa-se a representação que os jornais e os sites de redes sociais proporcionam ao retorno do cabelo crespo com a transição capilar. Percebeu-se pela bibliografia que a produção discursiva da mídia estabelece sentidos, os quais são interpretados e (re) significados pelos sujeitos. Entende-se que o objeto deste estudo – os jornais de referência e os grupos no site da rede social Facebook – atende à convergência e à cultura das mídias nas últimas décadas, na qual se percebeu uma sinergia de conteúdos com as novas tecnologias da informação. Há uma retroalimentação entre os discursos da mídia e dos sujeitos, os quais se tornaram fluidos e podem transmitir uma nova produção de discursos acerca do cabelo crespo.

Este capítulo apresenta, inicialmente, os procedimentos metodológicos desta pesquisa a partir da análise de conteúdo (AC) à luz de Bardin (2011). Na sequência, apresenta-se a inserção da transição capilar na mídia como objeto deste estudo, os materiais selecionados e os temas que emergiram desta análise. Para aprofundá-la, elegeram-se os dois temas com maior número de postagens nos grupos no site da rede social Facebook e das matérias nos jornais.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada nesta pesquisa está amparada na análise de conteúdo à luz de Bardin (2011). A análise de conteúdo pode ser vista como “[...] conjuntos de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”, conforme aponta Bardin (2011, p. 44). Essa pode ser compreendida como método empírico relacionado a diferentes formas e aplicações no que tange às comunicações. Para tanto, a autora organiza o método da análise em três fases: a pré-análise, a exploração dos resultados e a interpretação e tratamento do mesmo.

A pré-análise é a primeira fase do estudo, que corresponde à organização do que se pretende e contempla a escolha dos materiais de pesquisa, concomitantemente, com a formulação dos objetivos (BARDIN, 2011). Nessa fase, identificou-se o referencial teórico que ampara o tema deste estudo e a partir da pesquisa pelo termo “transição capilar” no site de pesquisa *Google*, verificou-se a presença do tema na mídia e nos sites de redes sociais. Percebeu-se a abordagem da temática em sites de notícias e a partir disso, optou-se por verificar sua exploração em jornais de referência impressos no país, atendendo a relevância e credibilidade destes como formadores da opinião pública. Os jornais escolhidos foram o jornal *Folha de São Paulo* para representar um veículo de abrangência nacional e o jornal *Zero Hora* como mídia local deste estudo.

No período da pesquisa, identificou-se em sites e blogs⁶ a menção de grupos no site da rede social Facebook por mulheres que passaram pela transição como ambiente importante de participação e apoio. Por isso, o site de rede social escolhido foi o Facebook por possibilitar a organização de grupos e permitir o diálogo e discussões sobre temas de interesse entre os participantes. A escolha dos grupos atendeu aos seguintes critérios: a) grupos com o maior número de membros e b) grupos que continham postagens dentro do período de julho de 2015 a julho de 2016. A partir da busca pelo termo “transição capilar” no site da rede social Facebook foram encontrados 39 grupos. Destes, dois correspondem aos critérios delimitados: *Transição Capilar – cabelos sem química*, que contém 40.718 membros e *Transição Capilar – depoimentos* com 15.452 membros. O grupo *Transição capilar*

⁶ Matérias que apresentam os grupos no site da rede social Facebook como comunidades virtuais de apoio às mulheres em transição: Souza (2015) e Freitas (2016).

– *depoimentos* é classificado como secreto, pois somente participantes podem encontrá-lo e verem suas publicações. A pesquisadora teve acesso ao grupo por indicações de mulheres que passaram pela transição capilar em seu círculo de amizades. O grupo *Transição capilar – cabelos sem química* é fechado, assim qualquer pessoa pode achá-lo, mas as publicações somente são vistas pelos membros. A pesquisadora solicitou acesso para participar do mesmo, quando passou pela transição capilar.

O período escolhido para analisar o objeto desta pesquisa foi de julho de 2015 a julho de 2016 devido à crescente abordagem da naturalização do cabelo da mulher negra estar em evidência na mídia, bem como pela midiaticização, neste período, do retorno do cabelo natural com a Marcha do Orgulho Crespo⁷ que iniciou na capital São Paulo e contemplou outras cidades como Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF) e Feira de Santana (BA). Cujo objetivo era valorizar o cabelo crespo e transmitir a mensagem pelo fim do racismo e discriminação social, que o cabelo crespo ainda sofre na sociedade.

O crescente movimento dos cabelos naturais no país, conhecido como *transição capilar* – processo que consiste em interromper o uso de produtos químicos, que modificam a estrutura capilar do cabelo, torna-se referência nas mulheres negras por trazer novamente o cabelo crespo, enaltecido nos anos 80. Durante o período de transição, o crescimento dos cabelos naturais expõe os fios remanescentes da química junto com os naturais, assim as mulheres que passam pelo processo fazem o chamado *big chop* (BC), isto é, o “grande corte” que retira as partes com química e permanecem apenas os fios naturais.

Percebeu-se que as mulheres negras que passavam pelo processo utilizavam os sites de redes sociais como Blogs, Vlogs, Youtube, Facebook, Instagram para compartilhar suas experiências, cuidados, técnicas e penteados, entre outros. Esse compartilhamento inicia pela falta de representatividade de mulheres negras com cabelos crespos na mídia, assim o ambiente digital proporciona visibilidade e dá voz às mulheres negras. Nesse período de pesquisa, percebeu-se a mídia abordando o retorno do cabelo crespo, o que expõe uma mudança, gradativa, perante a mulher

⁷ Publicação em *sites* de notícias sobre a marcha do orgulho crespo pelo país. Essa teve seu primeiro ato em julho de 2015 e o segundo ato em 2016: Araujo (2015), Diário Gaúcho (2015), Bom dia Brasil (2015), G1 São Paulo (2016).

negra. Conforme pesquisa da A Ponte Estratégia⁸ realizada com 1200 pessoas no país, a tendência para os cabelos mudou de 2003 para 2016. Em 2003, o cabelo liso era a marca do país, hoje se percebe o cabelo crespo. Assim, reforça-se a justificativa deste estudo.

A partir disso, foram traçados os objetivos deste estudo e analisados os conteúdos sobre o tema nos jornais e grupos no site da rede social Facebook. Nos jornais, utilizaram-se os sites *Acervo Folha* do jornal Folha de São Paulo e *ZH Jornal Digital* do jornal Zero Hora para buscar os termos que fazem referência à naturalização do cabelo crespo da mulher negra, utilizando-se as palavras-chaves “cabelo crespo”, “cabelo afro” e “cabelo cacheado” no período de julho de 2015 a julho de 2016. Englobaram o universo desta pesquisa: matérias e capas que continham esses termos e imagens de mulheres negras com cabelo naturalizado, totalizando 21 matérias, sendo dez do Jornal *Zero Hora* e onze da *Folha de São Paulo*. Nos grupos do Facebook foram contempladas postagens sobre o cabelo crespo da mulher negra e postagens com acima de 60 curtidas, o que resultou em 114 postagens. Foram catalogadas 57 postagens em cada grupo.

Com os materiais coletados, a primeira atividade desenvolvida foi à leitura flutuante, com o intuito de aproximar-se dos objetos e textos para compreender o que o material abordava (BARDIN, 2011). A partir disso, pôde-se estabelecer o *corpus* deste trabalho, e, assim estruturar a segunda fase que é a exploração do material.

A segunda fase abordada por Bardin (2011) expõe a exploração do material, na qual se trabalha com a codificação e decodificação. Para tal fim, é necessário separar os materiais coletados e uni-los em unidades que permitem explorar uma característica do conteúdo. Nessa etapa estabeleceram-se, por meio das unidades de análise, os temas que se aproximavam seguindo o critério temático. A partir das 21 matérias dos jornais e das 114 postagens dos grupos, foram constituídos os temas e os subtemas deste estudo. Para estabelecer uma análise aprofundada de cada objeto, os temas elucidados nos jornais e nos grupos na rede social Facebook foram catalogados separadamente, os quais serão apresentados no próximo subcapítulo de composição da análise.

⁸ Empresa de consultoria e pesquisa de mercado situada em São Paulo (A PONTE ESTRATÉGIA, 2016).

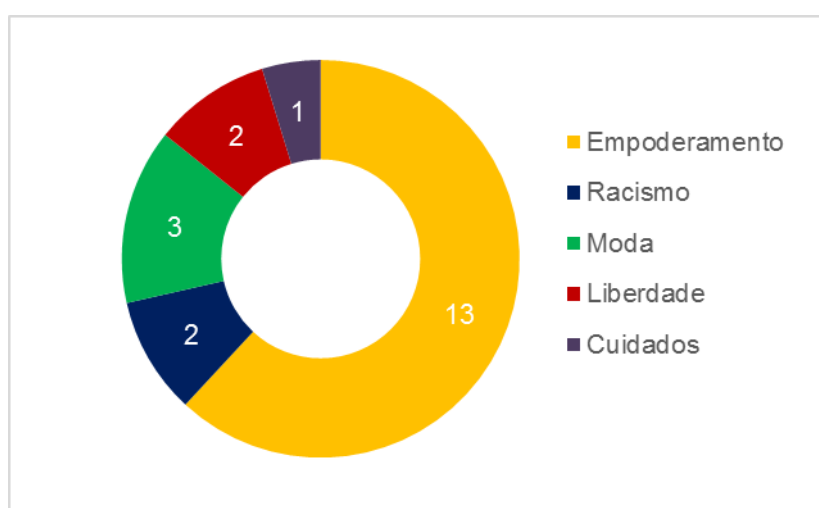
4.2 A TRANSIÇÃO CAPILAR NOS JORNAIS E NOS GRUPOS DO FACEBOOK

Neste capítulo serão apresentados os temas e subtemas catalogados na análise deste estudo. Primeiro, expõem-se os temas observados nos jornais e na sequência, mostram-se os temas e subtemas manifestados nos grupos de transição capilar no Facebook. Ressalta-se que se analisam os discursos expressos nos materiais, porém, para esta inferência, as imagens são importantes mecanismos para reforçá-los.

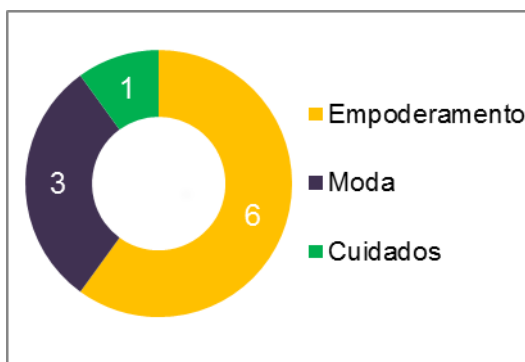
4.3 JORNAIS: NOVOS TEMAS EM CONSTRUÇÃO

Para constituir os temas de análise dos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* realizou-se a leitura das 21 matérias publicadas. A partir da leitura flutuante e exploração do material (BARDIN, 2011), foram identificados unidades de sentidos nessas matérias, obedecendo à análise temática. Essas matérias apresentaram elementos relacionados ao cabelo crespo nos formatos de textos e/ou imagens. A partir dos temas e do sentido semântico estabelecido, emergiram os seguintes temas: *empoderamento*, *racismo*, *moda*, *liberdade* e *cuidados*, conforme se apresenta no gráfico 1. Na sequência, apresentam-se a segmentação por jornais, conforme mostram com os gráficos 2 e 3.

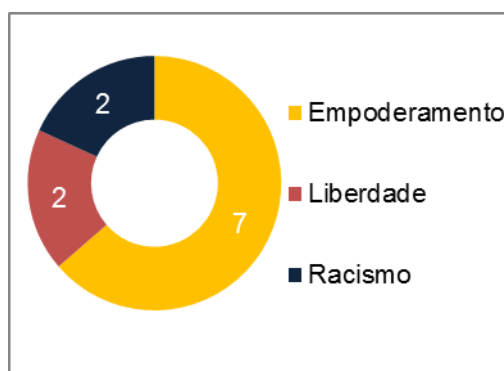
Gráfico 1 – Temas Jornais: *Zero Hora* e *Folha de São Paulo*



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Gráfico 2 – Temas *Zero Hora*

Fonte: Elaboração da autora (2016)

Gráfico 3 – Temas *Folha de São Paulo*

Fonte: Elaboração da autora (2016)

Quanto à classificação temática, observou-se que a categoria empoderamento foi a mais abordada em ambos os jornais, demonstrando o posicionamento que as mulheres negras estão construindo a partir do cabelo natural. Em especial, destacam-se as revistas *sãopaulo*, da *Folha de São Paulo*, e *Donna*, da *Zero Hora*, que apresentaram matérias de capa abordando o cabelo crespo. Após a classificação, constituem-se os temas com base nas 21 matérias catalogadas e assim, busca-se responder ao objetivo específico deste estudo que é: verificar como são produzidas as temáticas acerca da transição capilar pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período delimitado.

4.3.1 Empoderamento: das mulheres reais ao cabelo como identidade

Em matéria da *Zero Hora* sobre o cabelo da mulher porto-alegrense, publicada na revista *Donna*, do jornal *Zero Hora*, nos dias 26 e 27 de março, foi convidado um *hairstylist* para verificar as tendências de cabelo nas ruas (ANEXO A).

A partir da análise do especialista, a matéria apresenta o cabelo da mulher porto-alegrense como “[...] diversificado, demonstrando que os looks têm tudo a ver com o visual feminino daqui [Porto Alegre]”, conforme aponta a jornalista. Dentre os cabelos escolhidos, há uma mulher negra com cabelo crespo curto, e o visagista afirma que: “se antes existia uma busca feminina por ter cabelos lisos, agora o desejo é ser natural”. Essa fala demonstra que há uma tendência da mulher em assumir e valorizar os aspectos naturais do seu corpo. Com a transição capilar, a mulher negra retorna ao cabelo crespo, o que se torna um movimento de suma importância sobre seu corpo, pois rompe com aspectos negativos e impositivos e realça a valorização de suas características identitárias.

Enaltecer a autoestima feminina com frases inspiradoras é o que a designer Carol Rossetti faz com suas ilustrações nos sites de redes sociais. Em entrevista para a revista *Donna da Zero Hora* (28 e 29 mar.), a designer conta que suas mensagens servem de incentivo e dialogam um pouco com o “[...] feminismo, diversidade e representatividade” (ANEXO B). Assim, se sente inspirada e motivada a valorizar as mulheres como elas são. Dentre as ilustrações publicadas na revista, encontra-se uma sobre o cabelo crespo da mulher negra, abordando a importância de valorizá-lo, mesmo com todos os preconceitos enfrentados por ela.

Esta problemática é central no novo álbum visual da cantora Beyoncé, intitulado *Lemonade*. O seu lançamento é a capa do *Segundo Caderno de Zero Hora* (28 abr. 2016) - segundo a matéria, a obra aborda o “[...] empoderamento da mulher negra, condição feminina, negritude e violência”. A matéria faz uma análise sobre a mudança discursiva de Beyoncé, e assim traz como fontes um professor com trabalhos sobre cultura pop e uma ativista negra (ANEXO C). O professor aponta que o novo álbum faz “pensar questões de gênero e de raça” - essa análise é feita, pois conforme exposto no subcapítulo de interseccionalidade, ser mulher e negra numa sociedade que oprime mulheres e negros é duplamente doloroso. Para a ativista, o posicionamento da cantora ao assumir sua negritude estabelece uma ruptura ao “[...] embranquecimento das cantoras pop”, entende-se que ser negro é visto como ruim desde a sociedade escravocrata, assim sustenta-se o embranquecimento da população negra. Na matéria expõe-se o significado de *Lemonade*, o qual faz “[...] referência a um hábito dos escravos americanos que bebiam limonada acreditando que embranqueceria a pele”. Essa atitude realça a presença da negação das características negras entre os negros, as quais foram

reforçadas pela política de embranquecimento da população nos países oriundos do regime de escravidão, como no caso brasileiro, consolidado pelo projeto de miscigenação e pelo mito da democracia racial (ANDRÉ, 2008).

A política de embraquecimento não se manifesta apenas no ideal de clareamento da pele negra, entende-se que o corpo é uma expressão de linguagem não verbal e sígnica (NOGUEIRA, 1999), e as formas como são utilizados o cabelo e as roupas transmitem uma mensagem. Assim, observa-se a capa da revista *Serafina* (29 nov. 2015), da *Folha de São Paulo*, que traz a jornalista Maria Julia Coutinho, conhecida como Maju, e segundo a matéria, “[...] reconhecida como símbolo da nova informalidade do telejornalismo na TV aberta” (ANEXO D). Maju apresenta a previsão do tempo no Jornal Nacional da *Rede Globo*, no qual aparece com seus cabelos crespos soltos. Contudo, na capa da revista, Maju aparece com seu cabelo preso com coque e vestindo roupas que não se assemelham ao estilo da jornalista do Jornal Nacional.

Essa mudança causou estranhamento na própria jornalista, que ao ser ver nas fotos de seu primeiro ensaio de moda afirmou: “[...] nossa, é outra pessoa. Não sou eu”. A jornalista ressalta que “causou-lhe estranhamento, além das roupas estampadas e de grifes estrangeiras, o cabelo, naturalmente encaracolado e sempre solto, preso em um coque”. Essa ação da revista representa as imposições e intervenções dos grupos dominantes sobre o corpo negro, desde o período escravocrata e que persiste ao longo dos séculos. Por ser considerado um corpo exótico e visto como objeto, o corpo da mulher negra foi submetido à análise científica e à mão de obra trabalhista, além de seguir os padrões eurocêtricos impostos pelos homens brancos, conforme apontam Schumacher e Vital Brazil (2007).

As imposições sobre o corpo da mulher negra tornaram-se ocultas ou sutis na sociedade, mas ainda se manifestam quando analisados o modo como a mulher negra é retratada na mídia. Para evidenciá-las, comparam-se duas imagens retratadas em épocas e conjunturas políticas distintas, mas que expressam a semelhança da intervenção ao corpo da mulher negra pelas convenções sociais, isto é: roupas elegantes, cabelo escondido e usando jóias para completar o seu visual, conforme ilustram as figuras abaixo:

Figura 3 – Mulher Negra Século XIX



Fonte: Schumaker; Vital Brazil (2007)

Figura 4 – Mulher Negra Século XXI



Fonte: Acervo Folha (2016)

Libertar-se das imposições de uma sociedade que a percebe como sujeito a ser enquadrado em padrões, principalmente eurocêtricos, exige um processo de autoconhecimento e identificação das suas características como belas. Conceito que é relativo e mutável ao longo dos séculos, o qual segue as mudanças sociais (ECO, 2004). Por isso, o cabelo pode ser considerado o principal elemento corpóreo, no qual se compreende a aceitação de seus traços fenotípicos e ao ser alvo de críticas, resulta numa distorção de beleza natural na mulher negra. Na matéria “orgulhosa

das madeixas crespas, Maju confessa ter caído na tentação da chapinha na adolescência por ter dificuldade de aceitar seu cabelo”. O processo de alisamento torna-se o primeiro ato de refúgio para enquadrar-se em padrões impostos para a mulher negra. Por sua vez, assumir seu cabelo natural talvez seja visto como um empoderamento de si e de seu corpo, que dialoga com a sua identidade.

Encontrar o poder e a força para aceitar-se é um ato político e de resistência. *Power girl* é o título de matéria curta, publicada pela *Folha de São Paulo* (07 mar. 2016). O texto enaltece o poder da mulher negra com sua autoestima elevada e pela resistência frente à sociedade parisiense exposta na matéria (ANEXO E). Na Semana de Moda de Paris, o jornal *Folha de São Paulo* entrevistou uma estudante negra da Esmod – uma das escolas de moda mais tradicionais da França, na qual destacou que a jovem “[...] é uma das poucas negras na semana de moda a apostar no cabelo *black power*”. Essa concepção expõe a predominância da cultura eurocêntrica no mundo da moda. Sobre a organização de resistência, a estudante diz: “[...] aqui não há um movimento de orgulho negro como nos EUA”.

A concepção de Lola, a entrevistada, traz elementos importantes para compreender a associação que o cabelo crespo tem como signo de luta política. A importância que os movimentos da década de 60-80 exerceram nos Estados Unidos, (SANTOS, 2012), evidencia a onipresença que os movimentos sociais exercem como agentes de transformação com suas pautas na mente dos sujeitos, o que pode resultar em mudanças significativas no imaginário social. Para isso, a utilização das redes de comunicação, agindo no compartilhamento das pautas dos movimentos em escala global, estabelece uma ampliação dos ideais como ocorreu no caso brasileiro. Enquanto os movimentos nos Estados Unidos estavam articulados na defesa dessa pauta, no Brasil acontecia o mesmo, o que evidencia a força que a organização de movimentos em rede pode resultar em escala global, conforme aponta Castells (2015).

O orgulho do cabelo crespo pode ser considerado um mecanismo de valorização identitária. Por isso, quando Lola afirma que: “[...] levanto o cabelo para ter orgulho de mim mesma”, está transmitindo um discurso acerca de si e definindo seu espaço identitário com a valorização do cabelo crespo (SILVA, 2010). Em outra perspectiva, assumir o cabelo pode ser visto como ato político diante das imposições, padrões e construções sociais que cercam o cabelo crespo, principalmente, evidenciados com o racismo.

Em matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* (25 jun. 2016) aborda-se a programação de Festival em São Paulo que reúne diversidade (ANEXO F). Neste, há uma breve menção ao filme *Kbela*⁹ de Yasmin Thayná que, segundo a matéria “[...] traz à tona, buscando uma linguagem poética, uma mulher negra que se liberta de imposições estéticas”. Percebe-se que é ressaltado no texto o pleito da liberdade sobre o corpo negro, destacando a estética, pois é a partir dela que se impõem os padrões de beleza e, por sua vez, pode ser visto como elemento visível do seu empoderamento. Aponta-se o cabelo liso como padrão hegemônico de beleza para os cabelos, tornando o cabelo crespo – por diversos fatores já mencionados – como inferior.

A representatividade da mulher negra na mídia torna-se um importante elemento de combate aos padrões, como evidencia a entrevista da jornalista Maju para a revista *Serafina* - ela comenta que “[...] seus fios deixaram de ser retos quando ela se deparou com uma modelo cheia de trancinhas na capa da revista ‘Raça’ e resolveu adotar o visual”. Quando se coloca a negritude em evidência nos discursos midiáticos, de modo valorativo, expõe-se o enaltecimento das características negras e rompe-se o modelo de padronizações do liso, como no caso da rapper Mc Soffia, que o jornal *Folha de São Paulo* enfatiza em nota sobre seu show: “[...] a cantora exalta sua pele negra e seu cabelo crespo em suas músicas” (ANEXO G). Em matéria realizada pela *Serafina*, Maju sustenta essa visão: “À medida que a gente não é mais invisível, que não faça só papéis de empregada [na dramaturgia], que faça a diferença em diversas áreas, as pessoas vão se acostumando”. Essa perspectiva de produção de discursos positivos acerca da mulher negra (CANTO; SILVA, 2009) resulta no seu empoderamento e na valorização dos discursos positivos acerca de si, de sua identidade e da sua naturalização perante a sociedade.

4.3.2 Moda – Ruptura de padrões, sim!

Ao longo deste estudo, torna-se recorrente o uso da palavra padrões, os quais estão associados, principalmente, à beleza do corpo com o cabelo. A indústria

⁹ *Kbela* é um curta produzido e interpretado por mulheres negras, que trata da afirmação e relação da desta com seu cabelo, evidenciando situações passadas pelas imposições no seu corpo, como o processo de embranquecimento. Esse expõe uma linguagem não verbal e poética ao tratar do tema (GLOBO NEWS, 2015).

da moda é uma das principais responsáveis por estabelecê-los na sociedade. E, apesar de seguir trabalhando com modelos de beleza inatingíveis para a maioria das mulheres, percebe-se um diálogo a favor do enaltecimento do cabelo crespo vindo pela moda. Nas matérias analisadas, emerge a temática “moda” com a presença de editoriais que apresentam modelos negras com cabelo crespo. Na edição especial *Donna Teen* (30 abr. e 01 maio 2016) consta matéria intitulada *black divas*, que faz referência as cantoras negras consideradas ícones da música pop: Beyoncé e Rihanna (ANEXO H). A matéria aponta que elas são “[...] grandes ícones do estilo da moda hoje”. Além de ser representativo para mulheres negras, o que chama a atenção na matéria, é a presença em destaque de uma jovem negra com seu cabelo natural, o que dialoga tanto com a referência de *black divas*, quanto pela recorrente presença de mulheres negras voltando a valorizar seu cabelo crespo. Na conjuntura histórica, o termo *black* englobava o movimento *black power* da década de 60 nos Estados Unidos, que enaltecia o cabelo natural dos negros; além de associar negra (*black*) com a palavra *divas*, estabelecendo também uma produção de discursos positivos sobre a mulher negra.

A circulação de discursos valorativos sobre a mulher negra pode ser identificado também na inserção de imagens. Em matéria publicada na revista *Donna* (02 e 03 jul. 2016), encontra-se novamente uma jovem mulher negra com cabelo crespo e neste, percebe-se um segmento editorial diferente, no qual o elemento principal é o couro, conforme evidencia o título “Couro da cabeça aos pés”, o qual faz referência ao *look* da modelo (ANEXO I). Em comparação com a matéria mencionada acima, há uma mudança de linguagem e de direcionamento de público leitor, e mesmo nestes percebe-se a mulher negra como único sujeito de destaque. Nas matérias apresentadas sobre moda, há a predominância da imagem da mulher negra com cabelo natural, o que demonstra uma nova ordem de visões e discursos que estão se constituindo.

4.3.3 Cuidados – Enaltecimento da mulher negra

A “beleza negra” intitula a matéria publicada na revista *Donna* (23 jul. 2016), que enaltece as características negras como positivas perante os leitores e traz especialistas em pele negra e cabelo crespo para dar dicas (ANEXO J). O texto inicia reforçando que o corpo negro necessita de “[...] cuidados específicos [...] um

desafio comum é dar conta, ao mesmo tempo, dos efeitos do ressecamento e da oleosidade”. Para falar sobre cabelo crespo, há a presença de duas fontes: uma dermatologista e uma cabeleireira de salão especializado em cabelo crespo, assim há um diálogo entre a explicação do cabelo crespo e das técnicas para mantê-lo bem cuidado. A dermatologista explica que: “[...] o cabelo afro costuma ser mais oleoso na raiz e quebradiço perto das pontas devido à diminuição da queratina”, assim para cuidá-lo, a cabeleireira “[...] indica tratamentos que reponham a queratina dos fios”. Essa atitude mantém-se com a pele, mas neste momento a dermatologista, especializada em pele negra, comenta sobre o seu funcionamento. Há uma explicação sobre os cuidados com o rosto, que “[...] costuma ser mais oleoso devido a um maior número de glândulas sebáceas” e, assim há a necessidade de cuidar o surgimento de acne, um dos problemas de pele mais frequentes entre mulheres negras. Percebe-se que há uma preocupação da revista em ser didática e procurar fontes especializadas nos elementos corporais analisados, além de reforçar a valorização da beleza negra. Por isso, os cuidados com a pele e cabelo são fonte de seu enaltecimento.

4.3.4 Liberdade – A busca contínua

A liberdade torna-se pleito de mulheres e homens negros historicamente na sociedade. Após séculos de submissão pelas imposições do poder, busca-se no uso do cabelo crespo uma nova forma de enaltecer e lutar pela liberdade. Com uma matéria de página sobre sua carreira, publicada no jornal *Folha de São Paulo* (01 maio 2016), a atriz da Rede Globo Cacau Protásio “[...] levanta a bandeira da autoestima”, segundo a matéria (ANEXO K). Essa frase corresponde ao texto de apoio do título, que demonstra o orgulho do seu corpo e cabelo. A atriz conta que os cabelos “[...] sempre foram fonte de insegurança, e que isso diminuiu um pouco depois que começou a usar perucas. Para ela, ter cabelo crespo, ‘graças a Deus’, nunca foi problema”. Segundo a atriz, essa insegurança ocorria pois: “[...] não conseguia deixar ele [cabelo] do jeito que eu queria”, mas afirma que o cabelo sempre foi motivo de orgulho e até suas perucas são *black*.

Ao longo da entrevista, identifica-se pelo texto que a atriz procura passar pelas adversidades de sua carreira com bom humor. No entanto, percebe-se em trechos, que este início era incerto e somente após o sucesso em ‘Avenida Brasil’,

novela transmitida pela *Rede Globo*, é que começaram a aparecer trabalho estáveis para a atriz. Da empregada doméstica interpretada no folhetim à “[...] empresária Ivone, sua personagem no filme ‘Gostasas, Lindas e Sexies’, representa uma mudança de rumo na carreira”, de acordo com a matéria. Mas, a atriz reitera: “[...] agora quem sabe algum outro autor vê que posso fazer outra coisa?” Percebe-se na fala da atriz, que mesmo colhendo frutos do sucesso, ainda identifica que há uma desconfiança de autores/escritores em sua atuação, o que dá ênfase para os estigmas e estereótipos ainda enfrentados pela mulher negra no Brasil, conforme se evidenciou no primeiro capítulo deste estudo.

Em matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* (12 fev. 2016), aborda-se a repercussão da apresentação da cantora Beyoncé no *Super Bowl* – um dos maiores eventos nos Estados Unidos – com a música *Formation* (ANEXO L). Segundo a matéria, percebe-se na letra da música que o grito de liberdade ecoa de formas diferentes, “[...] a cantora exalta a própria negritude, cantando sobre seus pais do Alabama e de Louisiana, seu cabelo afro e o nariz avantajado”. Essa nova abordagem da cantora, segundo a matéria, é “[...] celebrada como hino do orgulho negro” nos sites de redes sociais. Por isso, conforme aponta a análise da antropóloga e historiadora, Lilia Moritz Schwarcz, consultada na matéria, “[...] a letra de ‘Formation’ é de um lado, um hino a favor da autoestima negra, mas, sobretudo, beyoncé mostrou que ser negro está na ‘moda’, mas custa caro”. Enquanto enaltece o orgulho negro, a matéria aponta que a cantora faz críticas à violência policial contra negros nos Estados Unidos, muitas vezes, resultando em mortes. As matérias evidenciam que a liberdade é um pleito dos negros no mundo. Torna-se uma busca contínua, pois aponta que ainda há um longo processo da real liberdade de padrões sendo travada. Por isso, os tensionamentos acerca da condição negra no mundo são essenciais para dar-se início ao combate.

4.3.5 Racismo: Ainda precisamos falar sobre isso!

Como elemento visível do corpo negro, o cabelo é o elemento corpóreo que manifesta o racismo ocultado nos sujeitos. Esse tema emerge de matérias que evidenciam a discriminação racial sendo exposta em relatos na mídia impressa. Em coluna sobre literatura do jornal *Folha de São Paulo* (23 jul. 2016), há um nota de divulgação do livro da cineasta Yasmin Thayná, que produziu o curta *Kbela*, sobre o

lançamento do seu primeiro livro *Cartas ao meu pai branco* (ANEXO M). Segundo a matéria, “[...] ela narra situações machistas e racistas que sofreu no Rio de Janeiro – inclusive o dia em que tentaram atear fogo ao seu cabelo em um ônibus”. O cabelo crespo, atribuído com conotações negativas, expressa o racismo e as desigualdades raciais (GOMES, 2002). Essa atitude sofrida pela cineasta demonstra que o racismo está associado ao cabelo crespo, pois as características negras no Brasil – como cabelo crespo, lábios e nariz – são consideradas como ruins e inferiores, resultado das construções sociais vigentes na sociedade desde o período escravocrata.

Em matéria do jornal *Folha de São Paulo* (16 ago. 2015) aponta-se a filha mais velha, Malia, do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, com seu estilo e sua legião de fãs (ANEXO N). Segundo a matéria, a popularidade da jovem inicia pelos diferentes estágios que fez, mas torna-se evidente “[...] quando uma foto em que aparecia usando camiseta do coletivo rap Pro Era foi vazada supostamente sem o consentimento da Casa Branca”. Essa imagem gerou nas pessoas uma surpresa ao saber que ela era “descolada”, mas houve quem comentasse que a foto ganhou “[...] dimensão porque ela aparecia o cabelo sem escova”. Isso porque Michelle Obama e suas filhas sempre aparecem na mídia com “os fios perfeitamente alisados”. De acordo com a matéria, quando Malia tinha, nove anos, foi vista em Roma com cabelo crespo, a foto repercutiu “[...] pela internet acompanhada de comentários por veze racistas. Desde então, escassearam as ocasiões em que Malia se deixou ser vista sem escova”. Essa situação ocorrida com a jovem demonstra como o racismo associado ao cabelo, articulado com palavras depreciativas, faz com que as mulheres desejem alisá-los. Além de refletir uma cultura eurocêntrica, ainda vigente, que consolida o cabelo liso e loiro, olhos azuis como padrão de beleza (SILVA; BRAGA, 2015).

De forma analítica, o jornal convida um professor da Universidade da cidade de Nova York e uma ativista para comentarem o racismo associado ao cabelo sofrido por Malia. O professor alega que “[...] mesmo sendo filha do presidente da República, ela sente o racismo”. Essa percepção é incisiva quando afirma que: “[...] ela não enfrentará o que a maioria dos negros enfrenta. O que ela vai enfrentar é o olhar de raiva de indivíduos que não se sentirão confortáveis com uma pessoa negra na sua condição social e econômica”. Ressalta-se neste trecho uma percepção distorcida do professor, pois ele não percebe que o que a maioria dos negros

enfrenta é racismo, e será o mesmo que a jovem enfrentará. A diferença é que por sua posição e condição social e econômica, essa manifestação será velada.

Após contar uma situação racista que sofreu com seu cabelo, a ativista comenta que acha normal a jovem usar o cabelo alisado, e ressalta que nos Estados Unidos, as mulheres negras usam o cabelo liso por gosto, mas adverte que “[...] algumas relatam ter problemas no emprego se aparecem com o cabelo natural”. Percebe-se que as fontes utilizadas pelo jornal tocam no tema de modo superficial, pois não problematizam os motivos pelos quais as mulheres negras usam o cabelo liso. Essa justificativa se torna evidente quando a ativista comenta de casos de preconceitos, como o sofrido por Malia, e pela repressão no trabalho, mas não é discutida por eles a fundo, apenas percebe-se ao analisar os sentidos do texto. Em outra perspectiva, cabe ressaltar que pela sua visibilidade e credibilidade perante a opinião pública, Michelle Obama também já foi criticada por mulheres negras por seguir alisando seu cabelo, atitude vista como negação identitária dos seus traços, uma vez que por sua posição poderia ser uma defensora dos cabelos crespos. É importante frisar que o objetivo deste estudo não é estabelecer uma padronização, mas demonstrar os efeitos ocasionados pelo padrão liso para a mulher negra.

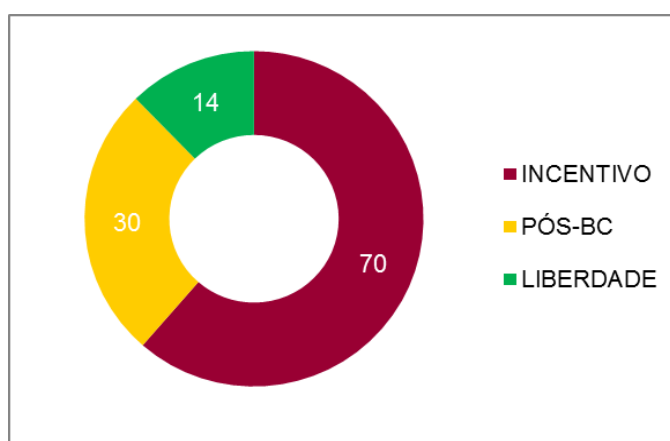
Percebeu-se ao longo deste subcapítulo que a mídia impressa tradicional e de referência (ZAMI, 2014) está desempenhando novos papéis discursivos e simbólicos na construção do imaginário social do negro. Se no início do século XX, a imprensa negra desponta como canal para abordar a temática negra e denunciar o racismo e discriminações sofridas pelos negros, como no jornal *O Exemplo*, hoje, percebe-se a mídia tradicional também tratando destas questões, embora que nem sempre com a profundidade e recorrência necessária. Essa visibilidade é conquistada com dificuldade, tendo em vista o mito da democracia racial que ainda está em voga, pois as discussões sobre o racismo amparam-se na pluralidade racial e cultural que o país possui o que resulta na negação da problemática. Mas, há o surgimento de canais fora dos meios tradicionais de comunicação que começam a encontrar espaço e temáticas para causar a mudança, como no caso dos grupos no site da rede social Facebook.

4.4 REDES SOCIAIS – GRUPOS DE TRANSIÇÃO NO FACEBOOK

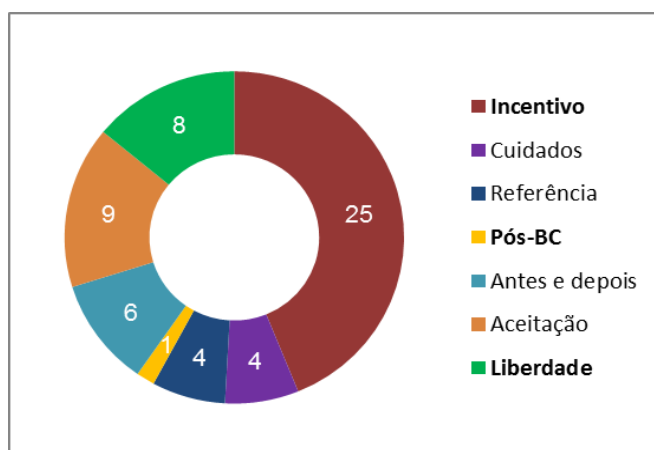
Os grupos no site da rede social Facebook totalizaram 114 postagens. A partir da leitura flutuante e exploração do material (BARDIN, 2011), foram identificadas as unidades de sentidos nestes conteúdos, obedecendo à análise temática. Os grupos escolhidos, seguindo os critérios, foram *Transição Capilar – cabelos sem química*, criado para trocas e discussões acerca da transição capilar e questões relacionadas à estética negra, e *Transição Capilar – depoimentos*, que se apresenta como um espaço para acolher mulheres que desejam parar de utilizar produtos químicos no cabelo.

As postagens presentes nestes grupos formaram os seguintes temas: a) incentivo que contempla os subtemas: b) cuidados, c) referência e d) relato; o tema e) pós-bc, que apresenta os subtemas: f) antes e depois e g) aceitação e o tema i) liberdade. Por se tratar de um grupo em uma rede social com políticas de privacidade, não serão expostos os nomes e rostos das participantes dos grupos. Abaixo está o gráfico 4 com a composição dos temas somados com os subtemas, que foram formados nos dois grupos do Facebook. Na sequência apresentam-se os temas correspondentes a cada grupo nos gráficos 5 e 6:

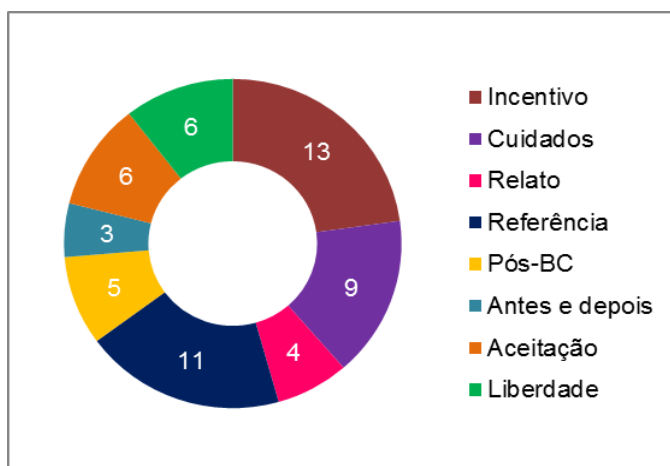
Gráfico 4 – Grupos de transição no Facebook



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Gráfico 5 – Grupo Transição Depoimentos

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Gráfico 6 – Grupo Transição Sem Química

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Em relação à classificação temática, percebeu-se que o tema “incentivo” apresenta o maior número de postagens nos dois grupos, que emerge pela natureza de inspiração que os materiais expressam. As mulheres que fizeram as postagens, em sua maioria, utilizaram suas fotos no processo de transição ou imagens de mulheres com cabelos cacheados e crespos transmitindo esta mensagem. De modo a contemplar as especificidades dos grupos de análise, serão apresentadas nos próximos subcapítulos os temas e subtemas que foram constituídas com base nas 114 postagens e assim, busca-se responder ao seguinte objetivo específico: compreender os principais temas produzidos no processo de transição capilar da mulher negra nos grupos escolhidos. Cabe ressaltar que diferente dos jornais, que trazem explicações e matérias didáticas sobre a temática, os grupos funcionam como ambiente de acolhimento e incentivo por quem já conhece o processo. Além

disso, por se tratar de uma linguagem mais informal e para não perder os sentidos depositados, seus textos serão postados na íntegra, sem correção dos eventuais equívocos gramaticais ou de digitação.

4.4.1 Incentivo: Seguimos

Essa categoria aflora pela inspiração e apoio que as participantes dos grupos expressam nas postagens. Esses textos enaltecem a beleza e elevam a autoestima das participantes que estão na transição capilar, utilizando mensagens motivadoras por compreenderem as incertezas ao longo do processo, como postou participante: “[...] seu cabelo merece uma segunda chance! #natural”,¹⁰ com uma foto dos estágios do cabelo desde o começo da transição, passando pelo BC e terminando com a contagem de quantos meses se está com o cabelo natural, essa atitude é comum, pois é vista como um incentivo a prosseguir no processo. (ANEXO O)

Após passar pelas duas texturas, chega o momento de encarar o cabelo curto, o qual se torna um momento difícil para as mulheres, pois há uma associação de beleza ao cabelo longo, assim a participante contesta: “[...] e quem disse que o curtinho não é lindo, mentiu pra você”¹¹ (ANEXO P). As postagens também contrapõem os padrões estabelecidos, como a visão eurocêntrica do cabelo liso, identificada no questionamento com tom irônico de participante: “[...] e quem disse que Rapunzel tem que ter cabelo liso e ser loira do olho azul?”¹² (ANEXO Q). Essa visão é compreendida ao analisar-se historicamente o cabelo liso e o crespo. Conforme aponta Quintão (2013), desde meados do século XIX o cabelo liso é visto como melhor do que o crespo. Assim, consolidou-se um padrão de beleza como hegemônico: o do cabelo liso, loiro e de olhos azuis (SILVA; BRAGA, 2015). A constituição do tema “incentivo” ainda contempla os seguintes subtemas: a) cuidados e b) referência, os quais serão descritos abaixo.

¹⁰ Postagem publicada em 14 fev. 2016 com reação de 126 curtidas.

¹¹ Postagem publicada em 24 jan. 2016 com reação de 144 curtidas.

¹² Postagem publicada em 22 jan. 2016 com reação de 89 curtidas.

4.4.2 Incentivo: Cuidados

Esse subtema é composto de postagens sobre dicas e penteados para lidar com as diferentes texturas do cabelo em transição. Nesse estudo, abordou-se a transição capilar como um processo, pois funciona em etapas. A primeira delas é a interrupção do uso de produtos químicos que modificam a estrutura capilar como alisamento e relaxamento. Após alguns meses, os fios naturais e os remanescentes da química começam a ficar evidentes, esboçando assim duas texturas. Neste momento, há a possibilidade de se fazer o *big chop* (BC), o grande corte, que retira todas as pontas com química, deixando os cabelos curtos, ou opta-se por regularmente, cortar apenas as pontas para retirar a química sem pressa. Após esse processo, começa o período da (re) descoberta capilar, quando se (re) descobre a textura natural do cabelo. Há uma curiosidade nas participantes em conhecer qual o tipo do seu fio, que varia do cabelo cacheado 3A, 3B, 3C (cacho mais aberto) ao cabelo crespo, 4A, 4B, 4C¹³ (cacho mais fechado). O entendimento da textura capilar do cabelo facilita na escolha de produtos adequados ao seu fio.

Há também o compartilhamento de vídeos entre as participantes sobre mulheres que passaram pela transição com *megahair*, perucas, tranças e penteados. Uma participante coloca sua foto com tranças comentando “[...] me libertei totalmente da química”¹⁴ (ANEXO R) e diz que para passar pela transição utilizou este mecanismo. A mensagem é reforçada com postagem de outra participante: “[...] convenci minha irmã a entrar também [na transição]. E ela colocou drads pra passar pela fase difícil do crescimento”¹⁵ (ANEXO S). A utilização de técnicas para disfarçar o crescimento também foi relatada por outra participante: “[...] vim apresentar pra vocês minha wig (peruca) alternativa pra quem como eu não gosta de usar o cabelo curto”¹⁶ (ANEXO T).

Os cabelos poderiam ser vistos como territórios livres, se não existissem os padrões de beleza (LODY, 2004), assim quando uma mulher negra que está passando pela transição fala em liberdade, torna-se emblemático, pois a química é

¹³ Essa tipologia é uma forma de ajudar as mulheres em transição a entenderem a estrutura capilar do seu fio. Os números podem ser vistos como categorias e as letras como subcategorias, assim os fios de 3A, 3B, 3C são considerados os cabelos cacheados, já de 4A, 4B, 4C são considerados os cabelos crespos.

¹⁴ Postagem publicada em 05 fev. 2016 com reação de 162 curtidas.

¹⁵ Postagem publicada em 20 mar. 2016 com reação de 198 curtidas, amei e uau.

¹⁶ Postagem publicada em 14 mar. 2016 com reação de 100 curtidas, amei e uau.

uma doutrina impositiva das construções sociais difundidas na sociedade. A persistência na transição é um (re) descobrir a identidade individual e coletiva, que reproduz um discurso sobre si (SILVA, 2010) e que pode ser o ponto central de transformação das participantes dos grupos.

4.4.3 Incentivo: Referência

Esse subtema nasce pelo incentivo proporcionado por postagens com o uso de imagens de mulheres negras consideradas como referência e inspiração para quem está passando pela transição. Essas criaram blogs, canais no YouTube, páginas no Facebook, perfis no Instagram e demais sites de redes sociais, para abordar a temática da transição capilar e os cuidados que as mulheres devem ter com os cabelos naturais. Assim como comenta participante em postagem: “[...] quem disse que não podemos pintar o cabelo?”¹⁷ (ANEXO U) fazendo referência a blogueira Gill Vianna, que pintou o seu cabelo de loiro.

Há também participantes que atuam nessa frente e postam seus canais para que as integrantes acompanhem suas histórias, como escreve participante: “[...] vou gravar vídeo sobre como eu finalizei meu cabelo, fitagem, secador [...] e minha transição capilar [...]”¹⁸ (ANEXO V). Além disso, as mulheres que divulgam seus canais nos grupo são vistas como ícones da vitória, da motivação e da possibilidade de terminar a transição com felicidade, conforme aponta postagem: “[...] minha transição capilar durou 2 anos. Hoje estou 100% livre da química. Qualquer dúvida ou pergunta é só escrever aí nos comentários que respondo” contendo o maior número de reações dos materiais analisados¹⁹ (ANEXO W).

Referências para o grupo, as blogueiras auxiliam com palavras de apoio como a mensagem expressa pela participante: “[...] quando estava na transição capilar tentaram me diminuir, dizendo que meu cabelo parecia de bruxa, diziam coisas horrorosas, nunca me importei porque sabia que no final da minha transição iria ter meus cachos de volta, e sim! Eles voltam”²⁰ (ANEXO X). Percebe-se assim, a mudança de referência do negro para si próprio, reforçando suas percepções positivas, as quais anteriormente eram encontradas no branco, conforme aponta

¹⁷ Postagem publicada em 01 mar. 2016 com reação de 139 curtidas e amei.

¹⁸ Postagem publicada em 03 dez. 2015 com reação de 72 curtidas.

¹⁹ Postagem publicada em 12.mar. 2016 com reação 1,1 mil curtidas, amei e uau.

²⁰ Postagem publicada em 04 abr. 16 com reação de 498 curtidas, amei e uau.

Souza (1983). Esse compartilhamento funciona como um método de incentivo, pois, evidencia a representatividade tão clamada nas mídias tradicionais, as quais servem como referências e fonte de inspiração neste período.

4.4.4 Incentivo: Relato

Nesse subtema são compartilhadas histórias com o cabelo. Os grupos de transição funcionam também como espaço para problematizar os padrões constituídos pela beleza e compreender qual é o sentido intrínseco na transição capilar perante a sociedade, como na postagem de participante: “CACHOS/BLACK/ENCRESPAR Não é moda. É aceitação. É resistência [...]”²¹ (ANEXO Y). O retorno do cabelo crespo provocado pela transição capilar é considerado uma nova moda, um novo padrão que está sendo seguido, assim a participante o nega e afirma que é uma atitude de resistência e aceitação, que corresponde à valorização do cabelo *black power* na década de 60-80, e traz o cabelo como elemento de fortalecimento das origens negras (SANTOS, 2012). Reforçando a sua crítica, a participante comenta sobre o que este movimento causou em âmbito social e econômico:

Ah mas ‘só agora bla bla bla’ só agora que tem mais pessoas nesse mesmo barco, só agora que as empresas estão investindo em produtos para cabelos cacheados/crespos só agora que até marcas profissionais de salão de beleza está desenvolvendo reconstrução e outros tratamentos que não modificam a estrutura dos fios. Graças a adesão de um número significativo de mulheres na transição capilar (Postagem no grupo “Transição capilar – cabelos sem química”, 05 jan. 2016).

Esse trecho salienta que a transição capilar possibilitou uma nova ordem nas relações de poder na sociedade. Ao contrapor os padrões estabelecidos, ocorreu uma nova produção temática sobre a quantidade de mulheres adeptas e empresas que estão utilizando esse nicho de mercado para lucrar. Há também relatos sobre a não aceitação do cabelo natural antes da transição e da mudança subjetiva do processo. Em postagem participante comenta que: “[...] procurava não sair de casa, pois me achava horrorosa, e após a transição me aceitei do jeito que eu sou”²² (ANEXO Z). Ressalta-se essa concepção também em comentário de outra

²¹ Postagem publicada em 05 jan. 2016 com reação de 120 curtidas

²² Postagem publicada em 11 jun. 2016 com reação de 87 curtidas, amei, uau.

participante: “[...] me transformou em todos os sentidos, sou outra pessoa. Mudei de dentro para fora, totalmente”²³ (ANEXO AA). Nos trechos listados, percebe-se que há uma negativa em aceitar seu cabelo natural, afetando atitudes básicas como sair de casa. Em contrapartida, infere-se que com a transição capilar há uma mudança discursiva entre as mulheres, tornando sua concepção positiva (CANTO; SILVA, 2009).

4.4.5 Pós-BC: A Mudança!

Esse tema integra as postagens relacionadas ao *big chop* (BC), no qual é feito o corte das partes do cabelo com química. Ela é vista como o “pós”, pois aparecem ações e atitudes das mulheres que fizeram o corte, principalmente o sentimento após a mudança. Nessa fase se expressa o enaltecimento do seu cabelo após o corte: “[...] 3 meses de BC hoje e estou super amando”²⁴ (ANEXO BB), ressaltada também em postagem de outra participante: “[...] evolução dos meus cachos”²⁵ (ANEXO CC). A partir dessa, constituem-se os seguintes subtemas: a) antes e depois e b) aceitação.

4.4.5.1 Pós-BC: Antes e Depois

Esse subtema contempla postagens que expressam a sensação das mulheres com a transição, mostrando suas fotos de antes e depois do grande corte (BC). Nesse momento, as participantes compartilham experiências como nesta publicação: “[...] valeu a pena! Livre há meses e com muito amor”²⁶ (ANEXO DD), esse sentimento também é visto na postagem: “[...] ano passado passei meu ‘niver’ de cabelo liso e escrava, este ano livre e crespa ebaaaaaa”²⁷ (ANEXO EE) e na postagem de participante que afirma: “assumindo minhas raízes”²⁸ (ANEXO FF).

Esses trechos evidenciam que utilizar o cabelo liso era um padrão para as participantes, e, o processo da transição capilar atua além da estética, mas na subjetividade – no modo como elas se veem e se sentem com o cabelo. As

²³ Postagem publicada em 07 maio 2016 com reação de 111 curtidas e amei.

²⁴ Postagem publicada em 06 mar. 2016 com reação de 489 curtidas, amei, uau.

²⁵ Postagem publicada em 15 jun. 2016 com reação de 77 curtidas, amei, uau.

²⁶ Postagem publicada em 01 mar. 2016 com reação de 153 curtidas, amei, uau.

²⁷ Postagem publicada em 21 jul. 2015 com reação de 138 curtidas.

²⁸ Postagem publicada em 31 jan. 2016 com reação de 92 curtidas.

mulheres em transição encontram nos grupos o ambiente de troca, encorajamento e apoio que elas precisam para prosseguir na transição. Esse envolvimento pode ser visto como laços sociais (RECUERO, 2009), os quais provocam o pertencimento e identificação nas comunidades virtuais. Nessa sintonia, as mulheres que vão alcançando a descoberta após o grande corte sentem-se motivadas a compartilhar o resultado com as participantes, demonstrando o antes e o depois da transição e, por sua vez, incentivando as integrantes do grupo a persistirem.

4.4.5.2 Pós-BC: Aceitação

Esse subtema expõe o sentimento de aceitação que as participantes do grupo relatam após fazer o BC. A aceitação inicia ao valorizar o seu cabelo natural, o qual antes era negado pelos padrões impostos e aceitos pela mulher negra. A aceitação do cabelo crespo corresponde a valorizar a textura natural do seu cabelo e elevar a autoestima, conforme afirma participante: “[...] da série: amando cada cachinho! Valeu a pena [...]”²⁹ (ANEXO GG); além de aceitarem-se as participantes reforçam o resultado: “[...] não sabia que seria tão incrível a sensação de me reassumir”³⁰ (ANEXO HH). Esse sentimento ressalta que a transição não apenas lida com a beleza da mulher negra, mas abarca também aspectos como autoestima e valorização de suas características corpóreas e identitárias. Essa atitude é vista na afirmação de participante: “[...] meus cachinhos vão além de um tipo de estrutura Capilar, eles representam o real sentido, persistência, determinação e ousadia”³¹ (ANEXO II).

Após o grande corte, torna-se evidente nas postagens, que o resultado é satisfatório para às mulheres que terminaram ou que estão em fase final do processo, visto pela aceitação. Esse momento torna-se essencial, praticamente, como uma recompensa entregue após tantos meses e anos sem química, apenas esperando o momento de encontrar novamente o cabelo que era tão rejeitado por si e pelos padrões de beleza. Esse apogeu pode ser visto como o que Souza (1983) chama de tornar-se negro, isto é, encontrar a sua autoreferência, ao compreender

²⁹ Postagem publicada em 02 abr. 2016 com reação de 233 curtidas e amei.

³⁰ Postagem publicada em 05 jan. 2016 com reação de 84 curtidas.

³¹ Postagem publicada em 16 nov. 2015 com reação de 158 curtidas.

suas características como belas e não inferiores, como o negro cresce se identificando.

4.4.6 Liberdade: Ato político!

Esse tema expõe a dialética entre o racismo e a liberdade enfrentada pelas mulheres negras que passam pela transição. A transição capilar é um processo longo e difícil, pois lida com aspectos da autoestima, estética e enaltecimento da identidade negra. Assim, manter-se no processo requer apoio e incentivo. Embora os encontrem nos grupos, às mulheres comentam o quão difícil é continuar no processo quando não há o apoio de pessoas próximas como amigos (as), familiares e parceiros (as). Em relatos percebidos nos grupos, o preconceito inicia nas suas relações próximas, assim as comunidades virtuais atuam como o único ambiente de apoio e incentivo que elas possuem. Conforme se percebe na postagem abaixo:

[...] eu assumi meus cachos e ta sendo difícil, eu sei que sou bonita e me sinto mais bonita ainda quando to com o cabelão solto bem cheio, mas ouço muita coisa, minha mãe manda eu alisar todos os dias[...] Só então eu percebi que o preconceito é escondido em 7 chaves (Postagem grupo “Transição capilar – cabelos sem química”, abr. 2016).

Essa frase reforça o quanto ainda é presente no âmbito social concepções depreciativas ao cabelo crespo. Assim, enfrentar o racismo associado ao cabelo é um mecanismo de resistência e, por isso, tratar o processo como simplesmente estética ou moda, é não compreender o contexto social que o cabelo crespo adquire no imaginário social. Em postagem, participante do grupo confirma esse sentimento ao dizer que: “[...] eu creio que a transição não é um processo apenas capilar. Não se trata apenas de deixar o cabelo natural, se trata de se deixar ser natural”³² (ANEXO JJ).

Encontram-se nas postagens que abordam a transição capilar um novo mecanismo de padronização, o qual diz ser seguido por todas as mulheres negras. Contudo, ressaltam que o importante é se sentir bem independente da escolha que fizerem como alega participante: “[...] mude por não se identificar mais com o cabelo liso, mesmo que você ainda não se enxergue com cabelo crespo e cacheado. Tenha

³² Postagem publicada em 31 maio 2016 com reação de 99 curtidas, amei e uau.

foco: Mude para o seu bem estar, pra se sentir bem”³³ (ANEXO KK). Ressaltado por outra participante: “[...] não sai da ditadura do liso pra entrar na ditadura do natural. Liberdade capilar é poder ter o que cabelo que eu quiser!”³⁴ (ANEXO LL).

Frente ao exposto, parte-se para análise dos dois temas mais representativos, quantitativamente, e para aprofundar a temática com textos e imagens encontrados no grupo do site da rede social Facebook, bem como dos jornais de referência no período deste estudo e estabelecer o tratamento e interpretação dos dados, conforme aponta Bardin (2011).

4.5 EMPODERAMENTO E INCENTIVO

A partir da análise do objeto desse estudo, fez-se a leitura das 21 matérias encontradas nos jornais e das 114 postagens dos grupos no site da rede social Facebook, e assim, optou-se por analisar os temas *empoderamento* e *incentivo*, respectivamente com o maior número de matérias nos jornais e postagens nos grupos selecionados no Facebook. Nesse sentido, busca-se na terceira fase de Bardin (2011) interpretar os dados obtidos com duas matérias de capa da revista *sãopaulo* do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Donna* do jornal *Zero Hora*, as quais estão enquadradas no tema empoderamento e verificar a produção do tema incentivo, que contém 38 postagens nos grupos do Facebook. Para tal fim, busca-se responder ao objetivo geral deste estudo que é: analisar como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site da rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016.

4.5.1 Empoderamento: Resistência!

A edição da revista *Donna* escolhida para ser analisada é a veiculada nos dias 23 e 24 de Julho de 2016. Dentre as matérias catalogadas, optou-se pela matéria de capa da revista, que aborda a história de três mulheres negras, de

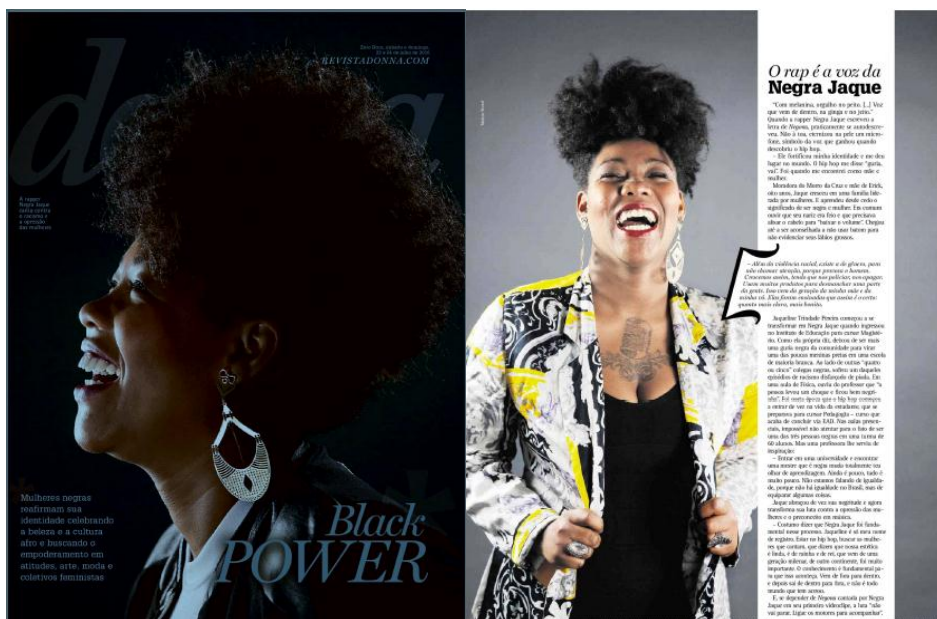
³³ Postagem publicada em 05 abr. 2016 com reação de 66 curtidas e amei.

³⁴ Postagem publicada em 19 jan. 2016 com reação de 77 curtidas.

classes e profissões diferentes, mas que se assemelham na sua luta pelo empoderamento.

A capa da revista expõe o empoderamento associado ao cabelo crespo e a persistência em mantê-lo natural. Nessa identifica-se a entrevistada Jaque com seu cabelo *black power* – definição que intitula o nome da edição – sem o padrão dos cachos perfeitos, como normalmente é reforçado pela mídia e pela indústria da moda. Percebe-se, assim, a ruptura com os padrões de beleza e de imagem nesta mídia. Contudo, compreende-se pelas matérias catalogadas que essas pautas não aparecem no conjunto geral do jornal *Zero Hora*, mas concentram-se na revista *Donna*, o que pode apontar para um cuidado e interesse mais localizado e relacionado à equipe da revista, que traz o seguinte posicionamento em sua *fanpage* na rede social Facebook (2016): “Acreditamos que liberdade, leveza, aceitação, cuidado e respeito são princípios básicos para que cada mulher encare seus desafios e construa seu próprio modelo de felicidade”.

“Da cor do orgulho” é o título da matéria, que aborda a reafirmação da “[...] identidade celebrando a beleza e a cultura afro”. Na matéria, percebe-se que há uma valorização do orgulho negro, que expressa a união, que transcende as ruas e os movimentos sociais para se estabelecer na Internet. Neste espaço, há “[...] uma nova fase do movimento que une e dá cada vez mais voz às mulheres negras”, na qual a soma de conhecimentos e divisão de experiências torna-se pauta de reivindicação. Explorar o cabelo e a beleza com a mulher negra ultrapassa questões estéticas, torna-se “[...] ponto de partida para uma discussão maior sobre autoestima e orgulho negro”. A partir dos trechos da matéria destacados acima, as entrevistadas abordam os cuidados com os cabelos e o incentivo que buscam levar para as mulheres “assumirem seus cachos”. A entrevistada Negra Jaque, que é cantora, aponta que suas características corpóreas sempre foram menosprezadas, as pessoas diziam para ela “baixar o volume” de seu cabelo e alisar. Ela argumenta que: “usam muitos produtos para desmanchar uma parte da gente. Isso vem da geração da minha mãe e da minha vó. Elas foram ensinadas que assim é o certo: quanto mais clara, mais bonita”. Essa visão é reforçada desde a sociedade escravocrata nos Estados Unidos, onde os escravos negros de pele clara tinham privilégios em detrimento dos escravos com tom de pele escuro (QUINTÃO, 2013).

Figura 5 – Matéria Revista *Donna*

Fonte: ZH Jornal Digital (2016)

Traçar apontamentos acerca do cabelo crespo também faz emergir o racismo associado ao elemento corpóreo. O alisamento do cabelo na sociedade brasileira não é, muitas vezes, uma escolha, pois se torna uma atitude para ser aceita na sociedade. A mulher negra, ao assumir seu cabelo natural, coloca em voga os confrontos ocultos da problemática racial na sociedade brasileira. Esses podem ser vistos desde o período colonial, em que se instaurou o projeto de embranquecimento e miscigenação, que negava as características negras refletindo o cabelo, conforme aponta André (2008).

A valorização das características identitárias do corpo negro nesse estudo, não devem ser vistas como um novo padrão a ser seguido por todas as mulheres negras. Entretanto, é importante compreender as origens e sentidos reproduzidos por mulheres negras na sociedade, pois reflete posições de poder antigas, que ainda são naturalizadas pelos indivíduos. Nesse sentido, enaltecer e valorizar seu cabelo, corpo e demais aspectos que contribuam com o orgulho em ser negra é uma forma de se empoderar e ressignificar os discursos negativos em positivos. Além de enaltecer a beleza negra presente em seu corpo, conforme aponta a matéria, “Jaque abraçou de vez sua negritude e agora transforma sua luta contra a opressão das mulheres e o preconceito em música”, pois é no *rap* que ela encontrou sua voz para discutir sobre as imposições em seu corpo.

A segunda entrevistada Carolina Anchieta, jornalista do *Octo*³⁵, teve a sorte de “crescer empoderada”. De acordo com a matéria, Carol esteve presente desde cedo com a cultura afro, porém “se viu também como a única criança negra da turma”. Por vir de uma família da classe média, a entrevistada conta que “[...] pertencia àquele perfil de negros classe média que são aceitos na sociedade. Só fui perceber isso anos depois. Não me ofendia porque sabia que não era uma discriminação diretamente comigo, mas me constrangia”. Porém, seu “[...] cabelo e pele sempre foram motivos de orgulhos” para ela, conforme aponta a matéria, é o que demonstra a importância da valorização da “identidade de Carol”, de acordo com o título.

As opressões raciais e sociais sofridas por essas mulheres refletem-se na interseccionalidade associada a gênero, classe e raça. Se para Carol, entrevistada com figura no centro, a condição social ocultou o racismo, para Jaque, essa discriminação tornou-se presente desde cedo, afirmando que aprendeu rápido “[...] o significado de ser negra e mulher”. Jaque aponta com sua fala o racismo que sofrem as mulheres, pois ser negra e pobre demonstra o racismo, que muitas vezes, é velado. Como válvula de escape, ocorre a negação de suas características físicas e de não aceitar ter nascido negra, como ocorreu com Ana. Conforme aponta a matéria, “[...] a mulher de cabelo solto, que veste cores e símbolos de seus ancestrais em peças criadas com as próprias mãos, durante muito tempo desejou não ter nascido negra”. Essa concepção origina-se da falta de aproximação da representatividade negra, uma vez que Ana foi adotada por um casal de brancos com 10 dias de vida: “me faltavam referências para me entender negra”.

Percebe-se pelo exposto a importância de encontrar identificação e pertencimento no negro. Assim, reforça-se o poder simbólico da mídia (THOMPSON, 2013) na construção de discursos positivos acerca do negro. Entender a atuação dos mecanismos de opressão sobre o corpo da mulher negra é um importante modo de compreender os padrões impostos para si.

³⁵ *Octo TV* foi uma emissora vinculada ao Grupo RBS no canal 36, que após 10 meses no ar encerrou suas transmissões. O canal trazia temas diversificados, pautas em debate na sociedade para discussão (COLETIVA, 2016).

Figura 6 – Matérias com Ana, Carol e Jaque



Fonte: ZH Jornal Digital (2016)

Para retratar as inferências produzidas nesta categoria, escolhe-se a matéria de capa da revista *sãopaulo*, publicada nos dias 6 a 12 de março de 2016, que abordou o retorno do cabelo crespo entre as mulheres de São Paulo. A capa da revista traz como destaque o cabelo cacheado, sob o título “Na onda do crespo”. No texto, esse movimento aparece como sucessor à “ditadura da chapinha”. A matéria de capa tem como título “Regressiva” e expõe a queda da escova progressiva após quinze anos de sua consagração, além de apontar a força que mulheres na internet estão desempenhando para dar dicas no uso de “cachos perfeitos sem química”. Mas, acima de tudo, a palavra regressiva expõe o retorno do cabelo crespo como visto nos anos 80.

Nestes breves trechos destacados, percebe-se o entendimento que a mídia impressa infere sobre o retorno do cabelo crespo ou cacheado como uma fase e configura-se em um novo padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres. Entende-se que pelo retorno do cabelo crespo e cacheado, torna-se compreensível uma análise constituída nessa ótica. Entretanto, a transição capilar está amparada em aspectos que não respondem apenas aos padrões estéticos, mas abarcam questões internas e externas das mulheres, principalmente, das mulheres negras.

De acordo com a matéria, “[...] o reino da escova progressiva e da chapinha começa a ruir e na *internet*, meninas arrastam milhares de seguidores com dicas para criar cachos perfeitos sem química”. Evidenciam-se dois elementos importantes neste trecho: a queda de um padrão de beleza e a importância que as mulheres na internet estão desempenhando. Essa concepção é reforçada pela história de

Maraísa Fidelis – blogueira e *youtuber* – contando que por falta de representatividade e, por sua vez, tendo como referência o cabelo liso, começa a seguir a prática. De acordo com a matéria, “[...] as histórias de quem virou refém do alisamento começam todas no mesmo cenário: o colégio”. Ao verem as colegas de cabelo liso, as meninas começam a desejá-lo também. Percebe-se na matéria a importância que a revista deposita nas blogueiras, ao trazer fontes como Maraísa Fidelis e Rayza Nicácio que são consideradas formadoras de opinião para mulheres em transição. Mas, “a criação de cachos perfeitos” revela o padrão do cabelo sem volume e definido imposto também às mulheres com cabelo crespo e cacheado. Percebe-se, neste caso, a capa da revista com uma mulher branca, de cachos definidos, o que pode representar que a referência da mulher negra, para a revista, ainda está na mulher branca. Além disso, o “curtir cabelos crespos” exposto pela matéria, desvaloriza os valores identitários das mulheres negras que precisam ser reforçados com a visibilidade proporcionada pela revista, e não informados como moda, conforme se demonstra abaixo:

Figura 7 – Capa Revista *sãopaulo*



Fonte: Acervo Folha (2016)

O retorno do cabelo crespo evidencia o empoderamento feminino, o qual questiona padrões e estereótipos acerca do corpo da mulher. Neste caso, percebe-se a beleza como elemento visível destes questionamentos, proporcionando novas discussões sobre o mercado da beleza, da moda, mas aponta embates subjetivos da mulher, dando maior notoriedade a como ela se sente bem. Nesse cenário, percebe-se a mulher negra como expoente desses entraves, trazendo novamente para as

agendas públicas a sua luta e seus direitos. Como ressalta o trecho “[...] sair da progressiva foi como queimar sutiã em praça pública”.

A matéria preocupa-se em expor cuidados e dicas para as mulheres que estão passando pelo processo de retorno dos cachos, assim como os grupos de transição capilar, como a explicação do método de *fitagem* – técnica que deixa os cachos mais definidos. Esses cuidados são encontrados na Internet, conforme dito na matéria, no qual blogueiras como Maraísa Fidelis e Rayza Nicácio³⁶ tornam-se referência para mulheres em transição. Nesse cenário, evidencia-se a convergência das mídias e cultura da mídia (JENKINS, 2008; SANTAELLA, 2003; KELLNER, 2001) tornando fluída e circulante as informações acerca da temática entre os jornais e os sites de redes sociais. Assim, percebe-se que a mídia tradicional e as novas mídias se retroalimentam, possibilitando a inserção de novos projetos e dinâmicas na produção de discursos na sociedade. Como se observa na imagem abaixo:

Figura 8 – A convergência das Mídias



Fonte: Acervo Folha (2016)

Há mulheres que afirmam: “nunca mais volto para a progressiva”, trecho que reforça a concepção da atriz Taís Araújo sobre o retorno do cabelo crespo: “Comecei a fazer transição [capilar] há oito anos. Nem lembrava como era o meu cabelo natural, depois de anos fazendo relaxamento”. Ela afirma que essa escolha reforça e enaltece a identidade, demonstrando o quanto é importante ter orgulho do

³⁶ É considerada a principal referência para cabelos cacheados e crespos na Internet. Ela torna-se um ícone de representatividade, pois participa do Programa “É de Casa”, da Rede Globo. Em 2015, Rayza foi capa do jornal *Folha de São Paulo* abordando a valorização do cabelo crespo. Neste ano, ela integrou o corpo de jurados do concurso *Miss Rio Grande do Sul*, além de ser requisitada por diversas marcas de roupas, maquiagens e produtos para o cabelo.

cabelo crespo. Segundo matéria, a própria lógica de padrões está datada pelos especialistas da moda, embora se perceba que esse movimento de contraposição é fruto das imposições e cobranças de lutas sociais e agências do nicho. Mas, a revista, ao destacar esse ato das mulheres negras traz, concomitantemente, mulheres brancas, assim reforça-se a composição das relações de poder e contrapoder evidenciadas por Castells (2015), onde surge uma nova ordem de poderes para tensionar, como neste trabalho, a inserção positiva da mulher negra na mídia.

Figura 9 – Identidade e Moda



Fonte: Acervo Folha (2016)

4.5.2 Incentivo – Motivação!

Essa faz referência à inspiração, ao apoio e à persistência que as participantes, que estão em transição ou já passaram pelo processo, oferecem às integrantes. Essa ação torna-se habitual no grupo, principalmente, pelo uso de imagens, contando sobre como é passar pela transição, utilizando sites de notícias com cortes de cabelos e pela inspiração de cabelos cacheados e crespos por meio de imagens publicadas nestes espaços.

No período de transição capilar, as imagens são importantes ícones de referência para se inspirar e prosseguir no processo. Conforme aponta Zina no documentário *Transition*, “[...] as imagens nos ajudam a afirmar e celebrar a nossa estética, porque ainda é difícil encontrar cabelos naturais na grande mídia”. Essa ausência é resultado do processo de embraquecimento e miscigenação, que sofreram os países oriundos da escravidão, como o Brasil. Dessa maneira, os elementos corporais são negados pelos sujeitos não negros e negros ao longo da História.

A publicação originada pelos sites de notícias é referência de compartilhamento nos grupos como notícia do site *Buzzfeed* com o título: “[...] 10 antes e depois que vão te incentivar se você está em transição capilar” junto na publicação a participante coloca: “[...] vamos lá meninas [...] não desistam”³⁷ (ANEXO MM). As postagens são, em sua maioria, fotos das participantes, de mulheres que já passaram pela transição ou com imagens de mulheres com seus cabelos crespos e cacheados como forma de inspiração. Há também postagens com matérias para inspirar durante o período de cabelo curto, como a compartilhada: “60 inspirações de cabelos crespos e curtos”, a participante dedica a postagem para “as mulheres lindas desse grupo”³⁸ (ANEXO NN). Percebe-se nestas postagens que a motivação entre as participantes é um importante elemento para a persistência no processo.

Os grupos no site de rede social Facebook tornam-se o espaço para encontrar acolhimento, incentivo e relatar suas histórias com o cabelo. O retorno do cabelo crespo para as mulheres negras ultrapassa os elementos estéticos, trata de aspectos subjetivos como aceitação do seu cabelo, uma vez que em sua trajetória de vida, esse elemento corpóreo é negado. Isto é, a transição torna-se um processo interno, que resgata a autoestima e o orgulho em utilizar o cabelo natural. Já a valorização da estética pelo cabelo é o elemento visível que abarca o movimento, o qual poderia ser considerado um ato silencioso e individual das mulheres em transição. Entretanto, transforma-se em ação coletiva e política, pois também abarca questões como racismo e identidade.

Após o processo, o resultado torna-se motivo de exaltação e de incentivo para as integrantes. Em postagem com fotos de mulheres com seus antes e depois da

³⁷ Postagem publicada em 01 fev. 2016 com reação de 153 curtidas e 3 compartilhamentos.

³⁸ Postagem publicada em 11 mar. 2016 com reação de 83 curtidas, amei e 1 compartilhamento.

transição, a participante comenta: “É difícil sim todas nós sabemos mais a recompensa é maravilhosa! Força meninas. Todas juntas. Pelos nossos cabelos naturais novamente”³⁹ (ANEXO OO). Em outra postagem a participante escreve: “[...] fiquei 4 meses sem química e olha só qe deu ahaha #nndesistameninas”⁴⁰ (ANEXO PP). E é recorrente o fim do processo ser associado com uma vitória, devido há duração e pela superação dos aspectos subjetivos que as participantes enfrentam: “[...] eu venci a transição capilar! Obrigada meninas por toda a ajuda! Amo esse grupo”⁴¹ (ANEXO QQ).

A ação coletiva, proporcionada pela transição, pode ser compreendida com o auxílio da reprogramação das redes dos atores sociais proposta por Castells (2015), cuja intenção é inserir pautas que estabeleçam confrontos para partilhar mudanças nas mentes dos sujeitos, utilizando-se da comunicação. Pode-se inferir pelas postagens das mulheres que a modificação de atitudes e concepções ocorre, principalmente, entre as participantes. Essas compreendem a transição como um momento de realização ao assumir o seu cabelo natural, em que trazem para os grupos imagens de cabelos crespos e cacheados, curtos, médios e longos, com texturas de fios diferentes e, sobretudo, como forma de inclusão e persistência nesse processo. Conforme se evidencia em postagem: “[...] quanto estilo, quanto poder #black”⁴² (ANEXO RR). Percebe-se nos relatos o desprendimento e a felicidade em ser como elas desejam.

O discurso produzido nas comunidades virtuais evidencia a rede de força e apoio constituída entre as participantes. Essa solidariedade construída neste espaço, muitas vezes, não é presente nas relações familiares e sociais delas, pois entende-se que o cabelo crespo ainda é visto como ruim e inferior perante o imaginário social atribuído pela representação social do negro (CARNEIRO, 2003). Contudo, a transição capilar torna-se um momento marcante na história das mulheres que passam pelo processo, pois ocorre um momento de (re) descoberta do seu cabelo, de si própria, conforme se demonstra nos relatos e imagens abaixo:

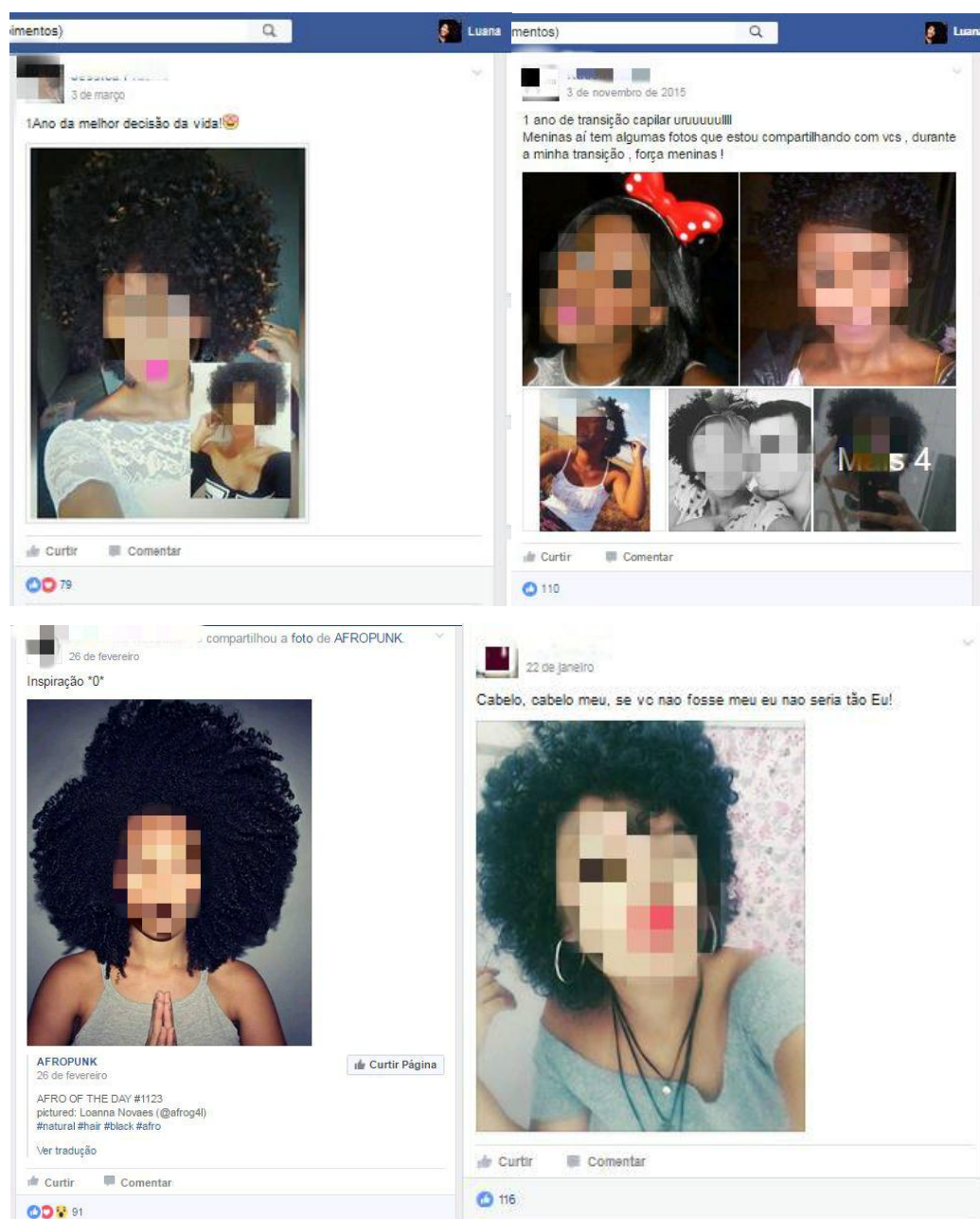
³⁹ Postagem publicada em 14 jun. 2016 com reação de 238 curtidas, amei e uau.

⁴⁰ Postagem publicada em 21 fev. 2016 com reação de 97 curtidas.

⁴¹ Postagem publicada em 27 jan. 2016 com reação de 304 curtidas.

⁴² Postagem publicada em 24 jan. 2016 com reação de 83 curtidas.

Figura 10 – Prints Depoimentos



Fonte: Grupo "Transição Capilar – Depoimentos no Facebook"⁴³

Os incentivos proporcionados pelas imagens e textos demonstram a realização e a satisfação das participantes com o retorno do cabelo natural. Essa representatividade torna-se um elemento para continuar no processo, visto que a inspiração em cabelos naturais, junto a histórias de superação, resulta na construção de discursos positivos acerca de si. Essa produção de sentidos ressignificados surge como um importante mecanismo de atuação para provocar as

⁴³ Nas referências bibliográficas deste estudo não serão colocados os links dos grupos que foram catalogadas as imagens por tratar-se de grupos secretos e fechados num site de rede social.

mudanças no imaginário social, bem como atuar na mente dos sujeitos, por meio da comunicação. Por isso, o incentivo estabelecido entre as participantes é um elemento de fortalecimento do movimento para tensionar as agendas midiáticas.

O compartilhamento de suas histórias de superação e a contagem de meses e anos em transição dá estímulo e força nesse processo. Esse ambiente proporcionado pelos sites de redes sociais, como o Facebook, aproxima os sujeitos e possibilita apoio e amparo para continuar no processo. Destaca-se que as imagens postadas nos grupos são uma inspiração e constituem-se pela representatividade almejada pelas mulheres negras, assim neste ambiente, elas encontram o espaço para obter voz e se sentirem seguras na valorização do cabelo crespo, como escreve participante: “incentivo é tudo”⁴⁴ (ANEXO SS).

Pela resistência e dificuldades encontradas neste período, as mulheres encaram a finalização do processo – que é a naturalização completa do cabelo, como uma vitória, além de ser uma transformação tanto interna, quanto externa no seu entendimento de corpo. Na instância estética proporcionada pela transição capilar, há um confronto de sentidos e percepções causadas pelos sujeitos, se antes o cabelo liso era visto como bonito, agora o processo era descobrir a beleza em seu cabelo natural. Conforme demonstram as imagens abaixo:

Figura 11 – Prints Cabelo sem Química



⁴⁴ Postagem publicada em 27 mar. 2016 com 310 reações (curtidas, amei e haha).



Fonte: Grupo “Transição Capilar – Cabelo sem Química no Facebook”

Percebe-se que durante a transição as fases são importantes mecanismos de incentivo junto ao grupo, por isso, a inspiração, a motivação e a mudança são características ressaltadas neste ambiente. A rede de contato estabelecida constitui-se como laços sociais (RECUERO, 2009) proporcionados pelo grupo e que fomentam o incentivo para elas prosseguirem no processo. Os discursos negativos, que cresceram ouvindo e aceitando como verdade, são ressignificados no grupo e tornam-se construções positivas, que reforçam a sua identidade juntamente com suas características corpóreas. Assim, inicia-se a inserção de pautas positivas sobre a mulher negra reproduzida nas matérias dos jornais, utilizando a rede de comunicação para partilhar a mudança nas mentes dos sujeitos, articulada pela reprogramação em rede, conforme aponta Castells (2015).

4.6 A REPROGRAMAÇÃO EM REDE COM A TRANSIÇÃO

A transição capilar é um processo político individual e coletivo para as mulheres negras. Esse movimento estabelece uma rede pela valorização, aceitação e orgulho do cabelo crespo, o que corrobora com os temas *empoderamento* e *incentivo*, encontrados nos objetos analisados. Há uma semelhança nos jornais e nos grupos para que as mulheres negras se mantenham com o cabelo natural. Além disso, revela-se, pelos textos e imagens analisadas, a importância em sentir o apoio das demais participantes que estão em transição. Evidenciou-se que os discursos produzidos pelas mulheres negras nos grupos tornam a transição capilar um processo de incentivo, descobertas, aceitação, mas que não é fácil de ser enfrentado. A representatividade encontra-se tanto nas postagens dos grupos, quanto nas matérias dos jornais, em que se verificou a importância das blogueiras

como formadoras de opinião, assim como de mulheres desconhecidas, que ao se projetarem nas revistas tornam-se um símbolo de referência com seus cabelos. Percebeu-se nos jornais uma discussão sobre o empoderamento das mulheres, mas também matérias que retratavam o seu embranquecimento e, em contrapartida, a liberdade.

Há uma nova produção discursiva em construção acerca do cabelo crespo da mulher negra. Percebeu-se que há uma maior preocupação dos jornais em abordar temáticas que incluam a mulher negra, seja apenas em imagens que valorizam o cabelo crespo, em personagens que atuam na defesa da identidade negra ou ao elaborar uma matéria com mulheres negras e seus cabelos *black powers*. No que tange o jornal *Zero Hora*, cabe ressaltar que as matérias analisadas aparecem, em sua maioria, na revista *Donna*. Esse fato pode evidenciar que, embora esteja trabalhando na produção de novos discursos em sua revista, o jornal ainda não contempla a temática negra de forma mais abrangente, além disso, também pode expor uma preocupação mais localizada da equipe da revista em investir na diversidade. Já na *Folha de São Paulo*, há um equilíbrio entre matérias no jornal e nas revistas, principalmente, pela mobilização causada pelo regresso do cabelo natural nos salões de beleza, como evidenciou a matéria da revista *sãopaulo*, assim como pelos tensionamentos causados pela Marcha do Orgulho Crespo na cidade. Porém, há no discurso do jornal sentidos que demonstram o processo de naturalização como novo padrão, como uma tendência entre tantas outras do mundo da moda, o que demonstra que ainda há uma distorção sobre a temática. Embora nos gráficos 2 e 3 apresentados anteriormente, o jornal *Folha de São Paulo* contemple o maior número de matérias sobre empoderamento em relação ao jornal *Zero Hora*, cabe ressaltar que há uma maior relevância dada para a temática ao longo das matérias analisadas na revista *Donna*.

As mídias escolhidas para análise do objeto reforçam a concepção da convergência midiática proposta pelos autores que embasam este estudo. Os resultados alcançados apontam para uma mudança nas relações de poder e contrapoder direcionadas à construção da imagem da mulher negra. Nessa mudança, os atores sociais na Internet tornam-se os produtores e as fontes da informação para as mídias tradicionais, como os jornais impressos. Os computadores pessoais, os *tablets*, os celulares e demais dispositivos que permitem acesso à Internet acentuaram o papel do usuário como produtor das informações,

assim a convergência midiática possibilita novas produções discursivas, tanto por parte dos indivíduos, quanto das instituições. Nesse sentido, os materiais analisados podem ser vistos como dados que colocam a transição capilar como mecanismo de resistência frente aos padrões impostos ao corpo da mulher negra desde a sociedade escravocrata.

Nas rupturas travadas ao longo do processo pelas mulheres negras, pode ser destacada uma concepção positiva sobre seu corpo, em especial do cabelo, o orgulho identitário, o ato de se empoderar e incentivar as mulheres que estão passando pelo processo e, sobretudo, a aceitação como luta pela liberdade. O movimento traz uma mudança social, que conforme aponta Castells (2015), depende da transformação de mentes coletivas e individuais. A partir dos resultados da análise, evidencia-se que esses comportamentos começam a ser modificados nas instituições sociais, como a mídia, embora de modo gradativo. Essas modificações são um importante mecanismo para a reprogramação em rede, proposta pelo autor, pois a transição capilar torna-se o ponto central de ligação entre as instituições, os atores e padrões sociais. Ao utilizar-se da comunicação para promover a mudança nas mentes, as mulheres negras exercem a função de promotoras da ressignificação proposta, protagonistas dessa reprogramação em rede, que resulta, no mínimo, no questionamento acerca dos padrões impostos. O gráfico abaixo tem como objetivo mapear o movimento dessa reprogramação:

Gráfico 7 – Transição Capilar: Reprogramação em Rede



Fonte: Elaborado pela autora (2016), tendo como base a reprogramação em rede proposta por Castells (2015)

As imposições travadas pelo padrão do cabelo liso, sendo sucedida pelo crespo, conforme se percebeu na revista de *sãopaulo*, são reproduzidas ao longo de décadas no imaginário social. Essa mudança, conforme se identificou na análise, é difícil de ser aceita tanto pelas mulheres que passam pelo processo, quanto pela sociedade. Nesse sentido, acredita-se que a transição capilar pode ser vista como processo de transformação social amparada pela cultura da mídia e que se torna expoente na produção de discursos positivos sobre a mulher negra, seja por meio dos sites de redes sociais, seja pela cobertura dos jornais de referência ou das zonas de intersecção e convergência entre esses sistemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abarcou a representação da transição capilar nos jornais de referência e grupos do site de uma rede social. Para isso, buscou-se responder a seguinte pergunta problema: Como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site da rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016? Para ancorar essa pergunta, foi elencado um objetivo geral que buscou analisar como são construídas as temáticas acerca da transição capilar da mulher negra nos grupos *Transição Capilar – Cabelo sem química* e *Transição Capilar – depoimentos*, no site da rede social Facebook e nos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período de julho de 2015 a julho de 2016. E como objetivos específicos: entender os principais temas produzidos no processo de transição capilar da mulher negra nos grupos escolhidos e verificar como são produzidas as temáticas acerca da transição capilar pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora* no período delimitado

Percebeu-se pela análise dos resultados obtidos que os discursos acerca da transição capilar nos jornais e nos grupos no site da rede social Facebook são constituídos em duas linhas. Nos jornais, identificaram-se discursos que evidenciam o crescimento da abordagem sobre o cabelo natural com imagens de mulheres negras com cabelo crespo, entrevistas que colocam em evidência o processo conflituoso entre aceitar ou não suas características corpóreas, cuidados de beleza e pela discussão sobre o corpo da mulher negra. Além disso, percebeu-se nas matérias uma preocupação didática para abordar o retorno do cabelo crespo e um espaço para abordar temas relacionados às opressões sofridas pela mulher negra como o racismo, a identidade e a diferença de tratamento ao ser mulher, negra e pobre na sociedade brasileira. Quer dizer, os jornais de referência, de algum modo, precisam explicar o destaque dado ao tema, que é tratado ainda como uma tendência de estilo.

Nos grupos do site da rede social Facebook, identificaram-se discursos de incentivo, apoio, realização, aceitação, que correspondem à fase de (re) descoberta capilar pela qual as participantes passam. Ao abordar assuntos relacionados à

transição, emergiram temas que englobam também esse processo como racismo, a baixa autoestima, o padrão do liso, a liberdade capilar. Embora o processo de transição capilar seja longo e difícil, as mulheres participantes dos grupos buscam no incentivo mútuo a segurança para persistir e assumir novamente seu cabelo natural.

A transição capilar é um mecanismo importante de libertação e enaltecimento do orgulho crespo e da identidade negra. Esse ato pode ser visto como um mecanismo de resistência frente aos padrões impostos desde a sociedade escravocrata ao seu corpo. Conforme apontado no primeiro capítulo deste estudo, a mulher negra no Brasil é cercada de construções sociais historicamente, que colocam o seu corpo como objeto de expressão e reprodução de discursos, que o percebem como negativo. Verificou-se que há uma tendência das mulheres negras a lutarem contra as imposições e discursos que a cercam. Se antes não era visto como natural usar o cabelo crespo, agora os discursos e atitudes das mulheres negras são efervescentes contra o sistema. As mulheres negras tornaram a transição como mecanismo de contrapoder aos padrões estabelecidos, o que possibilitou uma reprogramação em rede (CASTELLS, 2015) por meio dos sites de redes sociais até a inserção da temática nos discursos midiáticos tradicionais. De modo geral, acredita-se que os objetivos foram atingidos, pois identificou-se como são constituídos os discursos das mídias sobre a temática. A análise ancorada no referencial teórico demonstrou a veracidade do tema, como também expôs conflitos discursivos ainda presentes na sociedade. Os jornais como instituições de poder simbólico presentes no âmbito social tornaram esses conflitos evidentes, como se pode ver, por exemplo, na abordagem do cabelo crespo como novo padrão de beleza. Já a análise dos grupos no site da rede social Facebook possibilitou o surgimento da mulher negra como sujeito de transformações por meio do compartilhamento da transição capilar no âmbito da comunicação.

A partir das teorias utilizadas neste estudo, pôde-se identificar o contexto histórico que condiciona a mulher negra a padrões sociais desde o período escravocrata, e, por sua vez, seus mecanismos de resistência às imposições. Compreendeu-se o contexto da interseccionalidade entre gênero, raça e classe, que explica, em convergência, as distinções sociais sofridas pela mulher negra, as quais são diferentes dos brancos. Esse cenário possibilitou a compreensão da identidade negra e sua fragmentação oriunda dos processos citados acima, mas que é (re)

construída com a percepção positiva de suas características corpóreas. O corpo negro cercado de marcas históricas tornou-se elemento de comunicação nesta análise, principalmente, pelo cabelo crespo em que se compreenderam os padrões sociais que vigoram consigo. Aliado à mulher negra, analisou-se o discurso da mídia e os movimentos de exercício do poder e do contrapoder na comunicação com base no objeto deste estudo. Assim, explicou-se o que são considerados jornais de referência, formação das comunidades virtuais nos sites de redes sociais e, por fim, buscou-se evidenciar as relações das mídias nesse cenário. O alinhamento entre teoria e prática possibilitou uma releitura dos dados ao final da pesquisa. À luz da teoria de Castells (2015), percebeu-se que as mulheres negras, que passam pela transição capilar desempenham um papel de agentes de transformação, pois causam rupturas e mudanças tanto para si, quanto na mídia.

Acima de tudo, este trabalho possibilitou momentos de reflexão, tensionamentos e aprendizados. A escolha por este objeto deu-se pela crescente naturalização do cabelo crespo provocado pela transição capilar que, além da valorização estética, é vista como ato político e de resistência desenvolvida pelas mulheres negras. Assim, torna-se representativo elaborar um trabalho que contempla o autoreconhecimento e o enaltecimento das características negras. Por isso, é importante trazer discussões sociais para dentro da universidade pública, pois como instituição de pesquisa e conhecimento, a mudança deve acontecer também nesse espaço.

Estudar um tema que se aproxima da realidade da pesquisadora foi a maior limitação da pesquisa. Pela proximidade com o objeto, como mulher negra e com cabelo crespo, foi preciso um olhar analítico de distanciamento para realizar as inferências necessárias no estudo. Porém, foi uma experiência de suma importância, visto que possibilitou um aprendizado sobre o universo da pesquisa científica. No campo das ciências sociais aplicadas, estudar temas sociais possibilita uma nova concepção da importância da comunicação social, visto que é produtora de discursos e significados para os sujeitos.

Ao longo do percurso deste trabalho, ocorreram mudanças que possibilitaram um estudo alinhado aos objetivos e ao método de análise. Sua realização ocorreu de modo tranquilo, principalmente, pelos apontamentos e conversas com a orientadora do trabalho. Além disso, o estudo despertou inquietações na pesquisadora

provocadas pelo desejo de conhecer mais a temática escolhida, no que tange à comunicação e à antropologia.

Acredita-se que este estudo agrega-se ao conjunto de trabalhos para construir uma valorização de pesquisas sobre os negros e as negras no Brasil, principalmente, no que tange o campo da comunicação. Assim, constitui-se de modo a combater estereótipos e estigmas acerca do negro, principalmente, da mulher negra como visto neste estudo. A partir desta pesquisa, pôde-se apontar que os meios de comunicação tradicionais iniciam, mesmo que timidamente, um processo de produção de discursos positivos acerca da mulher negra, o que possibilita uma mudança na mente dos sujeitos por meio da comunicação. Entretanto, há a necessidade de persistir no tensionamento, para que assim, de fato se construa uma conjuntura política e social favorável à mulher negra no Brasil.

REFERÊNCIAS

- A PONTE ESTRATÉGIA. Disponível em: <<http://www.ponteestrategia.com/>>. Acesso em: 05 out. 2016.
- ACERVO FOLHA. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 14 ago. 2016.
- ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: ABPN, 2012, p. 108-152.
- AMARAL, Marcia. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- ANDRÉ, Maria da Consolação. **O ser negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros**. Brasília: LGE, 2008.
- ARAUJO, Gabriely. Grupo organiza primeira marcha do orgulho crespo na Avenida Paulista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jul. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1660710-grupo-organiza-primeira-marcha-do-orgulho-crespo-na-avenida-paulista.shtml>>. Acesso em: 05 out. 2016.
- BALHEGO, Juliana de Melo. Cabelo ruim? A representação do cabelo crespo na publicidade brasileira. 2016. 104 f. Trabalho de Conclusão. (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147532/000999160.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica. In BARKER, A. (Ed.). **A persistência dos estereótipos**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, classe e raça: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, Londrina, v. 20, n.2, p. 27-55, jul./dez. 2015.
- BLOGUEIRAS NEGRAS. **Colorismo: o que é, como funciona**. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>> Acesso em: 05 ago. 2016.
- BOM DIA BRASIL. **Marcha do orgulho crespo é realizada pela 1º vez em São Paulo**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/07/marcha-do-orgulho-crespo-e-realizada-pela-1-vez-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: ABPN, 2012, p.180-205.

BOTEZINI, Natana Alvina. Cabelos em transição: um estudo acerca da influência dos cabelos afro como sinal diacrítico e reconhecimento étnico. **Anpocs**, Minas Gerais, out. /2014. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9135&Itemid=456>. Acesso em: 05 out. 2015.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

CANTO, Vanessa Santos do; SILVA, Caroline Fernanda Santos das. Mulheres negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetória e rupturas de um debate político. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 04, 2009, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. /2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Communication, Power and Counter-power in the Network Society*. **International Journal of Communication**, [S.l.], v. 1, p. 29, fev. 2007. ISSN 1932-8036. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46>>. Acesso em: 11 nov.2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COLETIVA. **Fechamento Octo**. Disponível em: <<http://coletiva.net/noticias/2016/09/apos-10-meses-octo-encerra-operacoes/>> Acesso em: 11 nov. 2016

CRENSHAW, K.. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n.1, p.171-188, jan./2002.

CULTURA DIGITAL. Disponível em: <<http://culturadigital.br/memoriasdigitais/memorias-negras-a-recuperacao-de-colecoes-do-jornal-o-exemplo/>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

DIÁRIO GAÚCHO. **Orgulho crespo: dá trabalho, mas é bonito de se ver**. 2015. Disponível em: <<http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/11/orgulho-crespo-da-trabalho-mas-e-bonito-de-se-ver-4896759.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

ECO, Umberto. **A história da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ENCRESPANDO. **Da química ao natural**: o processo de transição capilar. 2013. Disponível em: <<http://lorenamorais.wordpress.com/>>. Acesso em: 05 set. 2016.

FACEBOOK. **Revista Donna**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RevistaDonna/?fref=ts>> Acesso em: 11 nov. 2016.

FREITAS, Hyndara. Transição capilar: mulheres abandonam o alisamentos e assumem cabelos naturais. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 05 maio 2016. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,transicao-capilar-mulheres-abandonam-alisamentos-e-assumem-cabelos-naturais,10000049046>>. Acesso em: 12 set. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Os escravos nos anúncios de jornais no século XIX**. São Paulo: 1963

G1 SÃO PAULO. **Mulheres participam da 2ª marcha do orgulho crespo em São Paulo**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/mulheres-participam-da-2-marcha-do-orgulho-crespo-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 05 out. 2016.

GLOBO NEWS. **"Kbela", o curta que trata da afirmação e relação da mulher negra com seu cabelo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/t/todos-os-videos/v/kbela-o-curta-que-trata-da-afirmacao-e-relacao-da-mulher-negra-com-seu-cabelo/4519275/>> Acesso em: 05 set. 2015.

GLOBO PLAY. **Mulheres entram na onda de fugir da química no cabelo e do alisamento**. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/4462449/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

GOMES, Nima Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2002. Disponível: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro *et al.* **A emergência da multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS; Canoas: ULBRA, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, jun./2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé**: identidade e resistência. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Sele Negro, 2003.

NOGUEIRA, I. B.. O corpo da mulher negra. **Pulsional revista de psicanálise**, São Paulo, ano XIII, n. 135, p. 40-45, nov./1999.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSO, Adriane *et al.* Cultura e Ideologia: A mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a05.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. O não – lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de uma nova perspectiva. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 09, 2005. São José dos Campos. **Anais...** Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2005.

SANTOS, João Batista Nascimento dos. **O negro representado na revista Raça Brasil**: a estratégia da mídia étnica. 2004. Dissertação: (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SANTOS, Luane Bento dos. Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 01, 2012. Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2012

SARO-WIWA, Zina. Black Women's Transitions to Natural Hair. **The new York Times**, New York, 31 maio 2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/06/01/opinion/black-women-and-natural-hair.html?_r=1>. Acesso em: 07 jul. 2016.

SCHUMACHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

SILVA, Maria da Penha. Mulheres negras: sua participação histórica na sociedade escravocrata. **Cadernos imbondeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010.

SILVA, P.C.S; BRAGA, A.M.S. **Transição capilar**: o cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. 20, 2015. Uberlândia. **Anais...** Montes Claros: Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE, Montes Claros, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SOUZA, Helen de. Transição capilar melhora autoestima de mulheres negras. **Reverso online**, Cachoeira, 30 abr. 2015. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/reverso/2015/04/30/transicao-capilar-melhora-autoestima-de-mulheres-negras/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão no Brasil. Rio de Janeiro: 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Formação da imagem da mulher negra na mídia**. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VIEIRA, Diogo de Moraes; ZUBARAN, Maria Angélica. A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910). **Revista de iniciação científica da Ulbra**, Canoas, n. 5, p. 145-156, 2006.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set./dez. 2014.

ZH JORNAL DIGITAL. Disponível em: <http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=19239&_ga=1.269297464.858709729.1424624809> Acesso em: 11 ago. 2016.

ANEXO A – Matéria Street hair POA

BELLEZA

Street hair POA

THOMAS TANDER

Que far a cabeça da mulher porto-alegrense? Com esta pergunta em mente, convidamos a jornalista e viajante Cassiano Piletta para um passeio pelo lado da Capital do Vinho do universo da cidade. A resposta, como era de se imaginar, não poderia ser mais diversificada: tem quem seja adepta do tradicional lizo e longo, mas também quem abuse mais em um corteinho colado. Há mulheres que seguem tendências, como o já querdinho long hair, ou abraçam o natural, e outras que, inclusive, cortam as pontas moladas em casa. Cassiano escolheu looks que tem tudo a ver com o visual feminino aqui. Confira.



RAINA RICHICLES, 24 anos

"O cabelo curto veio a Anabela, em Londres. É uma mulher porto-alegrense em qualquer lugar do mundo. O cabelo está muito em voga."



ANA OLSZEWSKI, 63 anos, professora aposentada

"Os fios seguem uma tendência francesa, com a frente mais clara que dá uma iluminada ao redor do rosto, rejuvenescendo, que é o desejo de muitas mulheres. É uma proposta que funciona muito bem."



GIOVANNA GUARDIOLI, 20, estudante

"O cabelo longo e natural representa um modo mais alternativo, é uma mulher que gosta de ficar bagunçada e em volume. Se está natural, se continua, é o que ela não vive querer ser."



FABIANE NIEMKESKI, 45 anos, professora de artes

"Uma mulher muito autêntica. Em vez de recorrer a um alisamento, procura por produtos que deem volume. Se antes existia uma busca feminina por ter cabelos lisos, agora o desejo é ser natural."



MAILE FLORES, 29 anos, instrutora de yoga

"É cosmopolita. Traz uma proposta que representa não só a porto-alegrense, mas uma mulher do mundo. É desconstruído, assimétrico, e não sai de moda. O ruivo, por ser colorido, dá uma sensação de muita força para a mulher. A gaúcha ama cor e vive mudando. O vermelho fica entre os preferidos."



KAMY REISBRAN, 31 anos, auxiliar de produção

"É um estilo que demonstra de antemão, transparência. É um cabelo mais natural, que demonstra atitude. As mulheres sempre foram muito influenciadas por quem é e quem elas são."



FABIANA CORREA, 37 anos, empresária

"A frente do cabelo é uma luminada e volumosa para dar corpo ao rosto. O cabelo é curto, moderno, que não precisa ficar muito longo. Já vem há anos na porto-alegrense."



LAURA PARE, 20 anos, universitária

"Longo, longo e lizo, um look que é a cara da cidade. Há muitos nomes para este estilo, como ombre hair, californianas ou highlights. As mulheres gostam porque é mais fácil de cuidar, sem precisar de muito retoque. O tom da estação é castanho, marrom ou dourado. Não é mais aquele platinado total."

ZERO HORA

26 E 27 DE MARÇO DE 2016 DONNA ZH 26 E 27 DE MARÇO DE 2016

ZERO HORA

Fonte: ZH Jornal Digital - Revista Donna

ANEXO B – Manifesto de mulheres reais

LIVRO

Manifesto de mulheres reais

Designer cria mensagens de empoderamento feminino e convida a refletir sobre preconceito

Brenda sempre leva comentários na rua no caminho para o trabalho. Já foi cercada de várias pessoas que ficavam muito hostis e ameaçavam. Mas ela é brasileira, e alguns amigos perguntam o tempo todo quando ela vai se decidir.

Em algumas situações vividas diariamente por mulheres, que são alvo de críticas e comentários em relação a seu corpo e seus relacionamentos – o que em muitos momentos é que elas não sabem a vez certa isso. É exatamente a que a ilustradora Carol Rossetti tenta mostrar com o projeto Mulheres. A designer de Belo Horizonte chamou atenção quando começou a postar imagens de mulheres de bem consigo mesmas, com frases inspiradoras. Motivada pelo interesse em comentários e críticas, Carol continuou o trabalho que deu origem ao livro publicado pela editora Sextante.

– Quero começar a fazer ilustrações de forma descompromissada para postar. Postava no Facebook, as pessoas foram curtindo e foi assim que comecei em parceria a Editora.

– Foi trabalhando por inglês e senti que elas foram ganhando visibilidade de fora do Brasil também.

Vendo a repercussão, a Sextante entrou em contato com a Carol, e o livro está sendo vendido também em Portugal, México, Espanha, EUA e, em breve, na França. São 130 ilustrações, divididas em seis temas: corpo, moda, identidade, relações, amores e valores. Mesmo que a palavra feminismo não seja usada nas ilustrações foi sempre em um, é difícil falar para as mulheres sem pensar em temas feministas.

– Antes de começar, eu já vinha lendo um pouco sobre feminismo, conversando sobre diversidade, representatividade. Para desfrutar, comecei a pensar em mensagens positivas, que poderia passar para as amigas minhas, por isso três essas temáticas – explicou a ilustradora.

Carol lembra a primeira ilustração: um desenho de Marina, uma menina gorda de vestido listrado (foto abaixo).

– Foi porque uma amiga tinha postado um comentário bem desagradável sobre uma mulher gorda usando leggings. Foi uma lição e um questionamento: por que quando são as nossas amigas a gente defende e outras não criticamos?

Carol conta que já recebeu muitas mensagens positivas sobre as mensagens representadas em suas ilustrações.

– Eu vejo comentários tanto de pessoas que parecem desvalorizadas quanto de outras agressivas. A inter-

net virou uma forma ótima de propagar preconceito porque as pessoas não sabem o peso da responsabilidade – reflete.

Nem só de críticas vive o trabalho da Carol, pelo contrário. Homens e mulheres desam retomas positivas dizendo que representam ideias e conceitos a partir das imagens. Carol conta que recebeu mensagens de desconhecidos contando histórias íntimas que não tinham coragem de compartilhar com as pessoas mais próximas e apoiando pela ação.

O fato de as ilustrações terem chamado a atenção em diferentes lugares do mundo leva Carol a pensar em como situações distintas vividas pelas mulheres são, também, universais. Na página do Facebook em que as imagens foram postadas, as frases foram traduzidas para 18 idiomas.

– A gente ainda tem muito o que evoluir em direitos humanos e feministas em diversos países do mundo, mesmo que de formas distintas, há diferenças culturais, mas as pessoas estão pedindo visibilidade para quem não tem – comenta Carol, citando nomes da fantasia que são mais liberdade para as mulheres, mas ainda sofrem muito com preconceito e intolerância.

Um exemplo de impactos diferentes foi a ilustração de Amanda, a gorda que não se desloca. Ela foi muito criticada quando publicada nas redes sociais do Brasil, mas, ao ser traduzida para o inglês, não chamou atenção dos americanos. Tudo é mesmo uma questão de cultura.

Fonte: ZH Jornal Digital - Revista Donna

ANEXO C – Queen B

ZH 2º CADERNO

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2016 EDITOR: FRANCISCO DALCER segunda@zerohora.com.br (51) 3228-4333

Queen B

COM NOVO ÁLBUM-VISUAL em que fala sobre negritude e feminismo, Beyoncé afirma discurso político e dá novo significado à sua carreira

LIMONADE
 Independência, 21 horas +
 lançamento film
 disponível em
 bilionários
 00 14 999944
 por R\$ 200,
 000 17 391

MARTINA SCARLO
 www.zh.com.br/coluna/martina-scarlo

Com uma rede de coprodução de mulher negra, Beyoncé surpreende ao lançar, no último sábado, *Limonade*, seu novo álbum-visual-conceitual. Desde então, não é a forma que se posiciona – a própria cantora já havia produzido outros dois trabalhos a partir de música e imagens. Agora, a artista é a responsável por uma verdadeira virada de carreira: desde *Love on Top* (2015) e a música *Formation* (2016), Beyoncé vem tentando falar sobre condições femininas, negritude e violência. *Limonade* é um disco político, colorido por sons que ultrapassam o tradicional R&B e passam por rock, reggae e country.

É um álbum bem situado, com uma estética de consciência política de uma artista que não tem, até então, esse discurso. A dor privada dela se espalha pelo mundo. *Limonade* é a expressão de uma mulher negra que não tem medo de falar sobre a realidade que vive. Ela é uma artista que não se encaixa em nenhuma caixa e explica Helga Soares, professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com trabalhos sobre cultura e entretenimento.

Pura e simplesmente, Beyoncé, que sempre possui seu trabalho em uma figura contraditória – falando sobre emancipação e misto ao mesmo tempo em que exalta valores tradicionais, como casamento e família –, agora dá uma nova direção ao seu discurso e à sua carreira.

Em *Limonade*, a artista aborda temas que vão desde a cultura americana, a negritude, até mesmo o sentido de força doméstica. Agora, ela canta sobre a condição da mulher negra, assumindo essa posição – analisa Soares.

O posicionamento de Beyoncé ao assumir sua identidade racial é algo inédito em um nível intelectual e pessoal, mas a transposição de um padrão de “valorização” das câmeras pop.

Desde uma artista que sempre trabalhou com temas feministas, ela aborda a questão da mulher negra e traz uma perspectiva histórica como Malcolm X, é muito importante para colocar em evidência o debate sobre as questões raciais. É isso que sabemos que está inserida em uma lógica capitalista, mas isso não invalida seu discurso. Por muito tempo, a mídia e as fãs trataram como se ela não fosse negra. Essa afirmação de uma mulher negra e orgulho racialista foram recebidas por pessoas e fãs – afirma Thelma Barros, feminista e mestre em Filosofia Política.

Di no nome do álbum, Beyoncé deixa claro esse novo. *Limonade* é uma referência a um caldo de especiarias americanas, que bebemos limonade, acreditando que estamos sendo a parte.

Para além da temática, a cantora ainda protagoniza uma nova fase a no cenário da música pop. Depois de sair do topo com *Beyoncé*, álbum lançado de surpresa em 2013, *Limonade* agora é o grande sucesso do *Tidal*, plataforma criada por Jay-Z, um digna pelo lançamento de streaming. Desta vez, o álbum, com as 12 faixas abertas e coproduzidas por ela, teve um lançamento, com a estreia sendo lançada no especial de música online exibido pelo HBO. Por ser um álbum visual, não basta apenas ouvi-lo é necessário assisti-lo para entender a sua proposta. E o *Tidal*, onde se disponibilizado com exclusividade nos primeiros 48 horas, é um dos poucos serviços que também oferece vídeos.

Fonte: ZH Jornal Digital – Jornal Zero Hora

ANEXO E – *Power Girl*

SEMA

POWER GIRL

los Renato Teles/Fothapress

Lola Marceau, 22, apresenta-se como "stylist". Estudante da Esmod, uma das escolas de moda mais tradicionais da França, é uma das poucas negras na semana de moda a apostar no "black power". "Quando era criança me diziam que meu cabelo era feio, que tinha de alisar. Aqui não há um movimento de orgulho negro como nos EUA, então levanto o cabelo para ter orgulho de mim mesma"

Fonte: Acervo Jornal Olha de São Paulo

ANEXO F – Kbelá

Festival em SP reúne arte da diversidade

Terceira edição da mostra Todos os Gêneros, no Itaú Cultural, terá peça 'Luis Antonio - Gabriela' e shows de Jaloo

Semana também reúne performance, exibição de filmes e debates, além de atividades para crianças, como bordado

LÍVIA SAMPAIO
DE SÃO PAULO

Do homossexual Luis Antonio, que deixa a cidade de Santos nos anos 1960 para se tornar Gabriela em Espanha, até o jovem músico paraense de visual indígena/andrôminhos da diversidade. A terceira edição de Todos os Gêneros vai deste sábado (25) até o dia 3 de julho.

Gratuita, a programação inclui teatro, performance, mostras de filmes, música, debates e atividades para crianças, entre elas contação de histórias e oficina de bordado.

Fora de cartaz desde 2013, a peça documental "Luis Antonio - Gabriela", da Companhia Mungunzá, abre o evento, às 20h (veja quadro ao lado). "É um jeito bonito de começar, com um espetáculo que fala sobre perdão e amor", afirma Galiana Brasil, gerente de artes cênicas do Itaú Cultural e uma das curadoras do evento.

Na peça, o diretor Nelson Baskerville retrata a história de seu irmão mais velho, Luis Antonio (1953-2006), homossexual que desafiou as regras de uma família conservadora e partiu para a Espanha assumindo a identidade da travesti Gabriela.

Outrora uma das estrelas



Allie Dara Onawale/Divulgação

Cena do curta 'Kbelá', de Yasmin Thayná

TODOS OS GÊNEROS Destaques da mostra

"Luis Antonio - Gabriela"

O diretor Nelson Baskerville coloca em cena a história da própria família: o irmão mais velho desafia as regras da família e parte para a Espanha sob o nome de Gabriela
> Sáb. (25), às 20h, e dom. (26), às 19h

Mostra [SSEX BBOX]

O coletivo apresenta três filmes de autoria própria, entre eles "Perfil: Um Dia com Laerte" e "Perfil: Queer com Pedro Costa", sobre antropólogo radicado em Berlim
> Dom. (26), às 11h

"Joelma"

Encenada pelos baianos do Território Sirius Teatro, conta a história da inadequação de uma mulher nascida no corpo de um homem, abordando a trajetória religiosa da protagonista
> Seg. (27), às 20h

"O Homossexual ou a Dificuldade de se Expressar"

Peça do Teatro dos Extremos apresenta duas personagens exiladas na Sibéria como castigo por terem mudado de sexo
> Ter. (28) e qua. (29), às 20h

Mostra de curtas

Na quinta, serão exibidos "Kbelá", "Vagabunda de Meia Tigela", "Roupa de Baixo", "Ashes of the Afternoon" e "O Corpo Nu". Na sexta é a vez de "Viver de Mim", "O Coração do Príncipe", "A Ala", "Eu Vou Me Piratear" e "De que Lado Me Olhas"
> Qui. (30) e sex. (31), às 20h

"Noite Bizarra, Recalcada e Bipolar"

Performance compila noite de cabaré, talk show, pocket show, stand-up e "bate-cabelo"
> Sáb. (2/7), às 18h

Jaloo

Dobradinha de shows do belenense que mistura música pop, eletrônica e experimental
> Sáb. (2/7), às 20h, e dom. (3/7), às 19h

TODOS OS GÊNEROS NO ITAÚ CULTURAL

QUANDO de 25 de junho a 3 de julho
ONDE av. Paulista, 149, tel. (11) 2168-1776/1777
QUANTO grátis (distribuição de ingressos com uma hora de antecedência, ou duas horas, para público preferencial)
PROGRAMAÇÃO itaucultural.org.br

da noite de Bilbao, Gabriela foi encontrada pela irmã após 30 anos sem contato. "Era viciada em cocaína e a Aids era a menor das suas doenças."

Completam a programação teatral "Joelma", sobre a inadequação de uma mulher nascida em um corpo masculino, e "O Homossexual ou a Dificuldade de se Expressar", uma das primeiras peças do argentino Raul Damonte Botana, o Copi (1939-1987). No enredo, duas mulheres estão exiladas na Sibéria, cercadas

CINEMA E PERFORMANCE

Provocadoras das belas, recatadas e do lar, Princesa Ricardo, Dalvinha Brandão e Darlene LePetit fazem a performance debochada "Noite Bizarra, Recalcada e Bipolar" no próximo sábado (2/7).

A programação de cinema, com duas sessões de cinco curtas-metragens cada uma mais três filmes do coletivo [SSEX BBOX], permeia diversas questões de gênero.

"Kbelá", de Yasmin Thayná, traz à tona, buscando uma linguagem poética, uma mulher negra que se liberta de imposições estéticas.

Para o encerramento, Jaloo, recém-chegado de turnê pela Europa, fará duas apresentações, nos dias 2 e 3 de julho. Músico de gênero indefinível, Jaloo mistura sons garimpados na internet com guitarrada paraense e elementos da estética cafoná da década de 1990.

Toda a programação tem interpretação em libras.

Fonte: Acervo Jornal Folha de São Paulo

ANEXO G – Mc Soffia



Dose dupla

Fim de Semana em Família

Mc Soffia se apresenta neste sábado (30), às 20h, e no domingo (1º), às 16h, no Itaú Cultural.

Em suas canções, a **rapper mirim exalta sua pele negra e seu cabelo crespo.**

Itaú Cultural - av. Paulista, 149, Bela Vista, tel. 2168-1777. 247 lugares. 60 min. Sáb.: 20h. Dom.: 16h. Estac. c/ manob. (R\$ 15 p/ 12 h, na r. Leôncio de Carvalho, 108 - convênio).

GRÁTIS | 📞 | 📺 | 📻 | 📱

Fonte: Acervo Jornal Folha de São Paulo

ANEXO H – *Black Divas*

Black Divas

Será que é a música que inspira a moda ou a moda que inspira a música? Desde a música como Rihanna e Beyoncé, um dos grandes nomes de estilo da moda hoje, são as melhores inspirações deste mood. As produções sensuais e girfadas sempre trazem uma mistura descolada de esporte fashion, transparentes e múltiplos estilos.

Vitória Rodrigues usa top e jeans da Pequeta Esperto com sua madada Forever 21 e Hell. Setaas. Estre de Lu Petite. Sabões para Vanília, com óculos de sol Mix Mix. Caixa de som Boombox.

Lúcia Bueno combina o casaco rosa claro com moletons da Forever 21, calça jeans Denim preto branco da Pequeta Esperto, choker da Hana e bolsa gelatinha da Oro Capiani para Vanília.

Vitória usa macacão jeans e casaco amarelo no estivo Forever 21, com bracele de pompom de Oro Capiani para Vanília, pulseira corrente da Maui Alexandria e óculos Pequeta Esperto.

8 DONNA SLIM 30 DE ABRIL E 1º DE MAIO DE 2016

Fonte: ZH Jornal Digital – Revista Donna

ANEXO I – Couro da cabeça aos pés

MODA



Inseta Cris Caponi, via Lily Sarti, semáfora Paola Fátima, polícias Nêta Accornero, lenço e mala de couro do stylist

COURO DA CABEÇA AOS PÉS

Cara de inverno, pegada rocker e item básico de estilo: use e abuse das peças em couro para ousar nos looks

DIREÇÃO E CONCEITO Eduardo Sanches (InsFashionista), PRODUÇÃO EXECUTIVA Lúcia Machado (Boutique de Cosméticos), STYLING E PRODUÇÃO DE MODA Elise José, FOTOGRAFIA Jean Pierre Kucer, BELEZA Tânia Andrade, MODELOS Juliana Hijoko e Vitória Rodrigues (Cip Management), LOCAIS THE PARTISANAM DESTALEGAÇÃO Donna Amaltona, Enzer, Liza e Liz, May Gioppa, Nêta Accornero e Vianella, AGRUPAMENTO Loja MD Antidote Moda

12 DONNA 711 2 E 3 DE JULHO DE 2014

ZERO HORA

Fonte: ZH Jornal Digital – Revista Donna

ANEXO J – Beleza Negra

CAPA

Beleza negraEspecialistas
dão dicas de
cuidados para
pele e cabelo

NATASHA HEINZ, ESPECIAL

Cada tipo de pele e cabelo pede cuidados específicos. No caso da pele negra e do cabelo afro, um desafio comum é dar conta, ao mesmo tempo, dos efeitos do ressecamento e da oleosidade: fios oleosos na raiz e mais ressecados nas pontas; acne no rosto e corpo demandando mais hidratação.

CABELO

• O cabelo afro costuma ser mais oleoso na raiz e quebradiço perto das pontas devido à diminuição da queratina, como explica a dermatologista Katleen Conceição. A dica da cabeleireira do salão TransÁfrica Elisa Ricardo Mateus é resistir à tentação de lavar os fios todos os dias: o doro da água resseca ainda mais o cabelo.

• Elisa também indica tratamentos que reponham a queratina dos fios: hidratação, reconstrução e cauterização. É importante intercalar os três, de acordo com a necessidade de cada cabelo, com um intervalo de sete a 15 dias entre cada um. Exemplo: cabelos que estão caindo precisam de cauterização, seguida de hidratação. Já cabelos fracos, mas sem queda, pedem uma reconstrução.

• Alerta de Katleen: mulheres com cabelo afro que fazem uso repetido de química têm tendência à alopecia (queda de cabelo em lugares específicos). Ela indica laser fracionado de baixa potência e terapia capilar aliada a substâncias tóxicas que ajudem no crescimento do cabelo. Além de dar um intervalo de pelo menos três meses entre tratamentos com química.

• Para manter a forma dos cachos, definidores e umidificadores, que contêm proteínas, são indispensáveis. Use um creme hidratante específico para cachos, mas não só isto: na hora da tintura busque o produto certo para seu tipo de cabelo.

PELEConfira as dicas da dermatologista gaúcha
Katleen Conceição, especializada em pele negra:

• Na escolha dos melhores produtos de beleza, é importante levar em conta que a pele do rosto costuma ser mais oleosa devido a um maior número de glândulas sebáceas, enquanto a do corpo é mais ressecada por ter pouca concentração de lipídios. Use diariamente sabonetes adequados, em geral para peles mais oleosas e peles sensíveis, e faça limpeza com água termal. E não esqueça o filtro solar com FPS 30 (no mínimo), no inverno e no verão, reaplicando de 3h em 3h.

• A maior produção de colágeno na pele negra faz com que as fibras colá-

genas (que dão resistência à nossa pele) sejam degradadas com mais dificuldade, dando espaço ao surgimento de queloides e cicatrizes hipertróficas (com volume). Ambas, assim como as estrias, também podem ser tratadas com lasers fracionados.

• A acne é um dos problemas de pele mais frequentes entre mulheres negras, assim como manchas deixadas por espinhas e cravos. Os tratamentos podem ser peelings ou lasers fracionados, em casos mais graves.



Fonte: ZH Jornal Digital – Revista Donna

ANEXO M – Yasmin Thayná e o Racismo

PAINEL DAS LETRAS *Coluna semanal de literatura*

MAURÍCIO MEIRELES
mauricio.meireles@grupofolha.com.br

Hilda Hilst deixa a Globo

Em 1994, Hilda Hilst contou em uma entrevista que enviaria um telegrama para Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras: “Ó poderoso, esquece rugas e trefas, edita-me!, pois traças e cupins somam-se por livros e a mim, snifsnif. Ó, sede generoso, publica-me para o teu e meu gozo/ beijos/ fofo liga-me”.

Mais de 20 anos depois, não é que Hilda conseguiu o que queria? A obra da autora acaba de ser comprada pela Companhia das Letras, onde estava desde 2001.

Quatro editoras chegaram a fazer propostas para levar a

obra, embora não tenha havido um leilão pelos direitos. A Companhia das Letras já começa a editá-la ano que vem, com um volume de sua poesia completa, e alguns títulos serão destacados para sair pela coleção Poesia de Bolso. Em 2018, será a vez da prosa completa da escritora.

Por contrato, a casa também se comprometeu a publicar três antologias nos moldes de “Pornô Chic”, da Globo Livros, mas ainda estuda como elas serão feitas. Também está prevista a adaptação de alguma obra de Hilda para quadrinhos.

Tudo deve ser acompanhado de nova fortuna crítica.

» GRÉCIA
Hércules e Atlas, em desenho de Walter Crane, no livro ‘Mitos Gregos’ (Zahar), de Nathaniel Hawthorne



// Novo código

“O Código da Vinci”, de Dan Brown, emagreceu. Começa a sair pelo mundo uma versão adaptada para jovens do livro, famoso pela teoria de que Jesus na verdade era casado com Maria Madalena.

No Brasil, quem lança é a Sextante, em outubro. É um título ligado à história da editora, que comprou a versão original quando Dan Brown ainda não era tudo isso.

A tiragem será de 30 mil, “por superstição”, diz Marcos Pereira, diretor da Sextante — o mesmo número de exemplares do livro original. A adaptação ainda traz imagens, para o leitor poder entender melhor as referências às obras de arte citadas.

Dança das cadeiras Voltando ao assunto Companhia das Letras, os editores Leandro Sarmatz e Sofia Mariutti deixam a editora paulistana. Com um rearranjo no departamento editorial, a casa acaba de contratar a poeta Alice Sant’Anna, que estava no Instituto Moreira Salles, e realocar Rita Mattar, que era do departamento de direitos autorais.

Racismo A cineasta e ativista Yasmin Thayná lança seu primeiro livro, “Cartas ao Meu Pai Branco”, pela Babilônia Cultural Editorial. Em missivas, ela narra situações machistas e racistas que sofreu no Rio de Janeiro — inclusive o dia em que tentaram atear fogo ao seu cabelo em um ônibus.

Fonte: Acervo Jornal Folha de São Paulo

ANEXO N – Estrela Obama

A18 mundo ★ ★ ★ DOMINGO, 16 DE AGOSTO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

THAIS BELENKY
12/004/2014

Filha do dono do cartão mais poderoso do mundo, Malia Obama, 17, cresceu diante das câmeras. A um clique, fotografias da família de Barack Obama, presidente dos EUA, mostram as várias fases da vida da primogênita e da caçula, Sasha, 14.

Ao chegar à adolescência, Malia se tornou pop. Ganhou legiões de fãs que admiram seu estilo, sua beleza, sua descontração e, especialmente, os seus estílagos.

Em julho desse ano, por exemplo, Malia usou as férias para trabalhar na série "Girls", da HBO. Recorreu a programas públicos da chloé, a diretora e atriz Lena Dunham, 29, que disse que gostaria de ter a mesma elegância "quando crescer".

Como toda celebridade que se preze, Malia Obama possui a seriedade, mesmo na ausência de notícia. Seu currículo por universidades à procura de onde crescer o ensino superior a partir do ano que vem tem sido exaustivamente coberto pela mídia.

Que ela atira no lançamento, o sabor do suco que ela tomou, a penicilina que ela fez no dormitório ("Ten wif"), qualquer detalhe de informação serve.

Do contrário, mesmo, sabe-se pouco: especula-se que ela cursará algo na linha de cinema ou entretenimento.

Obama e a primeira dama, Michelle, preferem as filhas de dia ensaiadas. Com escassez de palavras, as imagens transparecem um pouco mais os personalidades.

Em janeiro, sua popularidade ganhou robustez quando uma foto em que aparece usando uma camiseta do coletivo de rap The Roots foi vazada supostamente sem o consentimento da Casa Branca.



2009, Itália

Durante passeio em Roma, no primeiro mandato do pai



2015, Reino Unido

Após visita com a mãe ao premiê britânico, David Cameron

ESTRELA Obama

Filha mais velha do presidente dos Estados Unidos chama atenção por seu estilo e ganha legião de fãs

As pessoas postaram comentários surpresos por descobrir que Malia era, além de tudo, "descolada". Mas logo se quem palpita-se que a foto mostrou tanta discrição porque ela aparece com o cabelo sem escova.

Na maior parte das suas

aparições públicas, Malia, assim como Michelle e Sasha, estão com os fios perfeitamente alinhados. Mas não sempre foi assim.

No primeiro ano de mandato de Obama, em 2009, Malia tinha 11 anos e foi vista em Roma com o cabelo escovado.

A foto circulou pela Internet acompanhada de comentários por vezes racistas. Desde então, ocasionalmente ocorrem episódios em que Malia se detém sem vista sem escova.

"Também certosa de que, mesmo sendo filha do presidente da República, ela sente

o racismo", afirma o professor Teófilo Miko, do Cury (Universidade da Cidade de Nova York).

"Malia tem 99% a mais de chances de ser bem sucedida na vida que o resto da população, independentemente de sua raça. Ela não enfrenta-

RAIO-X MALIA OBAMA

NASCIMENTO

4 de julho de 1998

INTERESSES

Cinema e TV; estílagos na série "Girls", da HBO

FORMAÇÃO

Estuda no colégio particular School Friends School

rão o que a maioria dos negros enfrenta. O que ela vai enfrentar é o olhar de raiva de indivíduos que não se sentem confortáveis com uma pessoa negra na sua condição social e econômica."

A atriz Janelle Wilson, 34, concorda com Miles no sentido de que a presença e a linguagem corporal da família Obama na Casa Branca são conquistadas por si só na luta contra o racismo.

Quando uma criança, Janelle foi ofendida por um colega de escola que chamou o seu cabelo de algodão-doce. Na adolescência, ela tentou todos os estilos e cores. Acha normal e respeita que Malia hoje seja adepta da raiz.

Mas, após 11 anos de direções, osarras os fios crespos como "decisão política".

É comum mulheres negras usarem os cabelos lisos nas EUA. Algumas relatam ter problemas no emprego se aparecerem com o cabelo natural, mas, em geral, é uma questão de gosto.

Gostaria, tudo indica, está mudando. Não deve ser à luz que a capa da última edição da revista "Vogue Teen" mostra um ensaio de modelos negras com os cabelos crespos, o título "Os novos rostos da moda" e a frase de uma delas: "Fique firme. Fique firme. Seja real".

ANEXO O – Incentivo: Segunda Chance

...a compartilhou a foto de De Cacho pra Cacho.
14 de fevereiro

Seu cabelo merece uma segunda chance! #natural



De Cacho pra Cacho
10 de dezembro de 2015
Na foto: Ny Macedo

Curtir Página

Curtir Comentar

126

Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO P – Incentivo: Cabelo Curto



Fonte: Grupo "Transição Depoimento" – Facebook

ANEXO Q – Incentivo: Rapunzel

...a compartilhou a foto de De Cacho pra Cacho.
22 de janeiro

E quem disse que Rapunzel tem que ter cabelo liso e ser loira do olho azul?



De Cacho pra Cacho
22 de janeiro

Na foto: Paula Mello

👍 Curtir Página

👍 Curtir 💬 Comentar

88

Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO R – Cuidados: Tranças

elos sem química

7 de fevereiro

Algumas meninas me conhecem aqui já... fiz BC dia 11 de Dezembro de 2015, ME LIBERTEI TOTALMENTE DA QUÍMICA, mas eu sempre tive vontade de colocar tranças, e com o cabelo curtinho fica melhor ainda de colocar, e ontem resolvi e fiz box braids, e estou amando, e a moça que fez em mim passou a transição de tranças também e ela também adorou! 💕 (Não coloquei porque eu não gostei de fazer BC) Coloquei p matar minhas lombrigas rs
O que acharam??!



Curtir Comentar

162

Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” - Facebook

ANEXO S – Cuidados – Drads



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO T – Cuidados: Peruca



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO U – Referência Gil Vianna



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO V – Referência: Me segue

imentos) Luana

3 de dezembro de 2015

Meninas, Gatas, esse final de semana vou gravar vídeo sobre "como eu finalizei meu cabelo, fitagem, secador" e "minha transição capilar". Se tiverem alguma pergunta que querem que eu responda no vídeo, ou sugestões de temas, deixem aqui no comentário. Beijinhos gatas 🍷🍷🍷🍷
Pra quem ainda não assistiu meu primeiro vídeo, segue o link, é sobre meu pré operatório de silicone - <https://youtu.be/k5O3ag1ORsl>
Se inscrevem lá no canal - Jenyfer Lucena
Snap - jenylnl
Instagram - jenyfucena
Desde já agradeço a todas 🍷🍷🍷🍷🙏🙏



👍 Curtir 💬 Comentar

73

Fonte: Grupo "Transição Depoimento" – Facebook

ANEXO W – Referência: Apoio



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO X – Referência – Eles voltam



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO Y – Relato: Não é moda

dos sem química

5 de janeiro

*****ATENÇÃO!*****

Eu já sei que por causa da discussão que está rolando aqui no grupo, assim que a moderadora ver, eu serei excluída, assim como todas as outras. Mas, não tem problema porque eu estou decepcionada com esse grupo.

Mas, eu não poderia deixar de falar o que eu acho certo.

* 1 CACHOS/BLACK/ENCRESPAR Não é moda. É aceitação. É resistência. O padrão sempre será cabelo liso, quando uma cacheada pôs BC anda na rua, a outra com cabelo liso (natural ou não) fica balançando e rindo da sua cara (acontece muito)

* 2 O objetivo de grupos como esse não é só pra indicar cremes e shampoos, também é para uma se apoiar na outra e enfrentar a transição que não é fácil

Todos os dias lemos relatos de mulheres dizendo que a família critica, os amigos criticam, o parceiro...

Já li relato de mulher com black power que não arrumou emprego porque o entrevistador disse que ela tinha que "tirar esse cabelo"

Já tem UM MUNDO INTEIRO lá fora falando merda, criticando, julgando, dizendo que é modinha. Já perguntaram pra minha amiga com 1 semana de BC "E quando a moda dos cachos acabar o que você vai fazer?"

Tem certeza que vocês querem que esse grupo seja um lugar tão insuportável quanto os salões de beleza e perfumarias?

* 3 O objetivo inicial da pessoa pode até ser porque "tá todo mundo cacheando" e qual é o problema disso? Isso se chama REPRESENTATIVIDADE. Ah mas "só agora bla bla bla" só agora quem tem mais pessoas nesse mesmo barco, só agora que as empresas estão investindo em produtos para cabelos cacheados/crespos só agora que até marcas profissionais de salão de beleza está desenvolvendo reconstrução e outros tratamentos que não modificam a estrutura dos fios. Graças a adesão de um número significativo de mulheres na transição capilar.

Tem muita mulher que não conhece a palavra "empoderamento" mas usa isso diariamente, quando resiste em não alisar o cabelo. Quando ergue a cabeça pra gente criticando.

Ver mulheres cacheadas defendendo um texto que menosprezava a transição capilar, chamando de modinha, dizendo que as cacheadas não tem personalidade porque resolveram deixar natural "só agora" foi demais pra mim.

Não deixem pessoas que nunca alisaram o cabelo pra se incluir em um padrão criticar um movimento que eles só veem de fora, pessoas que

tem mais pessoas nesse mesmo barco, só agora que as empresas estão investindo em produtos para cabelos cacheados/crespos só agora que até marcas profissionais de salão de beleza está desenvolvendo reconstrução e outros tratamentos que não modificam a estrutura dos fios. Graças a adesão de um número significativo de mulheres na transição capilar.

Tem muita mulher que não conhece a palavra "empoderamento" mas usa isso diariamente, quando resiste em não alisar o cabelo. Quando ergue a cabeça pra gente criticando.

Ver mulheres cacheadas defendendo um texto que menosprezava a transição capilar, chamando de modinha, dizendo que as cacheadas não tem personalidade porque resolveram deixar natural "só agora" foi demais pra mim.

Não deixem pessoas que nunca alisaram o cabelo pra se incluir em um padrão criticar um movimento que eles só veem de fora, pessoas que nunca sentiram na pele tudo o que nós cacheadas e crespas já sentimos. Gente que não sabe a importância não só exterior, mas interior da transição capilar.

Parem de competir pra saber quem é a mais empoderada, a mais hidratada, a pioneira dos cachos, a única que não segue a moda e fez porque quis. Isso não importa, isso tem lógica nenhuma!

Beijos de luz!

👍 Curtir 💬 Comentar

👍 120

Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO Z – Relato: Imposições

los sem química

11 de junho

Hoje faz 2 anos! Que tomei uma decisão na minha vida... desde que eu me conheço por gente, eu passava química no meu cabelo, e nem sabia ao menos como ele era ao natural.

então em 11 de julho de 2014, eu decidi parar de fazer progressiva no meu cabelo... fazia uns oito anos mais ou menos que eu fazia progressiva no cabelo, então decidi parar...

eu me achava linda como a progressiva aquilo já era um vício eu tinha que fazer-la regradamente de 2 em 2 meses...e quando decidi parar foi muito difícil...

eu procurava não sair de casa pois me achava horrorosa! Tinha vergonha da minha imagem do meu cabelo sem definição feio... As pessoas me criticavam, ninguém me elogiava, e a minha auto estima estava no chão!

Então eu fui cortando aos poucos para eliminar aquelas pontas lisas que me incomodavam, até que no natal de 2014 eu decidi cortar totalmente as pontas lisas e o meu cabelo ficou muito curto... mas muito mesmo! aí que piorou as coisas, mas pelo menos ele tinha um formato ele estava um pouco cacheado e desde então comecei a cuidar para ele crescer e comecei a gostar...

Tive muita crítica! mas muita mesmo, muitas pessoas me perguntavam o que eu fiz com meu cabelo, o meu cabelo liso era bem melhor, o meu cabelo liso era lindo! mas aquele não era o meu cabelo liso!!!! aquele cabelo não era meu não era à minha identidade!

o MEU cabelo é do jeito que é hoje! como Deus me fez...

hoje estou muito contente com a minha aparência ao natural, me aceitei do jeito que eu sou , e foi uma das melhores decisão que eu já tomei na minha vida!

não foi uma fase fácil superar a minha transição, mas eu superei!!! E hoje onde vou o meu cabelo chama atenção e muitas pessoas me param para elogiá-lo, coisa que não acontecia muito quando eu tinha o meu cabelo liso... que não era meu...

enfim estou dando este relato pois sei que várias pessoas estão passando por essa fase que não é nada fácil mas com força de vontade a gente chega onde quiser...

Feliz 2 anos ao natural!

#meublack #minhaidentidade #cabelonatural #meamandocadavezmais

Curtir Comentar

87

Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO AA – Relato: Mudanças

los sem química

7 de maio

Oi pessoal, sou nova no grupo. Estou a 8 meses em transição, não fiz bc, só cortei ele algumas vezes, estou eliminando a química aos poucos, mas já tirei bastante. Nunca alisei, tipo usar formol, não tinha hábito, usei duas vezes na vida, apenas relaxava ele.

Eu sofri minha vida toda em relação ao meu cabelo, eu sofria preconceito até dentro de casa, comentários muito sem noção, que achavam que não era nada, mas me fazia ficar muito mal.

Eu cresci cheia de complexos cmg, me achava feia, eu mesma passei a falar mal de mim e do meu cabelo, não era uma pessoa segura de mim, falar sobre cabelo para mim era terrível, pq olhavam pra mim, olhavam pro meu cabelo e faziam caras.

O relaxamento detonou meu cabelo, ele era horrível msm, eu não fazia chapinha, não tinha paciência, eu relaxava, e nos dias seguintes eu molhava e prendia, sim eu fazia isso. Não sentia prazer algum em cuidar, eu já estava confirmando com aquele cabelo.

Ano passado em agosto estava decidida a fazer uma definitiva no cabelo, já ia fazer no mês seguinte. E um belo dia eu olhando o YouTube achei vídeos sobre transição capilar, e aquilo foi umas das melhores coisa que já me aconteceu.

Eu ali já mudei meu pensamento, e decidi que ia me aceitar como sou. Cara! Isso me mudou muuuuuuito, me transformou em todos os sentidos, sou outra pessoa. Mudei de dentro para fora, totalmente.

Sou muito grata por isso, hoje sou muito feliz cmg msm, e me sinto linda como nunca me senti antes.

#crespissima #negacrespa #negacacheada #voltandoaoscachos



111

Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO BB – Pós-BC: Satisfação



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO CC – Pós-BC: Evolução



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO DD – Pós-BC: Liberdade



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO EE – Pós-BC: Assumida

mentos)   Luana

  sentindo-se muito feliz.

21 de julho de 2015

Primeiro ano de vida que passei com o cabelo crespo e natural depois da química umulll , ano passado passei meu "niver" de cabelo liso e escrava , este ano livre e crespa ebaaaaaaaa .



 Curtir  Comentar

 138

Fonte: Grupo "Transição Depoimento" – Facebook

ANEXO FF – Raízes



Fonte: Grupo "Transição Depoimento" – Facebook

ANEXO GG – Amor pelo cabelo



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO HH – Reassumir

is sem química

5 de janeiro

Usei química durante dez anos, minha mãe gostava do meu cabelo, mas vendo a minha "revolta" decidi deixar eu alisar, mas sempre frisando que eu ia me arrepender amargamente! E não é que me arrependi.. Mas bem, antes tarde do que nunca.. Aí em julho de 2015 meti a tesoura, não sabia que seria tão incrível a sensação de me reassumir, foi bom e está sendo melhor ainda, pegando nos meus cachinhos.. Coisa mais linda 😊 o negócio é ter foco, e não desistir!

#aceitação #cachos #meamando



Curtir Comentar

84

Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO II – Persistência



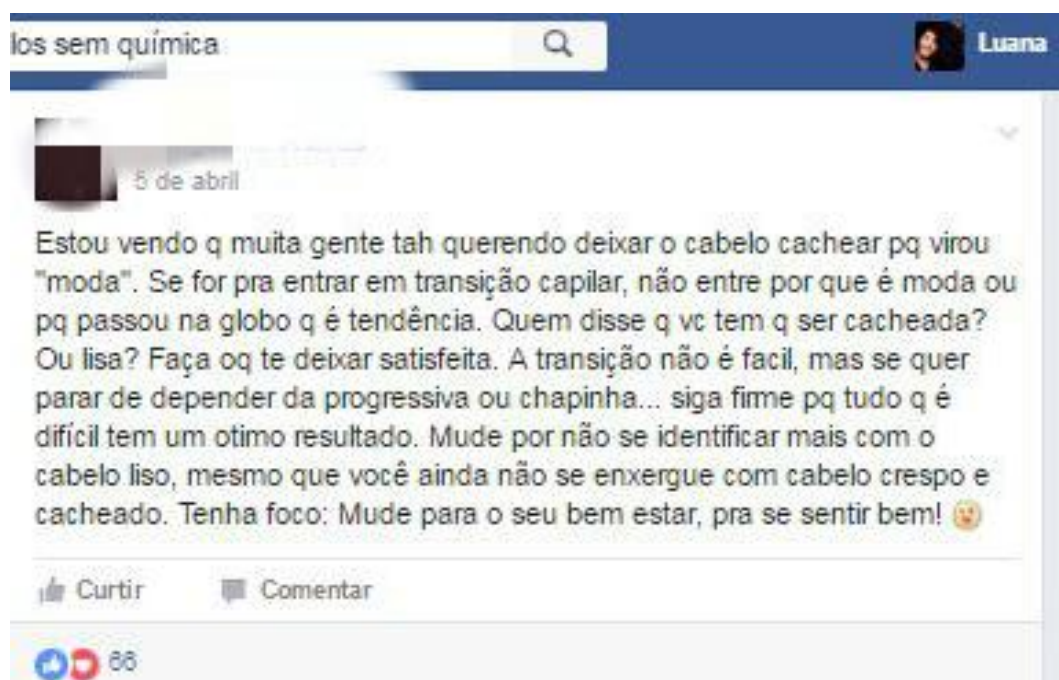
Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO JJ – Não é estética



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO KK – Não é moda



Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO LL – Liberdade Capilar



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO MM – Não desistam

os sem química

1 de fevereiro

Vamos lá meninas!!!
Não desistam.
Oitavo mês de transição, aqui vou eu 😊



10 antes e depois que vão te incentivar se você está em transição capilar

Lindas antes, maravilhosas depois. :
WWW.BUZZFEED.COM

Curtir Comentar Compartilhar

153

3 compartilhamentos 4 comentários

Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO NN – Inspirações

A screenshot of a Facebook post from the group "Transição – Cabelos sem Química". The post is by Luana, dated March 11th, and is shared from "Black is power". The text of the post says "Para as mulheres lindas desse grupo q fizeram BC 😊". It features two side-by-side photos of a woman with short, curly hair. The left photo shows her in profile, and the right photo shows her from the front. Below the photos is a link to a blog post titled "60 inspirações de cabelos crespos e curtos! ~ Central das Divas" with a subtitle "60 inspirações de cabelos crespos e curtos! No comments A história se repete: logo depois da transição capilar, a gente toma coragem e encara o big chop...." and the URL "ACENTRALDASDIVAS.BLOGSPOT.COM". The post has 83 likes, 1 share, and 7 comments.

ps sem química

Luana

Luana Soares via Black is power
11 de março

Para as mulheres lindas desse grupo q fizeram BC 😊

60 inspirações de cabelos crespos e curtos! ~ Central das Divas

60 inspirações de cabelos crespos e curtos! No comments A história se repete: logo depois da transição capilar, a gente toma coragem e encara o big chop....
ACENTRALDASDIVAS.BLOGSPOT.COM

Curtir Comentar Compartilhar

83

1 compartilhamento 7 comentários

Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO OO – Pelos cabelos naturais

los sem química

14 de junho

Por isso que não desisto!
E difícil sim todas nós sabemos mais a recompensa e maravilhosa!!!
Força Meninas
Todos juntas!!
Pelos nossos cabelos naturais novamente!!
Paciência e amor que tudo vai se ajustar!!
Agente chega lá!!!
mmmm

<https://m.facebook.com/story.php...>



Mais Volume - Crespas e Cacheadas adicionou 27 novas fotos.
1 de junho

Sobre a TRANSIÇÃO CAPILAR:
Não Desista 😊😊

Curtir Página

Curtir Comentar

238

Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO PP – Realizada

los sem química

sentindo-se realizada. 🥰
21 de fevereiro

Então já tem um tempo qe qria mudar o visual mais nn tinha coragem... Usei meu cabelo liso a quase 11 anos mais graças a minha amg Raíssa Basílio e minha prima @Sthefani Miranda aah e eh claro todas voocs qe ficavam postando seus BC aki, resolvi ter coragem e mudei ... Fiz o processo do "beleza natural" nessa terça feira aa exatamente 5 dias atrás deixei a progressiva para enfrentar os cachos eeh gnt estou amando!!! Fiquei 4 meses sem química e olha só no qe deu ahah
#nndesistameninas



Curtir Comentar

97

Fonte: Grupo "Transição – Cabelos sem Química" – Facebook

ANEXO QQ – Venci a transição



Fonte: Grupo “Transição – Cabelos sem Química” – Facebook

ANEXO RR – Cabelo é poder



Fonte: Grupo “Transição Depoimento” – Facebook

ANEXO SS – Incentivo é tudo



Fonte: Grupo "Transição Depoimento" – Facebook